



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA
E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
COMPARADA (PPGLC)**

NUESTRO BOLÍVAR:

DA HEROIFICAÇÃO À HUMANIZAÇÃO DA SUA FIGURA NA FICÇÃO

HUGO ELIECER DORADO MENDEZ

Foz do Iguaçu
2021



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA
E HISTÓRIA (ILAACH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
COMPARADA (PPGLC)

NUESTRO BOLÍVAR:

DA HEROIFICAÇÃO À HUMANIZAÇÃO DA SUA FIGURA NA FICÇÃO

HUGO ELIECER DORADO MENDEZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientador: Profa. Dra. Rosangela de Jesus Silva

Foz do Iguaçu
2021

HUGO ELIECER DORADO MENDEZ

NUESTRO BOLÍVAR:
DA HEROIFICAÇÃO À HUMANIZAÇÃO DA SUA FIGURA NA FICÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Rosangela de Jesus Silva (UNILA)

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE)

Prof. Dr. Felipe dos Santos Matias (UNILA)

Foz do Iguaçu, 12 de fevereiro de 2021

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

D693

Mendez, Hugo Eliecer Dorado.

Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção / Hugo Eliecer Dorado Mendez. - Foz do Iguaçu-PR, 2021.

97 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada.

Orientador: Rosangela de Jesus Silva.

1. Bolívar, Simón, 1783-1830. 2. Literatura. 3. Venezuela - História. 4. Romance histórico. I. Silva, Rosangela de Jesus. II. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. III. Título.

CDU 82-31.09

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Rosângela de Jesus Silva, pelo acompanhamento durante o desenvolvimento deste trabalho.

À Banca avaliadora, pela leitura e pelos apontamentos.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa durante o período de realização deste mestrado.

*La historia se escribe en hojas desordenadas.
Los Rodríguez*

RESUMO

A figura de Bolívar é ficcionalizada em romances históricos latino-americanos desde o século XIX até a contemporaneidade. A sua configuração como personagem de ficção passa por diversos momentos de relevância no contexto continental, nos quais a história da sua vida e dos seus feitos adquire novos matizes. Essas construções imaginativas se transformam em textos híbridos de história e ficção que ora convergem ora divergem do discurso histórico oficializado nos contextos nacionais a respeito do Libertador; renarrativizando ou relendo tais episódios do passado. A pesquisa em questão analisa dois romances históricos em que a figura de Bolívar é ficcionalizada sob distintas perspectivas: *Venezuela heroica* (1881-1883), do venezuelano Eduardo Blanco, romance histórico tradicional; e *Mi Simón Bolívar* (1930), do colombiano Fernando González Ochoa, romance de ruptura e precursor das modalidades críticas do gênero romance histórico. A partir do exame dessas obras, buscamos evidenciar dois momentos de relevância na construção ficcional da figura do Libertador: a sua heroificação no final do século XIX e a sua humanização no início do século XX. Procuramos mostrar como esses processos literários operam na diegese dos romances, apontando para as estratégias narrativas, os recursos escriturais e as ideologias que perpassam as obras. Ademais, visamos compreender como esse tipo de escrita literária se vincula aos movimentos políticos, sociais, culturais e intelectuais no contexto latino-americano. Isto é, denotar como a ficcionalização de Simón Bolívar sob distintas perspectivas corresponde, também, à época em que os romances escolhidos se escrevem e publicam. A sustentação teórica dessa abordagem encontra respaldo nos estudos de Burke (1992), Aguirre (2004), Fleck (2017), Zea (1972), Aínsa (1991), Menton (1993), Fernández Prieto (2003) entre outros.

Palavras-chave: Simón Bolívar. Literatura. História. Romance histórico.

RESUMEN

La figura de Bolívar es ficcionalizada en novelas históricas latinoamericanas desde el siglo XIX hasta la contemporaneidad. Su configuración como personaje de ficción pasa por diversos momentos de relevancia en el contexto continental, en los cuales la historia de su vida y sus actos adquiere nuevos matices. Esas construcciones imaginativas se transforman en textos híbridos de historia y ficción que ora convergen ora divergen del discurso histórico oficializado en los contextos nacionales sobre el Libertador; renarrativizando o relejendo tales episodios del pasado. La investigación en cuestión analiza dos novelas históricas en que la figura de Bolívar es ficcionalizada sobre distintas perspectivas: *Venezuela heroica*, del venezolano Eduardo Blanco, novela histórica tradicional; y *Mi Simón Bolívar* (1930), del colombiano Fernando González Ochoa, novela de ruptura y precursora de las modalidades críticas del género novela histórica. A partir del examen de esas obras, buscamos evidenciar dos momentos de relevancia en la construcción ficcional de la figura del Libertador: su heroificación al final del siglo XIX y su humanización al inicio del siglo XX. Procuramos mostrar cómo esos procesos literarios operan en la diégesis de las novelas, señalando las estrategias narrativas, los recursos escriturales y las ideologías que se desarrollan en las obras. Además, visamos comprender cómo ese tipo de escritura literaria se vincula con los movimientos políticos, sociales, culturales e intelectuales en el contexto latinoamericano. Es decir, denotar como la ficcionalización de Simón Bolívar sobre distintas perspectivas corresponde, también, a la época en que las novelas escogidas se escriben y publican. La sustentación teórica del presente estudio encuentra respaldo en los estudios de Burke (1992), Aguirre (2004), Fleck (2017), Zea (1972), Aínsa (1991), Menton (1993), Fernández Prieto (2003) entre otros.

Palabras clave: Simón Bolívar. Literatura. Historia. Novela histórica.

ABSTRACT

Bolívar's figure is fictionalized in Latin American historical novels from the 19th century to the present day. His configuration as a fictional character goes through several moments of relevance in the continental context, in which the story of his life and his achievements takes on new nuances. These imaginative constructions are transformed into hybrid texts of history and fiction that sometimes converge and sometimes diverge from the official historical discourse in national contexts regarding the Liberator; re-categorizing or re-reading such episodes from the past. This current research analyzes two historical novels in which the figure of Bolívar is fictionalized from different perspectives: *Venezuela heroica* (1881-1883), by the Venezuelan Eduardo Blanco, a traditional historical novel; and *Mi Simón Bolívar* (1930), by Colombian Fernando González Ochoa, a rupture novel and a precursor to the critical modalities of the historical romance genre. From the examination of these works, we seek to highlight two moments of relevance in the fictional construction of the figure of the Liberator: his heroization at the end of the 19th century and his humanization at the beginning of the 20th century. We attempt to show how these literary processes operate in the diegesis of novels, pointing to narrative strategies, scriptural resources and the ideologies that permeate the works. Furthermore, we aim to understand how this type of literary writing is linked to political, social, cultural and intellectual movements in the Latin American context. That is, to denote how the fictionalization of Simón Bolívar from different perspectives also corresponds to the time when the chosen novels were written and published. The theoretical support for this approach is supported by studies by Burke (1992), Aguirre (2004), Fleck (2017), Zea (1972), Aínsa (1991), Menton (1993), Fernández Prieto (2003) among others.

Keywords: Simón Bolívar. Literature. History. Historical novel.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 VENEZUELA HEROICA (1881-1883): O SÉCULO XIX, SURGIMENTO DA FIGURA DO LIBERTADOR | 21 |
| 1.1 VENEZUELA HEROICA (1881-1883): O SOL E O LÍDER FUNDACIONAL | 33 |
| 2 MI SIMÓN BOLÍVAR (1930): A HUMANIZAÇÃO DO HERÓI | 55 |
| 2.1 MI SIMÓN BOLÍVAR (1930): O LIBERTADOR EM UMA MULA | 66 |
| 2.2 MI SIMÓN BOLÍVAR (1930): A MANUTENÇÃO DO PERFIL HEROICO | 799 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 833 |
| REFERÊNCIAS | 91 |

INTRODUÇÃO

Em 2002, na Colômbia, estreou o filme: *Bolívar soy yo*, dirigido por Jorge Ali Triana. O enredo do filme trata da história de um ator, Santiago Miranda, que representa a personagem de Simón Bolívar em diversas séries, novelas e filmes. Pela recorrência da sua caracterização como Bolívar, o ator já tem internalizado as maneiras e a personalidade da personagem na sua vida cotidiana. No início do filme, Santiago Miranda, discordando do roteiro escrito para o final de uma novela sobre Bolívar, decide abandonar o estúdio de gravação, negando-se a voltar até que o roteirista modifique a cena final. A comédia satírica se desenvolve a partir da saída do ator Santiago Miranda dos estúdios de gravação, vestindo ainda as roupas da personagem Bolívar. A fama do ator e a sua caracterização como a personagem do Libertador fazem com que, pouco a pouco, e mediante um jogo cômico-novelesco, Santiago Miranda e Simón Bolívar se amalgamem num só. O que no começo do filme parece ser uma simples confusão das pessoas que encontram o ator caracterizado do Libertador na rua, acreditando que ele seja realmente Bolívar, passa a ser uma convenção social: Bolívar está de volta. O próprio ator Santiago Miranda, num estado de delírio lúcido, parece acreditar ser Simón Bolívar. O enredo avança alcançando grandes conflitos em que se veem envolvidos desde o presidente da República e as forças militares do país, até os chefes das guerrilhas armadas da Colômbia: todos esses, apesar das ideologias antagônicas entre si, reconhecem a autoridade do “falso” Bolívar, e o reclamam como símbolo das suas causas.

O filme possui características metaficcionalis e se desenvolve num tom satírico crítico, destacando a importância com que conta, ainda no século XXI, a figura do líder independentista. No filme, da reivindicação da personagem Bolívar e do seu legado por diversos grupos políticos, militares e insurgentes, muitos deles divergentes entre si, surge uma questão fundamental que tem sido discutida desde o século XIX: quem foi Simón Bolívar?

No presente estudo, centramo-nos nessa figura de relevância no âmbito da emancipação da América Hispânica: Simón Bolívar (1783-1830)¹. Pretendemos nos

¹ Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios Ponte-Andrade y Blanco (Caracas, 1783 — Santa Marta, 1830). Foi um caudilho, militar e político venezuelano que liderou uma das principais campanhas independentistas e emancipatórias da América. Suas ações, no campo militar e político, permitiram a independência política e a fundação da Colômbia, da Venezuela, do Equador, do Peru, do Panamá e da Bolívia; e influenciaram nas emancipações de outras regiões da América. A quimera de

introduzir no universo das narrativas ficcionais que recriam a vida e os feitos do Libertador a partir de duas obras literárias: *Venezuela heroica* (1881-1883)², do venezuelano Eduardo Blanco, e *Mi Simón Bolívar* (1930), do colombiano Fernando González Ochoa.

Interessa-nos explorar as construções plurais de Simón Bolívar, frutos de processos de escrita em que interferem elementos da mais variada ordem, desde o contexto de produção de uma determinada obra, passando pelas prerrogativas que regem as produções da área de conhecimento em que dita obra se classifica, até as particularidades dos sujeitos que assumem a enunciação. Nas leituras dos romances que aqui pretendemos examinar, deparamo-nos com narrativas de estrutura caleidoscópica que nos outorgam múltiplas visões e perspectivas da figura de Bolívar. Esses “Bolívares”, nos termos de Cobo Borda (1989), compostos de distintas vozes, tempos e registros, formam figuras da personagem histórica que, comparadas entre si, possuem tantos pontos de contato e semelhanças quanto diferenças e alterações.

A figura de Simón Bolívar, segundo aponta Harwich (2003), começa a ser explorada na historiografia e na literatura após as proclamações das repúblicas e o fim das guerras independentistas nos diversos territórios do continente. Nesse período, no afã de construir as memórias das nações recém-formadas, dando-lhes seus heróis, entre conflitos internos, disputas e divergências, as jovens historiografias e literaturas latino-americanas adotaram procedimentos de escrita análogos aos europeus³. Não se poupou nos traços de heroísmo, coragem, determinação, valentia e outros aspectos heroificadores para a construção discursiva desses sujeitos “modelo”. Foram essas figuras consagradas e idealizadas, da mesma forma como foram pelo discurso europeu os conquistadores e colonizadores.

A respeito desse processo de construção discursiva dos heróis pátrios para a formação do Estado-nação na América Latina durante os séculos XIX e XX, Carlota Casalino Sen (2008), aponta que:

uma grande e única “pátria americana” – da qual pretendeu ser líder –, que integrasse os povos americanos, desde o México até a Argentina, passando inclusive pelo Caribe, foi o seu principal projeto político. O seu legado de luta e resistência tem sido adotado e desenvolvido, até a atualidade, por diversos grupos políticos, militares e sociais, cada um com perspectivas distintas.

² A obra teve a sua primeira edição no ano de 1881, mas uma segunda edição ampliada foi publicada em 1883. A partir desse texto de 1883 foram editadas e publicadas as edições até a contemporaneidade. No presente texto, trabalhamos com a edição ampliada da obra, isto é o texto de 1883, na sua edição de 1952.

³ A respeito desse analogismo entre as escritas historiográficas e literárias europeias e americanas no século XIX, recomendamos a leitura do texto *Entre el canon y el corpus: alternativas para los estudios literarios y culturales en y sobre América Latina* (1991), do crítico argentino Walter Mignolo.

[...] *se trata de una construcción simbólica común a la formación de las sociedades y uno de los sustentos culturales de todas ellas. Cada hito sobresaliente del devenir de las sociedades está asociado a determinados personajes de la propia comunidad que cumplen la función de ancestro y contribuyen a fortalecer y lograr la cohesión entre ellos. La presencia de estas figuras – que a su vez representan valores, tradición y principios de cada sociedad – van construyendo identidades respecto a los suyos. Así, la imagen de la heroicidad contribuye a desarrollar el sentimiento de pertenencia en cada uno de los miembros de la comunidad.* (CASALINO SEN, 2008, p. 30).

Os chefes militares e intelectuais independentistas passaram por um processo histórico discursivo pelo qual resultaram idealizados e heroificados, mitificados e exaltados como sujeitos modelos às nações recém-fundadas. A figura de Simón Bolívar, líder político e militar das maiores campanhas independentistas da América do Sul, passaria por esse processo discursivo de idealização e sacralização na história. Foi configurado pelo discurso historiográfico como um homem de caráter idôneo, cujos feitos e façanhas seriam só comparáveis com os de Jesus Cristo (NAHÓN SERFATY et al., 2010) ou Alexandre Magno (KEY AYALA, 2017). Nessas primeiras obras históricas, vinculadas à vertente filosófica do positivismo, segundo expressa Harwich (2003), o Libertador “*adquiriría una dimensión excepcional*” (HARWICH, 2003, p. 10).

Natalia Majluf (2013), no seu estudo sobre a transição da figura representativa do poder no território americano durante a época das independências, comenta sobre a instauração da figura de Bolívar como representante do poder militar e político nas Repúblicas independentes de Peru, Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela. Para a pesquisadora, houve uma “*intensa campaña de exaltación de la imagen del libertador, que se manifestaría en medallas, retratos, fiestas y otras celebraciones públicas*” (MAJLUF, 2013, p. 98). Essa “campanha de consagração histórica” acabou situando a figura de Bolívar numa posição simbólica de poder análoga àquela que ostentava o rei espanhol durante o período colonial.

Essa dimensão ou lugar excepcional em que a imagem de Bolívar foi configurada atravessou a fronteira da história e das artes e veio habitar, também, as páginas da literatura romanesca da América Latina. As renarrativizações da vida e dos feitos de Bolívar pela literatura, no primeiro momento, dispensaram a criticidade com relação ao discurso historiográfico e corroboraram, a partir da escrita romanesca, o estabelecido pelos primeiros textos históricos referentes à vida e aos feitos de Bolívar.

Nesse sentido, como aponta Doris Sommer (2004): *“El romance y la república a diseñar con frecuencia estuvieron unidos, como dije, a través de los autores que prepararon proyectos nacionales en obras de ficción e implementaron textos fundacionales a través de campañas legislativas o militares”* (SOMMER, 2004, p. 23).

Assim, por meio das narrativas históricas e das artes se ergueu o “herói de mármore” (AÍNSA, 1991), ao qual foram conferidos atributos e aptidões que perduram no imaginário social e que podem ser verificadas em diversas obras. Entre elas: *Venezuela heroica* (1881-1883); *Las lanzas coloradas* (1931); *Setenta días con Su Excelencia (Novelización del diario de Bucaramanga)* (1944); *Bajo las banderas del Libertador (Simón hijo de América)* (1970); *Los sueños de un Libertador* (2009); *Todo llevará su nombre* (2014), entre outras. Essas obras comungam com a historiografia de vertente positivista a consagração dos “grandes heróis pátrios”, como é o caso de Simón Bolívar, apagando ou encobrendo aspectos negativos da sua vida e dos seus feitos. Isto posto, podem ser classificadas como romances históricos tradicionais, modalidade do gênero que será descrita em seguida.

No entanto, novas perspectivas foram adotadas tanto na historiografia quanto na literatura no século XX. Os processos de renovação nas metodologias e nas formas de composição em ambas as áreas intensificaram a produção de obras em que o passado é revisitado e relido de maneiras diversas. As obras produzidas sob essas novas vertentes teóricas se centraram na desconstrução das “verdades absolutas” pregadas pela história positivista e pela literatura nacionalista romântica de cunho tradicional. No gênero romance histórico, as narrativas passaram a abrir espaços para as vozes marginalizadas e ex-cêntricas do passado e incorporaram dentro da diegese uma série de estratégias escriturais e discursivas desconstrucionistas, como a carnavalização das personagens históricas, o emprego de recursos metaficcionais na releitura do passado e a intertextualidade, entre outras. Esses recursos literários deram às obras maior criticidade em relação à história, abrindo espaços dentro das narrativas para questionar o discurso oficializado pelo poder hegemônico. Aínsa (1991) analisa o processo de desconstrução operado dentro dos romances históricos em relação às personagens consagradas pela historiografia latino-americana:

La escritura paródica nos da, tal vez, la clave en que se puede sintetizarse la nueva narrativa histórica. La historiografía, al ceder a la mirada demoledora de la parodia ficcional, a la distancia crítica del descreimiento novelesco que transparente el humor, cuando no el

grotesco, permite recuperar la olvidada condición humana. Gracias a la ironía, la 'irrealidad' de los hombres convertidos en símbolos en los manuales de historia recobran su 'realidad' auténtica. La deconstrucción paródica rehumaniza personajes históricos transformados en 'hombres de mármol'. (AÍNSA, 1991, p. 85, destaque nosso).

Esse processo de humanização dos heróis nacionais e continentais pode ser verificado em diversos romances históricos que tratam da vida e dos feitos de distintos personagens do passado. Tais processos literários operados nos romances históricos que configuram, especificamente, a personagem de Simón Bolívar, são os que pretendemos aqui destacar.

Quanto à relação entre história e literatura, acreditamos que ambas as áreas dialogam e se complementam no intuito de revisitar e recriar o passado. Os relatos históricos ou ficcionais permanecem subordinados aos parâmetros da linguagem – na qual não existe imparcialidade (BARTHES, 1988) –, sendo frutos, assim, de uma série de seleções subjetivas em que se discriminam dados, registros, pontos de vista etc. De tal modo, como aponta Linda Hutcheon (1991), há a impossibilidade de recuperar os episódios do passado “como de fato ocorreram”, dado que as versões que chegam até nós são discursos ordenados ideologicamente.

As leituras dos episódios pretéritos realizadas pela história e pela literatura compartilham, nessa perspectiva, a qualificação de “construções de realidade”, produtos escorados nas prerrogativas de cada gênero. Assim, como afirma Cecilia Fernández Prieto (1994),

[...] lo que consideramos realidad y lo que consideramos ficción depende de convenciones culturales y sistemas de creencias. De ahí que la frontera entre ambas categorías sea porosa e inestable. No cabe hablar de un salto ontológico entre lo real y lo ficcional, sino siempre de formas de interrelación que se actualizan en modos y grados distintos según los códigos de género. (FERNÁNDEZ PRIETO, 1994, p. 121).

Nesse sentido, como aponta Chartier (1990), o cerne fundamental dos debates contemporâneos se centra em questionar as delimitações entre as áreas, delimitações que outrora eram aceitas com unanimidade. O historiador francês Chartier (1990), assim como a teórica literária espanhola Fernández Prieto (1994), coincidem na necessidade de rever e reformular as noções de “realidade” e “ficção”, aplicadas tanto à literatura quanto aos estudos historiográficos, dado que “nenhum texto — mesmo aparentemente

mais documental, mesmo o mais “objectivo” (por exemplo, um quadro estatístico traçado por uma administração) – mantém uma relação transparente com a realidade que apreende” (CHARTIER, 1990, p. 63).

Desse modo, como apontam Albuquerque e Fleck (2015), ao considerarmos o caráter real ou ficcional de uma determinada representação como “uma estratégia convencionada no âmbito de uma comunidade linguística, torna-se cada vez mais complicado encontrar diferenciações e explicações convincentes para se apresentar, de maneira lógica e clara, os discursos históricos e ficcionais como construções distintas” (ALBUQUERQUE & FLECK, 2015, p. 35).

Isso, no entanto, não faz com que o texto ficcional seja o mesmo que o texto histórico. Para Fleck (2005), os produtos escritos da tarefa literária e historiográfica, embora se assemelhem, nunca serão iguais, “já que a intenção que move uma não é a mesma que impulsiona a outra. História é ciência, e literatura é arte. Sendo assim, algumas abordagens e métodos empregados no cumprimento de seus objetivos podem até ser compartilhados, mas o que as diferencia é o fim que as move” (FLECK, 2005, p. 30). O romance, como aponta o historiador Peter Gay (2010), “fornece reflexos muito imperfeitos” da sociedade, como um “espelho que distorce” a realidade (GAY, 2010, p. 18). Essa distorção, como aponta Chalhoub, é intencional, dado que a literatura “busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou espelho da matéria social que representa e sobre a qual interfere” (CHALHOUB, 2003, p. 92).

Ao contar os episódios pretéritos do desenvolvimento da sociedade, literatura e história percorrem veredas análogas, mas não iguais. No ato de narrar os acontecimentos do passado,

[...] A narrativa ficcional pode fazê-lo alterando o tempo cronológico por intermédio das variações imaginativas que a estrutura auto-reflexiva de seu discurso lhe possibilita, dada a diferença entre o plano do enunciado e o plano da enunciação. A narrativa histórica desenrola-o por força da mímeses, em que implica a elaboração do tempo histórico, ligando o tempo natural ao cronológico. (NUNES, 1988, p. 34).

Para White (1992), as narrativas históricas compartilham com as literárias o fato de serem “ficções verbais”, isto é, construções híbridas que transitam entre a invenção e a descoberta, entre a arte e a ciência. Até o século XIX, como aponta Ivânia Aquino

(2016), “a literatura e a história eram tomadas como conhecimentos provenientes da mesma fonte, irradiações do mesmo foco de luz” (AQUINO, 2016, p. 13). O desentendimento entre ambas as áreas a partir do século XIX, segundo aponta White (1992), deveu-se: por um lado, aos parâmetros do discurso científico positivista, que negava a validade das construções literárias como fontes válidas de investigação; e por outro, aos fundamentos do romantismo literário que buscava se afastar do cientificismo pragmático da historiografia. Sobre esse período de hegemonia do positivismo e do romantismo na historiografia e na literatura, respectivamente, discutimos na primeira parte do presente estudo.

Na contemporaneidade, a distinção entre as áreas se faz cada vez menos sólida a partir da compreensão de que os registros históricos oficializados e não oficializados podem ser matéria literária e que o romance, como aponta Gay (2010, p. 19), “têm muito a dizer aos historiadores”; isto é, uma relação recíproca entre ambas as áreas. Nesse sentido, na contemporaneidade, busca-se estabelecer entre história e literatura uma “contenda pela representação da realidade”; “em vez de uma guerra de trincheira, [...] um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos, hibridismos”, como aponta o historiador italiano Carlo Ginzburg (2007, p. 9).

A respeito dessa trajetória histórica de inter-relações entre os discursos histórico e ficcional, Fleck (2017), aponta, com ressalvas, três etapas que devem ser consideradas:

aquela que se refere às escritas híbridas antes do romantismo europeu; a instauração do gênero romance histórico na fase da separação entre as áreas, ocorrida durante o romantismo europeu; e a fase atual, em que, resguardadas as características fundamentais de cada uma das áreas, conforme já mencionado, ambas são consideradas produtos de linguagem, construções discursivas sujeitas às condições especiais de produção que as cerceiam. Temos, assim, sinteticamente, os períodos de união, separação e conciliação, com ressalvas, entre os discursos histórico e ficcional. (FLECK, 2017, p. 23).

No contexto latino-americano atual, o diálogo entre literatura e história é ainda mais intenso devido à necessidade de um exaustivo trabalho de releitura e ressignificação do nosso passado, repleto de lacunas e incertezas. Assim, o hibridismo inerente à tarefa intelectual de revisitação, releitura e reescrita do passado é um elemento fundamental na nossa concepção crítica dos relatos produzidos nas duas áreas do conhecimento. Trata-se de um debate que ainda permanece aberto “em torno da

verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerência do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginada do real” (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 10). Concordamos, desse modo, com a pesquisadora brasileira Heloísa Costa Milton (1992) quando afirma que a literatura,

[...] não compete com a história na apreensão dos acontecimentos. Ao contrário, solidariza-se ao empreender a busca de uma mesma matéria – o passado remoto ou o próximo; utilizar-se de um instrumental comum – a linguagem; valer-se igualmente da imaginação e da reflexão para a produção de resultados. [...] O romance, portanto, não invade as dependências alheias. Antes, apresenta-se muitas vezes como um especial colaborador que, ao conferir dimensão simbólica à história, enseja novas formas de reflexão, outras verdades, inesperadas iluminações. Por outro lado, ele também vai de encontro às inquietudes e indagações, recobrando as excelências do passado e projetando dali os seus sentidos. (COSTA MILTON, 1992, p. 183).

A literatura, concomitantemente à história, é um instrumento fundamental para a formação do imaginário social e político. Assim como a crítica literária, o historiador Peter Gay (2010) considera que o romance se encontra “na intersecção estratégica entre a cultura e o indivíduo, o macro e o micro, apresentando ideias e práticas políticas, sociais, religiosas, desenvolvimentos portentosos e conflitos memoráveis, num cenário íntimo” (GAY, 2010, p. 16).

As estreitas relações entre história e ficção rendem, no nosso continente, múltiplas produções literárias. O romance histórico se constitui como um gênero literário em cuja tessitura ficcional se combinam aspectos do discurso historiográfico com as premissas da ficção. Isso propõe uma abordagem dialógica à história por meio da arte romanescas ao construir-se uma narrativa que relê o passado, guiada por certa ideologia originária do âmbito artístico. Essa forma de escrita, como aponta Santos (1996), “pelo fato de ser uma manifestação em prosa, de possuir um cunho narrativo e de consistir num discurso que incide sobre uma realidade vivida, recuperando aspectos da vida corrente, passa a dividir com a historiografia a função de organizar os fatos em uma ordem discursiva” (SANTOS, 1996, p. 9 apud AQUINO, 2016, p. 16).

Por meio das distintas modalidades do gênero, nessas produções romanescas se constroem discursos de distinta índole. Discursos que: ora contribuem para (re)criar historiografias nacionais e difundir e apontar para os caminhos que as nações devem seguir, segundo os preceitos daqueles que ocupam o poder, configurando passados e

presentes ideias para a concretização de projetos nacionais; ora desconstruem e subvertem os estamentos fixados pela historiografia, questionando, e inclusive desmantelando, as bases discursivas que sustentam tais projetos nacionais, seus heróis e suas ideologias.

Dessa forma, por meio da literatura híbrida, aqueles conflitos históricos das distintas nações são postos em foco novamente, mas desta vez examinados, relidos e ressignificados sob a lente da ficção. Episódios problemáticos do passado, que ao nosso ver podem ser lidos como metonímias da própria América Latina, recriam-se, pela arte romanesca, no romance histórico, leitor privilegiado dos signos da história (COSTA MILTON, 1992). Assim, como apontam Albuquerque e Fleck (2015), “frente a essas situações históricas não resolvidas nos discursos assertivos da historiografia é que as escritas híbridas de história e ficção ganham, na América Latina, as suas mais profundas significações” (ALBUQUERQUE & FLECK, 2015, p. 15).

A respeito da figura de Simón Bolívar, o imaginário literário latino-americano tem se alimentado das diversas fontes sociológicas e históricas redigidas no continente. De tal forma, no acervo de romances históricos produzidos sobre essa figura histórica, podemos encontrar obras que fundamentam suas narrativas nas bases das diversas modalidades do gênero, isto é, romances tradicionais, novos romances históricos latino-americanos, metaficções historiográficas e, ainda, romances contemporâneos de mediação – última das modalidades do gênero apontada pelos estudos de Fleck (2017). Essas obras mostram perfis de Bolívar tão variados e complexos que se torna impossível construir um discurso unânime a respeito dessa figura histórica.

O literato e jornalista Juan Gustavo Cobo Borda analisa as múltiplas representações de Bolívar na sua obra *Los nuevos Bolívares* (1989). Para o autor, “[...] *al escribir sobre Bolívar cada cual, americano o español, proyectaba su Bolívar, poniendo en él lo que ya traía consigo. Simpatías, admiraciones, odios e ideales: su propia vida*” (COBO BORDA, 1989, p. 7).

A produção de romances históricos tradicionais, que comungam com o discurso historiográfico hegemônico em torno à figura de Bolívar, é vasta no âmbito latino-americano. Esse tipo de romances históricos, que louvam a figura de Bolívar como herói consagrado pela história, podem ser rastreados desde o final do século XIX até a presente década, isto é, estendem-se do romantismo à contemporaneidade. Essa modalidade de romance histórico, no entanto, perde seu protagonismo no âmbito literário a partir da segunda metade do século XX (FLECK, 2017), com o surgimento

das modalidades críticas do gênero: o novo romance histórico latino-americano e as metaficcões historiográficas.

Diversos estudos têm sido realizados a respeito dessas novas configurações ficcionais de Simón Bolívar na literatura latino-americana. Destacamos, entre elas, algumas pesquisas que integram a análise comparativa de diversas obras focalizadas na figura do Libertador.

Juan Gustavo Cobo Borda, no final da década de 80 do século passado, desenvolveu uma pesquisa sobre as distintas configurações de Bolívar nas letras latino-americanas em *Los nuevos Bolívares* (1989). Aí, Cobo Borda reúne a análise de sete obras sobre o Libertador, a saber: *Bolívar y la revolución* (1984); *Yo, Bolívar rey* (1986); *La ceniza del libertador* (1987); *La esposa del Dr. Thorne* (1988); *Bolívar, de San Jacinto a Santa Marta. Juventud y muerte del libertador* (1988); *Muy cerca de Bolívar* (1988); e *El general en su laberinto* (1989). O estudioso apresenta as obras e aponta não só para a multiplicidade de perspectivas sob as quais essas configurações se arquetam, mas também para uma notável mudança do perfil ficcional de Bolívar no período do *boom* da literatura latino-americana. Esses “novos Bolívares” do *boom* possuem algo em comum: a humanização na sua construção discursiva. Isto é, abandona-se a idealização exacerbada da figura de Simón Bolívar, o qual passa a ser representado nas narrativas, por meio do processo de humanização, como um homem comum, com seus grandes defeitos e virtudes. No entanto, o próprio Cobo Borda reconhece que tal configuração do Libertador, mais humano e próximo ao contexto latino-americano, engrandece e consagra a sua figura; como acontece, por exemplo, na obra de García Márquez, *El General en su Laberinto* (1989). Aí, “García Márquez desmitifica el perfil romano de sus estatuas (de Bolívar) y nos lo ofrece, reducido y por ello mismo mucho más grande, en la humana dimensión de sus 1.65 metros” (COBO BORDA, 1989, p. 20).

Os processos de desconstrução pela ficção da figura de Bolívar também são abordados por Pierre Edinson Díaz Pomar e Alicia Ríos, nas suas obras *La imagen de Bolívar en la literatura andina* (2007) e *Nacionalismos banales: el culto a Bolívar* (2013), respectivamente. Ambos os pesquisadores, após transitar por algumas obras que retratam a figura do Libertador, concluem, entre outros aspectos, que, apesar da presença desses processos de humanização e desconstrução em algumas narrativas ficcionais do final do XX e início do XXI, o culto a Bolívar nas letras da América Latina se mantém.

A esse mesmo entendimento chegamos após a leitura da obra organizada pelas pesquisadoras Alicia Chibán e Elena Altuna, *En torno a Bolívar: imágenes, imágenes* (1999). Trata-se de uma recopilação de ensaios e artigos que abordam as distintas configurações ficcionais de Bolívar, principalmente a partir do *boom* da literatura latino-americana. Os romances e obras analisadas, inseridas no que as pesquisadoras chamam de “ciclo” literário bolivariano, apresentam um Bolívar que já é “*una tercera persona, una ausencia llenada con imágenes que se gestan desde la singularidad y los requerimientos de cada momento histórico, cuando no desde las más diversas intencionalidades e ideologías.*” (CHIBÁN & ALTUNA, 1999, p. 13-14). Os artigos e ensaios que compõem a obra apontam, entre suas especificidades, para um fator comum entre as narrativas que examinam: a humanização e latino-americanização de Simón Bolívar.

No presente estudo, buscamos apresentar dois momentos que antecedem às configurações ficcionais de Simón Bolívar no *boom* da literatura latino-americana. Assim, dedicamos a primeira parte deste estudo à análise do romance *Venezuela heroica* (1881-1883), como uma obra ficcional que, em sincronia com a historiografia de cunho positivista do continente, estabelece as bases do discurso oficializado a respeito da figura do Libertador. Apontamos para as características escriturais e narrativas do romance de Blanco (1881-1883) para compreendermos o processo de heroificação e consagração da figura histórica na literatura latino-americana. Ademais, sublinhamos aspectos do contexto histórico em que a obra é redigida e publicada, vinculando aspectos que consideramos relevantes para a compreensão da escrita de obras do gênero romance histórico no contexto continental americano.

Na segunda parte, destacamos uma obra que antecede às produções do *boom* e *post-boom* sobre a figura do Libertador: *Mi Simón Bolívar* (1930), do literato colombiano Fernando González Ochoa. Apontamos para essa obra como um romance pioneiro na releitura crítica da história oficializada sobre Bolívar dentro do gênero romance histórico. Na análise, destacamos os procedimentos literários pelos quais se opera a humanização da figura histórica, característica principal dessa releitura crítica da história. Do mesmo modo, destacamos aspectos fundamentais do contexto político, social e intelectual da época de escrita e publicação da obra, a fim de refletir sobre a escrita de obras do gênero romance histórico no contexto latino-americano. Nosso intuito com a presente pesquisa, então, é colaborar no âmbito intelectual com o avanço dessas investigações sobre a configuração ficcional da figura de Simón Bolívar, campo

de estudo que, como verificamos brevemente, leva décadas em construção e continua ainda hoje em voga.

Para o desenvolvimento deste estudo utilizaremos como base teórica, principalmente, textos de quatro áreas diversas, a saber: historiografia, teoria e crítica literária e literatura. Partiremos das conceituações básicas sobre o romance histórico e as suas respectivas modalidades em obras como Fleck (2015-2017), Lukács (2011), Fernández Prieto (2003), Menton (1993), entre outros. Buscamos compreender as relações históricas, literárias, culturais e sociais dos elementos formadores desta escrita híbrida no contexto latino-americano.

Faz-se necessário, também, considerar a historiografia, não só da figura em destaque, Simon Bolívar, mas também das comunidades e dos povos que a projetam por meio da sua cultura e expressão social. Desta forma, sublinhamos a relevância da incursão histórica como exercício metodológico. Entre os textos bases deste levantamento historiográfico estão: Larrazábal (1938), Kohan (2013), Silvio Julio (1931), Carlota Casalino Sen (2008), Sañudo (1925), entre outros. Por outro lado, deveremos realizar uma breve descrição das árduas pesquisas que já foram realizadas sobre as representações artísticas relacionadas à figura de Bolívar. Assim, fundamentamo-nos nas obras de Cobo Borda (1989), Chibán e Altuna (1999), Amortegui (2017), Raquel Rivas Rojas (2002), entre outros.

1 VENEZUELA HEROICA (1881-1883): O SÉCULO XIX, SURGIMENTO DA FIGURA DO LIBERTADOR

“Que hombres! Astros brillantes en aquel grupo de estrellas cuyo sol fué Bolívar, cada uno de ellos, en lo porvenir, su órbita alcanzará luz propia y llegará a las futuras generaciones con el ejemplo de sus virtudes republicanas, honra y gloria a la patria” (BLANCO, 1952,] p. 47-48).

O trecho citado corresponde ao romance *Venezuela heroica* (1952), escrito pelo literato, político e militar Eduardo Blanco (1838-1912). Trata-se de uma das obras romanescas mais importantes do século XIX a respeito da vida e dos feitos de Simón Bolívar e das campanhas independentistas por ele comandadas. Sua relevância radica em dois eixos principais: por um lado, na árdua tarefa de recopilação de registros e documentos históricos relacionados às inúmeras batalhas e movimentos políticos do Libertador pela emancipação, entre 1810 e 1821; e por outro, na utilização de uma linguagem poética, que mistura aspectos da poesia lírica e da épica, ora evidenciando as mais profundas emoções do povo latino-americano pela conturbada guerra independentista ora exaltando com tom idealizador as façanhas dos heróis pátrios que lutaram pela emancipação. Essa combinação de estilos de escrita —da literatura e da historiografia — dentro da prosa proporciona ao romance um hibridismo acentuado no tratamento do material histórico, uma *“mezcla de realidad y fantasía, de verismo y entusiasmo lírico”* (KEY AYALA, 1920, p. 189). O romance, como aponta a pesquisadora Raquel Rivas Rojas (2002), consegue reviver as façanhas da gesta emancipatória detalhadamente, a partir da escrita híbrida de história e ficção.

No trecho acima citado, evidenciamos o projeto literário empreendido por Blanco (1952): a exaltação das ações emancipatórias da época independentista desenvolvidas por esses *astros brillantes*, cujo centro foi a figura de Bolívar; um sol sob o qual orbitam o resto de “estrelas” históricas. O chamado Libertador passa a ser configurado no imaginário social como o “herói nacional e continental”; uma das tantas figuras fundacionais e consolidadoras dos projetos políticos republicanos do século XIX na América Latina.

Na segunda metade do século XIX, finalizadas as campanhas militares independentistas, as novas repúblicas da América passavam por um complexo processo de formação e consolidação, enfrentando conflitos em diversas áreas. No âmbito político e econômico, por exemplo, a transformação do sistema absolutista/colonial para

o constitucionalismo/parlamentarismo/republicanismo, assim como o trânsito para um sistema liberal que permitisse o progresso do Estado, significou disputas e separações entre as forças que buscavam o controle nas repúblicas. O panorama sócio-político-econômico se mostrava incerto nos recém fundados Estados independentes, dada a natureza caótica do processo que lhes havia outorgado a emancipação. Em outras palavras, como aponta Hurtado (2008), *“todo aquello que le dio orden y fundamento a las colonias españolas, desapareció o se transformó, dejando en el nimbo cultural, económico, educativo, político, etcétera, a toda la estructura social americana”* (HURTADO, 2008, p. 98).

Os líderes intelectuais das repúblicas independentes encontraram na corrente filosófica do positivismo uma ferramenta propícia para encaminhar os projetos nacionais e concretizar o processo emancipatório com sucesso no âmbito ideológico. As teorias desenvolvidas por Comte, Spencer e Bentham, na Europa, incorporaram-se à matriz latino-americana, adquirindo matizes e desdobramentos singulares. Não se tratou de uma simples adaptação dessa vertente filosófica ao nosso contexto intelectual; antes, foi uma *“incorporación y recepción creadora con profundos elementos originales, disímiles y renovadores, que constituyeron una forma específica de superación de dicha filosofía en el ámbito particular de este continente”* (GUADARRAMA, 2003, p. 43). Os desdobramentos da incorporação do positivismo ao contexto intelectual latino-americano podem ser evidenciados em diversas obras de cunho político/histórico/filosófico.

Houve uma particular premência nas repúblicas por definir os “novos” ícones nacionais: desde bandeiras, hinos e escudos até episódios históricos específicos e personagens/heróis protagonistas⁴. A eleição e construção discursiva desses heróis nacionais e regionais serão fundamentais para a transição entre o sistema colonial, cuja figura máxima era o rei, e o republicanismo liberal ou conservador e federal, cuja figura máxima era o presidente, “fiel representante” dos heróis pátrios. Annino e Rojas (2018) consideram, ao analisar o processo de independência e pós-independência mexicano, que a tarefa de historiadores, literatos e demais intelectuais aliados à república era clara:

“Ahora había que imaginar y escribir una historia de los orígenes de la nación mexicana en términos radicalmente distintos, como una

⁴ A historiadora da arte Natalia Majluf disserta sobre essa temática em: *“De cómo reemplazar a un rey: retrato, visualidad y poder en la crisis de la independencia (1808-1830)”* e *“Los fabricantes de emblemas. Los símbolos nacionales en la transición republicana. Perú, 1820-1825”*.

historia revolucionaria, identificada más con las rupturas que con las continuidades, con los héroes más que con las instituciones honorables; debía ser la historia de un acontecimiento dominado, en fin, por la voluntad heroica y no por las costumbres y las tradiciones". (ANNINO; ROJAS, 2018, p. 21).

Podemos estender a análise dos historiadores para todo o território latino-americano: o heroico, após a proclamação e independência das repúblicas, foi concebido como um ato fundacional. Dessa maneira, figuras como Hidalgo, San Martín e Simón Bolívar, entre outras, sintetizaram a fundação e desenvolvimento dos projetos nacionais. Com esses “heróis pátrios”, como aponta Cuadriello (2011), buscou-se consolidar as noções coletivas de “pátria” e “nação” e convalidar os sistemas jurídicos e de governo. Assim, na leitura das linhas híbridas de *Venezuela heroica* (1952) presenciamos a consolidação do Bolívar/herói no contexto latino-americano, uma figura que seria formada a partir dos pressupostos literários, historiográficos, ideológicos, políticos e sociais próprios da sua época de produção.

Eduardo Blanco nasceu em Caracas no ano de 1838, apenas 8 anos depois da separação da Venezuela da Grã Colômbia. Cresce, dessa forma, num conturbado contexto em que as rebeliões sociais ainda ameaçavam com a queda da república, os partidos políticos Conservador e Liberal surgiam e se enfrentavam pelo poder e os caudilhos e ditadores se arraigavam nos seus postos de comando militar. No ano de 1859, antes de se dedicar às letras, Eduardo Blanco, com 20 anos, alistou-se no exército oficial venezuelano e lutou na Guerra Civil Federal (1859-1863)⁵. As vivências durante esse período lhe outorgaram não só material documental sobre as vicissitudes da guerra, mas também uma visão imediata sobre os conflitos sociais gerados pela independência, pelas tentativas de consolidação da república e pela busca pelo poder político venezuelano. Eduardo Blanco, dessa forma, vivenciou, como militar na Guerra Civil Federal venezuelana (1859-1863), o desdobramento de uma transformação sociocultural principiada décadas antes pelos líderes independentistas, entre eles Simón Bolívar.

⁵ A Guerra Federal foi um conflito militar venezuelano entre os anos 1859 e 1863. A contenda envolveu as tropas do governo conservador, que mantinha o poder, e as tropas da insurgência liberal, também chamada federalista. Os conservadores buscavam manter o poder, consolidando a forma de governo que havia sido estabelecida após a independência venezuelana; os liberais buscavam a transformação da estrutura governamental, apoiados principalmente na iniciativa federalista que daria autonomia às províncias. A guerra se estendeu por 5 anos, provocando a morte de mais de 100 mil venezuelanos de ambos os lados. O conflito finalizou no ano de 1863, com um acordo entre o governo conservador e a insurgência liberal, nos quais se estipularam drásticas mudanças na estrutura governamental venezuelana, rumo ao federalismo.

Blanco chegou a ter um alto cargo no exército conservador, comandado pelo então presidente venezuelano José Antonio Páez (1790-1873), figura histórica que teve relevância na sua obra. Durante os seus anos de serviço ao governo, que se estenderam até a sua morte em 1912, envolveu-se também em assuntos políticos, examinando a história pátria desde distintas óticas (KEY AYALA, 1920). Assim, na sua obra, refletem-se as perspectivas não só de um literato, mas de um militar, um político e um historiador autodidata; Blanco é a viva imagem do *emancipador mental* pós-independentista, nos termos de Zea (1972).

Vale a pena destacar que *Venezuela heroica* é publicada no ano de 1881 e reeditada em 1883, dez anos após a morte do General José Antonio Páez, que teve forte influência no governo da Venezuela até seus últimos dias de vida. Na sua carreira política e militar, após a separação da Venezuela da *Gran Colombia* em 1829, exerceu os cargos de: Presidente da república, em dois períodos (1830-1835; 1839-1843); Comandante geral dos exércitos do governo, durante a guerra federalista de 1859; Ditador da Venezuela, entre 1861 e 1863; assim como outros postos nos altos mandos militares e políticos da nação. O General Páez, como apontamos, foi um dos mais fortes detratores nos últimos anos de vida de Bolívar, o que nos conduz a considerar a relação entre a data da publicação da obra de Eduardo Blanco, exaltadora da vida e dos feitos do Libertador, e a morte de Páez. *Venezuela heroica* (1952), em outras palavras, surge num contexto político e social venezuelano em processo de transformação. Após anos de um governo conservador, a vitória da oposição na guerra federalista (1859-1863) e a morte de um dos maiores representantes do conservadorismo venezuelano (1873), provoca um ressurgimento da figura de Bolívar, como marco para a renovação da república.

No âmbito da historiografia, o fazer histórico também passava por um momento de renovação metodológica. Desde a segunda metade do século XIX, como aponta Freitas (1986),

[...] com o advento do positivismo e, conseqüentemente, um contacto mais rigoroso com os documentos e com os meios de utilizá-los 'objetivamente', a História será submetida a um tratamento científico; passará então a ser definida como uma 'ciência autêntica', pretendendo assim conquistar sua especificidade e sua independência em relação à Literatura; a preocupação com o rigor e com a objetividade impera na pesquisa histórica, opondo-a diametralmente à livre invenção romanesca. (FREITAS, 1986, p. 2).

Com efeito, na historiografia latino-americana, desde a segunda metade do século XIX – período de produção das primeiras obras históricas e de fundação das academias de história nas distintas nações – os historiadores pretenderam seguir com rigor os parâmetros do positivismo⁶. Para a sua compreensão temos as colocações do historiador alemão Leopold von Ranke, que propôs os fundamentos principais da que seria denominada história positivista ou rankeana: não há interdependência entre o sujeito historiador e o fato histórico examinado, portanto, o pesquisador histórico se encontra isento de qualquer condicionamento social no seu labor científico, isto é, é imparcial; o historiador, na sua tarefa científica, deve exercer uma função mecânica, espelhando na sua obra a imagem/reflexo do passado, sem visar recriar ou interpretar tal reflexo⁷.

A vasta produção de obras de cunho histórico, assim como a recopilação de documentos e registros, fundamentou o que seria a base da historiografia oficializada nos territórios nacionais latino-americanos. Muitas dessas produções, seguindo os interesses das elites políticas e econômicas de cada nação, negligenciaram aspectos importantes dos episódios históricos que relatavam, fazendo com que aqueles conflitos mal resolvidos do passado se intensificassem no presente. A pretendida objetividade e a execução da “teoria do reflexo” descrita por Ranke não foram os eixos condutores das produções historiográficas. Historiadores autodidatas e semiprofissionais nutriam suas obras históricas com elementos literários próprios do drama e da epopeia, nas quais não se distinguiam claramente “as projeções ideais e os projetos reais”, como aponta Sommer (2004, p. 23). De tal processo resultavam obras híbridas que, no entanto, eram oficializadas como verídicas e irrefutáveis pela sua suposta objetividade.

A constituição da história como disciplina na América Latina no século XIX e XX se fundamentou nas prerrogativas do positivismo. Desde os primeiros Institutos Históricos fundados no Brasil (1838) e no Uruguai (1843) até as Academias de História da Venezuela (1888) e da Colômbia (1902) — entre muitas outras —, todos os centros de reflexão e produção histórica no continente coincidiram com o processo de fundação e consolidação das repúblicas. Desse modo, tiveram como principal preocupação

⁶ Entre as obras produzidas sob esses parâmetros encontramos as primeiras produções de cunho histórico produzidas nas distintas nações, entre elas: *Historia de una Revolución en la República de Colombia* (1858), do colombiano Jose Manuel Restrepo; *Facundo o civilización y barbárie* (1845), do argentino Faustino Sarmiento; e *História geral do Brasil* (1854-1857), do brasileiro Adolfo de Varnhagen.

⁷ Baseamos a nossa compreensão do método rankeano/positivista da historiografia na obra do historiador alemão Friederich Meinecke, *El historicismo y su genesis*, publicada em 1936 e traduzida ao espanhol em 1946; na obra do historiador espanhol Julio Aróstegui, *La investigación histórica: teoria y método* (1995), tida como um manual do fazer historiográfico; entre outros artigos e obras a respeito.

acadêmica e científica a construção dos fundamentos discursivos sobre suas origens, sua constituição e sua identidade. Assim, como apontam Wasserman e Malerba (2018), “*las narrativas históricas tomaron a la nación como principal escala de análisis y, mucho más importante aún, como sujeto protagónico de los procesos históricos*” (WASSERMAN; MALERBA, 2018, p. 12). Os ideais de ordem, progresso e liberdade do positivismo foram adotados pelos historiadores para as suas produções históricas nacionalistas.

Para Leopoldo Zea (1972), a corrente do positivismo teve fundamental relevância na América Latina após o período independentista, tanto para a produção filosófica como para a historiografia e a literatura. Diante da necessidade de dar continuidade a um processo de emancipação política e militar nas distintas regiões da América, os intelectuais pós-independentistas ou *emancipadores mentales*, nos termos de Zea, buscaram nas vertentes filosóficas dos seus coetâneos instrumentos para a formação e a consolidação dos projetos nacionais. O filósofo mexicano sintetiza o panorama sócio-político ao qual se enfrentavam os pensadores da época nos seguintes termos:

Hispanoamérica sigue siendo colonia mental de un pasado que sigue aún vivo. Conscientes de esta realidad, los emancipadores mentales de la América hispana se entregaron a la rara y difícil tarea de arrancarse una parte de su propio ser, su pasado, su historia. Con la furia, coraje y tesón que ellos mismos habían heredado de España, se entregaron a esta tarea de arrancarse a España de todas aquellas partes de su ser donde se hiciese patente, aunque con ello se descarnasen y quedaran sin hueso. (ZEA, 1972, p. 71).

No século XIX e início do XX, literatos e historiadores latino-americanos, influenciados pela corrente filosófica do positivismo, aliaram-se aos projetos de construção e consolidação das nações independentes. Nesse intuito, a história das emancipações das novas repúblicas foi narrada a partir das figuras que as representaram e defenderam com afinco: Bolívar, San Martín, Hidalgo, Miranda, Monteagudo, Morelos, Nariño, O'Higgins, Torres, Varela, entre outros, foram os protagonistas absolutos. Na construção discursiva desses cognominados “heróis”, a literatura e a história compartilharam ideais e ideologias orientados à exaltação das suas vidas e dos seus feitos. O perfil desses heróis nas narrativas históricas (literárias, historiográficas ou sociológicas) varia em cada nação, dependendo das suas experiências militares, políticas e/ou culturais. Porém, a trama das suas ações se ajustou, no século XIX, aos gêneros

literários primordiais: tragédia, quando o herói não conseguia conciliar o seu destino com o da sociedade em que estava inserido; ou comédia, quando ocorria a conciliação entre o herói e a coletividade, nos termos de Frye (2014).

No ano de 1889, por exemplo, José Martí (1853-1895), um dos intelectuais de maior influência na formação da identidade latino-americana, publicava na revista *La edad de Oro*⁸ o artigo *Tres héroes*. No texto, Martí discorre sobre a vida e os feitos dos que, ao seu parecer, foram os três pilares da formação da América Latina independente: Miguel Hidalgo, José de San Martín e Simón Bolívar. Para o intelectual cubano, homens como esses “*son los que se rebelan con fuerza terrible contra los que le roban a los pueblos su libertad, que es robarles a los hombres su decoro. En esos hombres van miles de hombres, va un pueblo entero, va la dignidad humana. Esos hombres son sagrados*” (MARTÍ, 1975, p. 305).

A figura de Bolívar — a que “*todos los americanos deben querer [...] como a un padre*” (MARTÍ, 1975, p. 304) —, é enaltecida no texto de Martí, e seu legado é posto como modelo a seguir para todas as nações de *nuestra América*. O discurso apologético do intelectual cubano não deixa de mencionar os equívocos e as faltas políticas e militares de Bolívar – que não foram poucas –, mas, por meio de uma singular analogia, o exonera de qualquer culpa que lhe possa ser atribuída. Para Martí, a esses heróis,

[...] *se les debe perdonar sus errores, porque el bien que hicieron fue más que sus faltas. Los hombres no pueden ser más perfectos que el sol. El sol quema con la misma luz con que calienta. El sol tiene manchas. Los desagradecidos no hablan más que de las manchas. Los agradecidos hablan de la luz.* (MARTÍ, 1975, p. 305).

Percebemos na obra de Martí (1975 [1889]), assim como em Blanco (1952), a comparação metafórica entre Bolívar e o sol; figura de linguagem utilizada para exemplificar o caráter central e fundacional a partir do qual a figura do Libertador era apresentada na América Latina. O enaltecimento da figura de Bolívar – comparada ao sol que, apesar de poder chegar a queimar, cumpre funções vitais como iluminar e esquentar –, pode ser verificado em diversos outros escritos de Martí, desde artigos até cartas pessoais e públicas. Blanco e Martí não foram nem os primeiros nem os últimos dos grandes pensadores latino-americanos do século XIX e início do XX a dedicar parte

⁸ Revista publicada em Nova Iorque, entre julho e outubro de 1889, dirigida, segundo o editor, às novas gerações. Apesar de só ter tido quatro volumes publicados, alcançou grande repercussão no âmbito latino-americano até a atualidade.

da sua obra à consagração da figura de Bolívar. Essa tendência idealizadora surge já nos primeiros registros históricos, crônicas e biografias redigidas a respeito das campanhas independentistas, tanto na Europa como na América.

Parte do Velho Continente, que passava por profundas transformações sociais e políticas, contemplou, com fascínio, os processos emancipatórios das colônias na América e as ações dos líderes desses movimentos independentistas, entre eles, principalmente, Simón Bolívar. Assim, nos primeiros textos históricos europeus que se referiam a esses episódios e a esses personagens, *“Bolívar pasó a ser entonces la encarnación por excelencia del héroe liberal y romántico, un ejemplo a seguir para futuras emancipaciones”* (HARWICH, 2003, p. 8). Obras como *Serie di vite e ritratti di Famosi Personaggi degli Ultimi Tempi* (1818), do italiano Luigi Angeloni, desenhavam o perfil heroico de Bolívar, que ainda lutava na América. Após a morte do Libertador, a produção historiográfica europeia a respeito da sua vida e dos seus feitos intensificou-se, nutrida pelas circunstâncias peculiares, e um tanto trágicas, do seu decesso. Como aponta Harwich (2003), *“las necrologías de Bolívar, aparecidas en los principales diarios del Viejo Continente, reconocían, de manera unánime, las singulares virtudes del personaje”* (HARWICH, 2003, p. 9). Inclusive na Espanha, após a morte de Fernando VII em 1833, publicam-se biografias e crônicas em que se reconhecem *“los ‘méritos’ y el lugar importante granjeado en la historia ‘al famoso libertador de Colombia’ (citado en Filippi 1986: 106-110)”* (HARWICH, 2003, p. 10).

Na América Latina, o processo de consagração de Bolívar na historiografia foi análogo ao europeu. Para o historiador Germán Colmenares:

Los historiadores de las nuevas naciones hispanoamericanas del siglo XIX adoptaron las convenciones narrativas usuales en Europa en el oficio historiográfico. Dichas convenciones servían para construir un epos patriótico en torno a actores que desarrollaban una acción casi siempre ejemplar. (COLMENARES, 1997, p. 57).

Ainda que não possamos nos referir especificamente a “historiadores de ofício” latino-americanos no século XIX, pois não existiam até aquele momento formação acadêmica em história nas novas nações, houve uma grande produção de crônicas, biografias e registros históricos a respeito dessa personagem e dos seus feitos⁹. Esses

⁹ Entre elas: RESTREPO, J. M. *La Historia de una Revolución en la República de Colombia*. Paris: Librería Americana, 1826;

cronistas, memorialistas e historiadores autodidatas, “embora sem profissionalização, [...] tiveram uma preocupação com a investigação histórica e suas obras transformaram-se em um legado de valor documental para futuros historiadores de ofício” (WASSERMAN, 2011, p. 96). As suas obras, que tratavam dos processos de emancipação das recém-formadas nações independentes, seguiram os modelos europeus de idealização e consagração de personagens históricos, fundamentados nas prerrogativas do positivismo.

Para Frédérique Langue (2009), a figura de Simón Bolívar foi tracejada, principalmente na América do Sul, como “*héroe redentor, precursor del panamericanismo y defensor del ideario liberal durante la Revolución de Independencia*” (LANGUE, 2009, p. 253). A produção da historiografia latino-americana do século XIX, então, configurou-se, como aponta a pesquisadora francesa, “*ocasionalmente hagiográfica, en la medida en que patria, pueblo y héroes se convierten en ejes interpretativos firmemente asentados en la vertiente nacionalista y, por lo tanto, en un modélico discurso referido a la nación*” (LANGUE, 2009, p. 247).

A produção historiográfica se desenvolveu, nas distintas nações da América Latina, de forma particular. As academias de história, fundadas na sua maioria no final do século XIX e início do XX, buscaram reafirmar as identidades nacionais, reorganizando e revisando episódios do passado relatados nas primeiras obras de cunho histórico. O discurso idealizador da figura de Bolívar permaneceu vigente em muitos estudos produzidos ao longo do século XX, principalmente na América do Sul.

Em concomitância com a historiografia, a literatura participou da construção desses heróis nacionais e continentais e da fundamentação dos projetos republicanos. Nesse sentido, Doris Sommer (2004) aponta:

Las novelas románticas se desarrollan mano a mano con la historia patriótica en América Latina. Juntas despertaron un ferviente deseo

MONTENEGRO Y COLÓN, F. *Historia de Venezuela*. Caracas, Venezuela: Academia Nacional de la Historia, 1960. [1833-37];
 ANÔNIMO. *Colección de documentos relativos a la vida pública del libertador de Colombia y del Perú, Simón Bolívar: para servir a la historia de la independencia del Suramérica*. Caracas: Devisme y hermanos, 1826-1828;
 SAMPER, J. M. *Apuntamientos para la historia de la Nueva Granada*. Bogotá: El Neogranadino, 1853;
 TORRES CAICEDO, J. M. *Unión Latinoamericana, pensamiento de Bolívar para formar una liga americana; su origen y sus desarrollos*. París, Francia: 1865;
 DE LACROIX, L. P. *Diario de Bucaramanga: Vida pública y privada del libertador Simón Bolívar*. Caracas, Venezuela: Fundación editorial El Perro y la Rana, 2006. [1869];
 LARRAZABAL, F. *Vida del Libertador Simón Bolívar*. Madrid, España: Editorial América, 1938. [1865].

de felicidad doméstica que se desbordó en sueños de prosperidad nacional materializados en proyectos de construcción de naciones que invistieron a las pasiones privadas con objetos públicos. [...] El romance y la república a diseñar con frecuencia estuvieron unidos, como dije, a través de los autores que prepararon proyectos nacionales en obras de ficción e implementaron textos fundacionales a través de campañas legislativas o militares. Para el escritor/estadista no existía una clara distinción epistemológica entre el arte y la ciencia, la narrativa y los hechos y, en consecuencia, entre las proyecciones ideales y los proyectos reales. (SOMMER, 2004, p. 23).

A literatura adquiriu, como aponta Sommer, importância análoga à historiografia para a fundamentação e desenvolvimento dos planos políticos e sociais, nacionais e continentais. Por meio da arte romanesca, as façanhas dos heróis pátrios, delineadas com traços épicos, foram propagadas com maior clareza no imaginário social.

O poema épico de José Joaquín Olmedo, *La victoria de Junín*¹⁰, por exemplo, publicado pela primeira vez em 1825, foi referência fundamental para historiadores que, anos depois, buscaram retratar os acontecimentos da batalha de Junín, no Peru. No poema épico do equatoriano Olmedo – que conta com o subtítulo *Canto a Bolívar* –, narra-se em verso a difícil batalha e a vitória final das tropas republicanas, lideradas por Bolívar, contra os realistas em território peruano, passo decisivo para a consolidação da república. O Libertador, como o subtítulo indica, é o herói protagonista desse canto épico: “*Tuya será, Bolívar, esta gloria, / tuya romper el yugo de los reyes / y, a su despecho, entronizar las leyes; / y la discordia en áspides crinada, / por tu brazo en cien nudos aherrojada, / ante los haces santos confundidas / harás temblar las armas parricidas*” (OLMEDO, 1919, p. 37). Assim, há, na narrativa poética, uma exaltação idealizadora da figura do Libertador, que é desenhado, nos termos de Oviedo (2015), como um “herói neoclássico hispano-americano”.

O romance histórico, escrita híbrida de história e ficção, é um dos gêneros literários pelo qual os episódios do passado têm sido mormente revisitados. O romance histórico surge na Europa no século XIX, segundo aponta Lukács (2011), com a obra *Waverley* (1814), do escocês Walter Scott. A escrita híbrida do literato escocês se caracterizou pela ficcionalização consciente e intencional da história, por meio de uma diegese ambientada em um espaço-tempo histórico familiar ao leitor. A verossimilhança

¹⁰ A academia literária *Dios y Patria* de Quito, Equador, publicou uma edição especial de *La victoria de Junín*, em 1919, na qual se inclui um estudo completo sobre o poema épico de Olmedo; do mesmo modo, a pesquisadora Mariana Calderón de Fuelles publicou, em 2001, um profundo estudo da obra de Olmedo, intitulado *José Joaquín de Olmedo. La victoria de Junín. Canto a Bolívar*.

da diegese é fundamentada no pano de fundo histórico sob o qual é narrada uma trama meramente ficcional. O paradigma literário criado por Scott em *Waverley* (1814), é concretizado numa estrutura completa na sua obra *Ivanhoé* (1819), a qual serviu como modelo composicional para diversos literatos seguidores/imitadores, sendo uma das obras de maior sucesso no mundo ocidental.

O modelo clássico/scottiano de romance histórico apresentou características narrativas bem delineadas, as quais foram seguidas à risca por literatos de diversos países por um longo período. Tais traços particulares são esquematizados pela crítica após os primeiros estudos sobre o tema, realizados por Lukács (2011 [1937]). Entre as características principais do romance histórico scottiano, Márquez Rodríguez (1996) aponta:

*1. – Una especie de gran telón de fondo, de riguroso carácter histórico, construido a base de episodios ciertamente ocurridos en un pasado más o menos lejano del presente del novelista. [...]. 2. – Sobre ese telón de fondo, el novelista sitúa una anécdota ficticia, es decir, inventada por él, con episodios y personajes que no existieron en la realidad, pero cuyo carácter y significación son tales, que bien pudieron haber existido, [...]. 3. – Por regla general, las novelas de Scott, y todas las que han seguido sus lineamientos, presentan – por lo común, pero no necesariamente, dentro de la anécdota ficticia – un episodio amoroso, casi siempre desgraciado al correr de la novela, cuyo desenlace muchas veces puede ser feliz – como en *Ivanhoe*, de Scott, o *Los novios*, de Manzoni –, pero de igual modo puede ser trágico – como en *Salammbó*, de Flaubert. 4. – La anécdota ficticia constituye el primer plano de la narración, y en ella se enfoca la atención central del novelista y del lector. El contexto histórico es sólo eso, contexto, telón de fondo como arriba se dice. [...]. (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, p. 22-23 apud OLIVEIRA, 2019, p. 40-41).*

O romance histórico clássico scottiano, segundo Fleck (2017, p. 35), é considerado a primeira modalidade¹¹ de escrita híbrida, inserida na fase acrítica do gênero, da qual também faz parte a modalidade tradicional, que irá derivar do clássico ainda no romantismo do século XIX.

¹¹ O teórico brasileiro classifica os romances históricos em fases e modalidades, a partir da análise das estratégias escriturais e narrativas empregadas no romance, da ideologia que perpassa a revisitação do passado e do tratamento dispensado ao material histórico dentro da diegese. Assim, Fleck (2017) aponta para três fases do romance histórico: fase acrítica, na qual se inserem a modalidade clássica/scottiana e a modalidade tradicional; a fase crítica, na qual se inserem as modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica; e a mais recente fase, a fase mediadora, na qual se insere a modalidade do romance histórico de mediação.

O romance histórico clássico ou scottiano, não teve maior repercussão no contexto americano, contando com poucas obras representativas dessa modalidade no nosso continente; a modalidade do romance histórico tradicional, no entanto, foi amplamente explorada por literatos destas regiões. O romance histórico tradicional conta com algumas mudanças em relação à modalidade clássica do gênero, entre elas, Fleck (2017) aponta: o desaparecimento do pano-de-fundo histórico sob o qual a trama ficcional é narrada — em detrimento desse esquema, as personagens históricas passam ao primeiro plano da narrativa, tornando-se protagonistas da diegese; a ideologia que perpassa a obra comunga com o discurso oficializado da historiografia ao enaltecer as figuras heroicas da história, apresentando-as como sujeitos-modelo para o leitor do presente; a linearidade cronológica na narração dos episódios históricos retomados pela ficção; a substituição da visão onisciente na narrativa, por visões individualizadas que permitem a aproximação entre o episódio narrado e o leitor do romance; o tom didatizante da narrativa, a qual busca ensinar ao leitor a versão hegemônica da história, apresentando-a como verídica; a escolha de personagens de extração histórica de grande relevância para ocupar a posição de protagonistas da narrativa, em detrimento das personagens meramente ficcionais.

No âmbito do romance histórico, diversas foram as obras que trataram da vida do Libertador desde a perspectiva tradicional do gênero, comungando com o discurso oficial. Essas produções híbridas de história e ficção se adentram nas interioridades da vida e dos feitos de Bolívar, expondo detalhes e pormenores que preenchem, com construções imaginativas, as lacunas que a história oficializada deixou. Dessa forma, como aponta Costa Milton (1992), “a ficção narrativa e a história: ambas são, inegavelmente, senhoras de linguagem, imaginação e reflexão. E, se é lícito generalizar, em ambas a narração é forma. Forma que traz consigo um território de nexos causais e temporais que se tecem, desvelando significados” (COSTA MILTON, 1992, p. 08).

A vida e os feitos de Simón Bolívar foram relidos e reconstruídos discursivamente desde o século XIX até a contemporaneidade pela escrita artística dos romancistas e acadêmica dos historiadores. Obras híbridas de história e ficção abundam no acervo latino-americano, cada uma com as suas especificidades que as definem dentro das distintas áreas do conhecimento e seus respectivos gêneros. Cientes da relevância da escrita literária para a formação dos discursos nacionais oficiais a respeito da figura de Simón Bolívar, examinamos a seguir o romance histórico tradicional

Venezuela heroica (1952), em cuja diegese são configuradas as principais ações militares e políticas do Libertador.

A obra aborda as primeiras ações emancipatórias na Venezuela, no início do século XIX, passando pelas campanhas vitoriosas da república da *Gran Colombia*¹² (Venezuela, Colômbia, Panamá, Equador) – abrangendo o período de 1810 a 1821. O romance, para além de reforçar os pressupostos da historiografia existente na época a respeito do Libertador, estabelece bases ideológicas discursivas próprias, que serviram para a construção da figura de um Bolívar-herói no imaginário latino-americano. Em outras palavras, é uma obra que, em concomitância com a historiografia positivista, estabeleceu alguns dos fundamentos do chamado “culto a Bolívar” na América.

1.1 VENEZUELA HEROICA (1881-1883): O SOL E O LÍDER FUNDACIONAL

De súbito, un grito más poderoso aún que los rugidos de la tempestad; un sacudimiento más intenso que las violentas palpitations de los Andes, recorre el continente. Y una palabra mágica, secreto de los siglos, incomprendible para la multitud, aunque propicia a Dios, se pronuncia a la faz del león terrible, guardián de las conquistas de Castilla. El viento la arrebató y la lleva en sus alas a través del espacio, como un globo de fuego que ilumina y espanta. Despiertan los dormidos ecos de nuestras montañas, y cual centinelas que se alertan, la repiten en coro: las llanuras la cantan en sus palmas flexibles: los ríos la murmurian en sus rápidas ondas; y el mar, su símbolo, lo recoge y envuelve entre blancas espumas y va a arrojarla luego, como reto de muerte, en las playas que un día dejó Colón para encontrar un mundo. (BLANCO, 1952, p. 15-16)

O trecho citado acima corresponde à introdução do romance *Venezuela heroica*. Por meio de uma linguagem poética, repleta de imagens literárias de caráter sublime e monumental, descreve-se o momento em que irrompe na América Latina o anseio por independência. A emancipação dos povos desta região é apresentada metaforicamente como um movimento que surge no mais profundo do continente, espalhando-se por todos os cantos como fogo e cruzando as fronteiras terrestres e marítimas. Nessa configuração narrativa, os elementos da natureza, as gentes em sociedade e a divindade são mencionados como agentes passivos ou ativos da revolução. Em contraposição,

¹² A república da *Gran Colombia* foi proclamada no ano de 1819, no congresso de Angostura. A proclamação unia o território da Venezuela e da *Nueva Granada* (hoje Colômbia, Equador e Panamá) numa só república. A *Gran Colombia* se dissolve por completo em 1830.

ademais, faz-se referência à conquista e à colonização do nosso território; contraponto que engrandece ainda mais a gesta emancipatória do século XIX.

O romance de Blanco (1952), assim, parte, como muitas das produções literárias e historiográficas da época, de uma descrição apologética dos movimentos independentistas, destacando nessas construções discursivas as vitórias políticas, militares e sociais alcançadas. Somado a isso, os processos de escrita tanto nas produções históricas como nas literárias, nutriram-se de construções narrativas contrastivas que situavam frente a frente o passado da colonização e o presente da independência; estratégia que serviu para o enaltecimento do processo emancipatório e dos seus heróis.

Ainda na introdução, o narrador menciona os principais motivos da revolução independentista na América Latina, a saber, a “opressão do sistema colonial”, a “reduzida liberdade” e a “necessidade de uma emancipação” que brindara melhores condições de vida para todo o povo americano: “*aquel pueblo de parias transformose en un día en un pueblo de héroes. Una idea lo inflamo: la emancipación del cautiverio. Una sola inspiración lo convirtió en gigante: la libertad*”. (BLANCO, 1952, p. 16). A não menção dos motivos políticos e econômicos externos – os quais influíram decisivamente na independência dos distintos países da América Latina, como aponta Mignolo (2007) –, situa a narrativa na linha de obras que, procurando a “idealização exacerbada” da gesta emancipatória e a sua articulação aos projetos políticos nacionais, ignoram tais aspectos históricos, mas destacam outros que se encaixam no seu discurso.

A obra se divide em 11 partes, cada uma com um título que faz referência a um episódio histórico específico e a um período, por exemplo: *San Mateo* (referência à batalha acontecida nessa cidade) *febrero - marzo de 1814*. Narram-se nessas 11 partes as diversas batalhas militares e políticas que tiveram lugar entre 1810 e 1821, nas quais realistas e patriotas¹³ se enfrentaram, e que culminaram com a independência e instauração da república da *Gran Colombia* em 1819. De tal forma, as ações narradas em *Venezuela heroica* (1952) seguem a linearidade cronológica dos episódios históricos retomados na ficção, característica dos romances históricos tradicionais, segundo Fleck (2017).

¹³ Chamou-se “patriotas” a aqueles integrantes do exército e do partido independentista que participaram no movimento revolucionário emancipador contra as forças da metrópole monárquica espanhola no século XIX.

Na renarrativização do episódio histórico efetivada pela ficção, outorgam-se amplas descrições dos movimentos das tropas republicanas e realistas, das estratégias utilizadas em cada batalha e dos números de mortes que cada uma dessas deixou, transformando por momentos a narrativa numa espécie de registro militar da guerra. Desse modo, por meio da descrição minuciosa dos acontecimentos, com datas e lugares bem definidos, dá-se à narrativa a precisão histórica necessária que faz com que o leitor se sinta diante de um registro autêntico e fiável do passado. O texto literário, alinhado à vertente do positivismo que permanecia em voga na América no final do século XIX, prima pela enunciação “neutral” de “verdades irrefutáveis” a respeito da figura histórica. Assim, obras primas da historiografia positivista sobre Bolívar, como *Vida del Libertador Simón Bolívar* (LARRAZABAL, 1865) e *Diario de Bucaramanga* (1869; 1912), compartilham com o romance histórico de Blanco (1952) um tom aparentemente despojado de qualquer subjetividade na narração de diversos episódios do passado.

Os atrozes momentos de luta entre realistas e patriotas, na obra de Blanco (1952), apresentam-se carregados por um alto nível poético lírico, como podemos observar em fragmentos como o seguinte:

Todos los flancos de nuestro resguardado recinto, atacados a un tempo, contestan con nutridas descargas el fuego que reciben. Horrible es el estrépito, ensañado el combate. Las balas de los cañones de entrambos contendores hacen temblar los edificios, rebotan en los techos, y a través de los derruidos muros llevan la muerte y el terror a las consternadas familias. [...] Por todas partes se oyen imprecaciones y alaridos, gritos de aliento y explosiones de cólera, que se mezclan al llanto de los niños, a los dolientes ayes de las madres y al inmenso clamor de los que despavoridos abandonan sus hogares, presa de las llamas, o teatros de espantosa matanza, y atolondradamente discurren por las calles, entre nubes de balas, buscando donde refugiarse. (BLANCO, 1952, p. 145-146).

A narração corresponde ao episódio histórico do sítio de Valencia, entre junho e julho de 1814, na qual os realistas assediaram as tropas patriotas durante semanas, sem conseguir adentrar na cidade. As atrozes imagens da guerra se misturam na narrativa com o extenso trabalho descritivo dos movimentos das tropas e das ações heroicas de Bolívar. Desse modo, no romance, consegue-se redefinir no imaginário social e político a gesta independentista, com uma linguagem híbrida que transita entre a poética idealizadora e a descritiva historiográfica. Esse elemento descritivo no romance, assim como o “acentuado didatismo e a sobreposição dos elementos históricos na tessitura da

narrativa”, em fragmentos que seguem à risca o registro histórico oficial, são outras das características do romance histórico tradicional apontadas por Fleck (2017).

A figura de Bolívar, nessa conjuntura ficcional, aparece como o eixo central do episódio histórico. A essa personagem serão atribuídos, como veremos em seguida, os créditos pela implantação e o desenvolvimento da revolução independentista, a instauração e a consolidação (ou a influência nesses processos) das repúblicas latino-americanas, entre outros procederes “heroicos” na história do continente. Assim, o Bolívar de Blanco (1952) passa por diversas etapas tradicionais na caracterização da figura heroica — segundo os estudos de Bauzá (2007) —, entre elas: a iniciação, a resistência, a aliança, a vitória, a derrota, o exílio, o retorno e a glorificação.

Já desde o início da narrativa o Libertador aparece como o herói máximo do processo emancipatório que é narrado. Embora as primeiras ações desse processo tenham sido levadas adiante por Francisco de Miranda (1750-1816)¹⁴, que proclamou a chamada Primeira República, é, na narrativa, a intervenção da personagem Bolívar o marco inicial da revolução. O fato de o Libertador aparecer comumente como o homem que arquitetou a ideia da emancipação e união da América Latina seria uma “incorreção histórica”, nos termos de Otálvaro e Zeuske (2017), pesquisadores do legado mirandino (legado de Miranda). Para os historiadores, há uma “falha histórica” quando “*el Libertador [Bolívar] se ve una y otra vez como el pionero más importante del modelo de integración para la América Latina contemporánea, pese a que fue Miranda quien sentó los fundamentos de esta ‘arquitectura americana’*”¹⁵ (OTÁLVARO; ZEUSKE, 2017, p. 195).

Em *Venezuela heroica* (1952), ainda são dados os motivos pelos quais Bolívar deve assumir um lugar de reconhecimento maior do que o outorgado a Miranda. A personagem Miranda fracassou na sua tentativa de estabelecer uma república duradoura e uma revolução que alcançasse o resto da América, dado seu “excesso de prudência”:

¹⁴ Sebastián Francisco de Miranda y Rodríguez Espinoza, conhecido como Francisco de Miranda (1750-1816), foi um líder militar e político do grupo de independentistas que proclamou a independência e a instauração da república da Venezuela em 1810, denominada Primeira República. Segundo a historiografia, o governo independente da Primeira República se manteve no controle até 1812, ano em que as tropas realistas voltam a ter o domínio militar nas zonas principais da região.

¹⁵ Estudos como o realizado pelos historiadores Otálvaro e Zeuske (2017) são cada vez mais frequentes na contemporaneidade. O revisionismo histórico a partir de perspectivas descentralizadas tem incrementado o número de obras em que se reivindica a participação de outros personagens nas ações da independência. Desse modo, surgem distintas versões no discurso histórico, as quais em ocasiões se contrapõem umas às outras.

La indecisión del General en Jefe, le desprestigia entre sus compañeros de armas. El Cuartel General se convierte en campo de intrigas, de discusiones, de indisciplina y de amenazas contra la suprema autoridad de Miranda, quien absorto en temerosas preocupaciones, que no logra avasallar, a pesar de las relevantes condiciones de espíritu y carácter que adornaban el egregio guerrero, se abate ante la empresa que sustenta, y declarándose impotente para dominar la situación en que se halla. [...] Injustificable proceder! (BLANCO, 1952, p. 24-25).

Dessa forma, situa-se a Miranda, propulsor do movimento independentista na Venezuela, num segundo plano da narrativa. Entretanto, a personagem Bolívar, que não teve influência no primeiro levantamento emancipatório entre 1800 e 1810, é configurada na ficção como o “homem da independência”. Sua figura, embora ausente do foco principal das rebeliões, é apresentada, na introdução do romance, como fundamental para o avanço dos planos revolucionários independentistas: “*Bolívar aparece amenazante en los Andes venezolanos*” (BLANCO, 1952, p. 28).

A figura de Miranda constituiu um desafio para os historiadores e literatos latino-americanos no século XIX. Além da sua influência política e militar nas questões independentistas, o trágico final do líder o implantou no imaginário social como um herói-mártir. Segundo relata Marx (2019 [1858])¹⁶, no ano de 1813, Miranda foi preso e conduzido pelas tropas realistas a uma cela na Espanha, na qual morreu três anos depois, em 1816. As vicissitudes da sua rendição e apreensão, no entanto, determinam um complexo episódio histórico ainda hoje não resolvido. Para Marx (2019 [1858]), houve uma traição evidente de Bolívar contra Miranda, ao facilitar a sua captura. O filósofo alemão escreve no ano de 1858 sobre Bolívar, num enfático tom crítico, assinalando as falhas militares e políticas do chamado Libertador. É evidente que a leitura dos acontecimentos realizada por Marx surge num contexto alheio ao americano, pelo qual o filósofo alemão não possui uma perspectiva imbuída pelos interesses das elites republicanas do continente. O episódio entre Miranda e Bolívar é assim narrado por Marx:

El 30 de julio llegó Miranda a La Guaira, con la intención de embarcarse en una nave inglesa. Mientras visitaba al coronel Manuel María Casas, comandante de la plaza, se encontró con un grupo numeroso, en el que se contaban don Miguel Peña y Simón Bolívar,

¹⁶ Em 1858 é publicado um artigo escrito por Karl Marx, a pedido do diretor do *New York Daily Tribune*, Charles Dana, sobre a figura de Simón Bolívar, sua vida e feitos principais. O artigo, publicado na *New American Cyclopaedia*, é ainda hoje questão de debate pelo seu tom enfaticamente crítico contra a figura do Libertador.

que lo convencieron de que se quedara, por lo menos una noche, en la residencia de Casas. A las dos de la madrugada, encontrándose Miranda profundamente dormido, Casas, Peña y Bolívar se introdujeron en su habitación con cuatro soldados armados, se apoderaron precavidamente de su espada y su pistola, lo despertaron y con rudeza le ordenaron que se levantara y vistiera, tras lo cual lo engrillaron y entregaron a Monteverde. El jefe español lo remitió a Cádiz, donde Miranda, encadenado, murió después de varios años de cautiverio. Ese acto, para cuya justificación se recurrió al pretexto de que Miranda había traicionado a su país en la capitulación de La Victoria, valió a Bolívar el especial favor de Monteverde, a tal punto que cuando el primero le solicitó su pasaporte, el jefe español declaró: 'Debe satisfacerse el pedido del coronel Bolívar, como recompensa al servicio prestado al rey de España con la entrega de Miranda'. (MARX, 2019, s/p).

Diante desse particular episódio de colaboração mútua entre os líderes realistas e o séquito de Bolívar em 1813, o discurso oficializado na Venezuela na segunda metade do século XIX alegou, em defesa do Libertador, uma traição precedente de Miranda ao ideal independentista, como apontam Otalvaro e Zeuske (2017). Para os historiadores e literatos pós-independentistas, como Blanco (1952), as ações de Miranda em defesa da república foram ambíguas e lânguidas, pondo em perigo não só a independência da Venezuela, mas de toda a região continental. Dessa maneira, em *Venezuela heroica* (1952), assim como no resto de obras que foram base do discurso oficial, justificou-se o ato de traição de Bolívar em prol da unificação e consolidação da república. Não nos compete, neste estudo, discutir a veracidade dessas afirmações, porém, é evidente que elas tiveram influência e repercussão histórica.

O tom engrandecedor que impregna a linguagem da narrativa em referência à guerra pela independência e especificamente às ações de Bolívar evidencia outra das características da modalidade tradicional do gênero romance histórico, apontadas por Fleck (2017): “a construção de um discurso que exalta e/ou mitifica o herói do passado, pela aclamação de suas qualidades e pelo valor de suas ações, revelando-o como modelo de sujeito do passado para o cidadão/leitor do presente” (FLECK, 2017, p. 38).

Nas três primeiras partes do romance, são narradas as batalhas de La Victoria, de San Mateo e de Valencia, todas no ano de 1814, após a queda da Primeira República. A diegese apresenta os movimentos das tropas e as estratégias utilizadas antes, durante e depois de cada batalha, assim como um panorama geral político e militar da região entre 1812 e 1814. A personagem Bolívar é configurada nestas partes da narrativa como o

“salvador” da república, a qual havia caído na sua primeira tentativa de independência, processo comandado por Miranda até 1812.

As ações narradas no romance de Blanco, como mencionamos, “seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos retomados na ficção para dar a impressão de que o tempo é um fluir constante e ininterrupto e que a história é incontestável por seu caráter cronológico” (FLECK, 2017, p. 38), uma das características do romance histórico tradicional. As obras históricas da época, da mesma forma, seguindo os métodos tradicionais, e alinhadas à corrente filosófica do positivismo, registravam as ações de forma linear, sustentado a sua veracidade na detalhada descrição espaço-temporal.

Na narrativa, o ambiente na Venezuela após a queda da Primeira República era de desolação: “*Venezuela toda había vuelto al estado colonial. Las juntas, los congresos, las constituciones, la independencia, todo había desaparecido con sombra vana, sin dejar en el país ninguna impresión de su efímera existencia*” (BLANCO, 1952, p. 74). A figura de Bolívar, então, reaparece como um “*sol que se levanta*” (BLANCO, 1952, p. 72), disposto ao esforço “sobre-humano” que significava levantar de novo a república. A personagem do Libertador, assim, passa a configurar, mais do que um militar ou um político, um “semideus” ou um “super-homem” na narrativa de *Venezuela heroica*. Essa caracterização de Bolívar, como um sujeito de qualidades superiores a qualquer outro homem, transita também em obras da historiografia, como pode ser evidenciado na obra do historiador brasileiro Silvio Julio (1931) ou do venezuelano Felipe Larrazabal (1865), obras tidas como insígnias do discurso oficial.

As narrativas históricas oficializadas indicam que em 1813 Bolívar decreta *La guerra a Muerte*. Essa proclama pretendia intensificar os avanços militares dos patriotas na Venezuela e na Nueva Granada (hoje Colômbia, Equador e Panamá). Na narrativa de Blanco (1952), o decreto é o marco inicial do ressurgimento da revolução independentista. Daí em diante, a personagem do Libertador retoma as acometidas militares na Venezuela, sendo configurado como o “*Hércules americano*” (BLANCO, 1952, p. 72) pelas suas façanhas heroicas. As vitórias nas batalhas de La Victoria (fevereiro de 1814) e San Mateo (fevereiro – março de 1814) garantem a proclamação da Segunda República, sustentada por Bolívar.

Em *Venezuela heroica* (1952), a figura do Libertador representa mais do que um agente da independência ou da república: ele é a república e a independência. Isto é, a personagem Bolívar personifica tudo o que o movimento revolucionário e político

representava. É constante na narrativa a alusão a essa característica do Libertador: “*Sin faltar a la verdad, Bolívar pudo siempre decir: yo soy la Revolución; en mí se encarna la República*” (BLANCO, 1952, p. 107); “*‘San Mateo’ es Bolívar: la energía de todo un Pueblo sintetizada en un hombre*” (BLANCO, 1952, p. 88); “*el Libertador [...] acude a toda parte donde la lucha se traba con encarnizamiento, aplaude, anima y premia [...] los lleva al fuego con su impávida calma, y rechaza en persona las más terribles cargas que le da el enemigo*” (BLANCO, 1952, p. 102); entre outras.

A linguagem e as formas narrativas adotadas por Blanco (1952) correspondem ao seu período de produção literária. O literato é influenciado pelo movimento romântico de vertente epistemológica positivista que predominava na época, principalmente por autores franceses como Alexandre Dumas, Víctor Hugo, Lamartine e Chateaubriand (KEY AYALA, 1920)¹⁷. Vivia-se, na Venezuela, assim como também em grande parte do resto da América, um período de transição política, econômica, social e cultural. As vitórias militares frente ao império espanhol, nas primeiras décadas do século, haviam sido os primórdios de um longo processo até a estabilização das repúblicas independentes. Nesse sentido, Salazar Ramos aponta:

En los diferentes órdenes de la cultura la obra emancipadora se consideraba incompleta. Si las naciones latinoamericanas no habían conseguido ingresar definitivamente en la civilización y el progreso, ello se debía a que la tarea de la emancipación sólo logró una parte del proceso: la separación de Europa. Sin embargo, ‘la mitad lenta, inmensa, costosa: la emancipación íntima que viene del desarrollo inteligente’ (...) está aún por conquistar. (SALAZAR RAMOS, 1993, p. 153).

Na época em que Blanco escrevia *Venezuela heroica* (1952) - assim como quando Victor Hugo desenhava na ficção a França e a Europa em ebulição -, as batalhas se travavam tanto no âmbito ideológico como nos cenários de guerra dentro da própria república venezuelana, a qual continuava em um intenso processo de transformação. É relevante destacar que Blanco foi um dos precursores da formação das academias venezuelanas de Língua (1883) e de História (1888); detalhe que evidencia mais uma vez como ambas as áreas, no âmbito latino-americano pós-independente, germinaram e progrediram sincronicamente.

¹⁷ Entre as obras literárias escritas por Eduardo Blanco encontramos os textos *Una noche en Ferrara* (1875), *Lionfort* (1879), *Venezuela heroica* (1881-1883), *Historia de un cuadro* (1881), *Zárate* (1882), *Cuentos Fantásticos* (1882), *Las Noches del Panteón* (1895), *Fauvette* (1905) e *Tradiciones épicas y Cuentos Viejos* (1914 - obra póstuma).

A quarta parte do romance intitula-se Maturin – 1814. Narra-se, aí, o momento em que a personagem Bolívar se retira da Venezuela e retoma a liderança das campanhas emancipatórias na Nueva Granada. Na sua ausência, provocada, segundo Blanco (1952), por intrigas contra o Libertador entre os principais comandantes venezuelanos, a Segunda República de Venezuela é invadida novamente pelas tropas realistas. A personagem Bolívar, que conseguia importantes vitórias para a independência da Nueva Granada, tenta voltar para defender a república venezuelana, mas, por falta de apoio político e militar, vê-se obrigado a se exilar na Jamaica, no ano de 1815.

As datas, os nomes de relevância e os lugares dos acontecimentos narrados são citados com exatidão na narrativa de Blanco (1952), seguindo os pressupostos da historiografia. Já os motivos das ações e a construção da narrativa são produtos da ideologia que perpassa a obra na releitura ficcional do passado. A personagem Bolívar se configura, na narrativa de Blanco, como um grande injustiçado pelas intrigas pelo poder na Venezuela. Na sua ausência, a Segunda República, já ferida pelo avanço das tropas realistas, desmorona-se mais uma vez. Sem o Libertador, que se exila na Jamaica, a república luta por sobreviver, mas “*los que habían decapitado la Revolución, mal podrían revivir el mutilado cadáver que les quedaba entre las manos*” (BLANCO, 1952, p. 189).

A derrota dos patriotas sem Bolívar é iminente. A anarquia reinava na ausência do Libertador e os realistas se aproveitaram disso para retomar o controle dos pontos estratégicos na Venezuela e na Nueva Granada. Eis outro dos pontos fundamentais da narrativa de *Venezuela heroica* (1952): a configuração da impossibilidade de sucesso da revolução independentista e da instauração da república sem a liderança absoluta de Simón Bolívar. A relação direta de causa e efeito entre a ausência ou permanência de Bolívar num lugar e o estado de equilíbrio ou caos que se instaura nele é um elemento composicional na obra de Blanco (1952). A narração do estabelecimento e depois da queda da Segunda República venezuelana é um claro exemplo dessa construção discursiva. Em síntese, o que o romance apresenta é: a personagem do Libertador havia reerguido a independência venezuelana, deixada em estado crítico por Miranda, mas agora, no momento do seu exílio, a liberdade se perdia e o sistema colonial parecia ressurgir.

Tal concepção da história, a qual situava a Bolívar no lugar de “único salvador da república”, também perpassou as obras da historiografia de cunho epistemológico

positivista no século XIX e XX. Larrazabal, na sua obra *La vida de Bolívar* (1865), ao se referir à relevância da figura do Libertador para a independência do Peru, aponta: “*El Congreso, a vista de um cuadro funesto, y en el conflicto del momento, con el enemigo al lindar de la puerta, volvió sus ojos al Libertador como el único que podía salvarlos de la espantosa borrasca que los amenazaba*” (LARRAZABAL, 1883 [1865], p. 231). De tal forma, literatura e história, em sincronia, construíram discursivamente a figura do “Libertador/Salvador” no imaginário social e no discurso oficial; figura que fundamentou o culto a Bolívar que ainda hoje permanece em vigência na América.

São muitos os homens patriotas (nenhuma mulher) configurados como personagens de extração histórica dentro de *Venezuela heroica* (1952). A muitos deles são outorgadas altas menções honrosas dentro da narrativa, tanto pela sua bravura em combate quanto pela sua fidelidade à independência/Bolívar. No entanto, nenhuma dessas personagens possui a capacidade de triunfar sem o apoio direto ou indireto do Libertador. Por meio de uma metáfora, exemplifica-se no romance essa relação entre a personagem Bolívar e seus homens: “*Que hombres! Astros brillantes en aquel grupo de estrellas cuyo sol fué Bolívar, cada uno de ellos, en lo porvenir, su órbita alcanzará luz propia y llegará a las futuras generaciones con el ejemplo de sus virtudes republicanas, honra y gloria a la patria*” (BLANCO, 1952, p. 47-48).

Na ficção, configura-se um dos discursos mormente reproduzidos na história da América Latina, a indispensabilidade da figura de Bolívar para a emancipação dos povos destas terras. Note-se que na narrativa não se menospreza a qualidade dos homens que lutaram pela independência, mas se reconhece desde o presente da diegese que só no futuro, após alcançada a vitória e instauradas as repúblicas, esses poderão exercer um papel de liderança. Tal mecanismo discursivo busca justificar as inúmeras ações ditatoriais e unilaterais tomadas por Bolívar – que teria se aferrado ao poder até o final dos seus dias –, causa de críticas pelos seus detratores até a contemporaneidade.

A superioridade da personagem Bolívar em referência tanto aos seus aliados quanto aos seus inimigos, como dissemos, é um aspecto fundamental na construção da narrativa de *Venezuela heroica* (1952). Essa perspectiva do passado, distorcida pelo caráter simbólico exaltador da narrativa em referência à figura do Libertador, é compartilhada pelo discurso historiográfico nas obras mais tradicionais, que viam, na figura de Bolívar, a personificação da liberdade, da união, da ordem e do progresso, premissas do positivismo. Nas obras históricas menos tradicionais e nos romances mais

desconstrucionistas, essa visão é questionada, refutada e, em alguns casos, busca ser desmentida. Sobre esse tipo de obra discutiremos adiante.

A diegese continua com a personagem Bolívar exilado na Jamaica enquanto as tropas realistas avançavam cada vez mais na Venezuela e na Nueva Granada. Em 1815 o Libertador decide, então, pedir ajuda ao presidente da república de Haiti, Alexandre Petión (1770-1818), que lhe fornece munições e armamento para continuar a guerra. A personagem Bolívar retorna à Venezuela para iniciar a reconquista do território.

Sobre as vicissitudes dos acordos entre Petión e Bolívar em 1815 pouco é descrito no romance. Para o historiador e politólogo Alejandro Uzcátegui (2015), na sua análise dos documentos e registros do encontro entre os dois mandatários, houve uma única petição de Petión em troca do armamento e dos soldados entregues a Bolívar: “*el proyecto de ley de emancipación de esclavos en Venezuela una vez que Bolívar pusiera un pie en su país*” (UZCÁTEGUI, 2015, p. 34). Tal projeto de lei seria decretado por Bolívar na Venezuela em 1816, porém, com algumas condições: só seriam livres os escravos que se alistaram no exército patriota. O posicionamento de Bolívar diante das comunidades indígenas e negras, tanto da Venezuela quanto das outras regiões da América, foi bastante conflituoso, marcado pela discriminação, a hostilidade e o racismo, como apontam os pesquisadores Morote (2007) e Sañudo (1925), entre outros. Avançaremos na análise desse tema na segunda parte.

A narrativa de *Venezuela heroica* (1952) continua com a chegada da personagem Bolívar e seus homens à costa da Venezuela. Dá-se destaque, da quinta parte – intitulada *La invasión de los 600*, fazendo referência a Bolívar e seus homens em 1816 – até a nona parte – intitulada *Las Queseras, 1819* –, aos movimentos políticos e militares da reconquista do território venezuelano e da Nueva Granada por parte das tropas bolivarianas. A retomada do território pelas tropas patriotas é narrada numa linguagem épica, combinando elementos históricos com invenções ficcionais, hibridismo que brinda à diegese o aspecto de veracidade e grandiloquência característico do romance. A idealização da personagem/herói desta espécie de texto épico, Bolívar, alcança pontos elevados durante o desenvolvimento da narrativa, até o ponto de somente a sua presença ou a pronúncia do seu nome ser suficientes para causar temor entre seus inimigos: “*se estremecieron a su pesar al oír ressonar en nuestras costas el nombre de Bolívar*” (BLANCO, 1952, p. 225); “*Su presencia intimida a los realistas, hasta el punto de abandonar al tenaz Arismendi, la ciudad de La Asunción y el castillo de Santa Rosa*” (BLANCO, 1952, p. 225).

Tais construções ficcionais relacionadas ao impacto da figura de Bolívar foram reproduzidas também em outros romances históricos, como em *Las Lanzas Coloradas* (1931), de Arturo Uslar Pietri. Nessa narrativa, por meio do distanciamento e da ficcionalização indireta, o Libertador é constituído como um sujeito onipresente, que se movimenta próximo aos ambientes em que as ações da diegese acontecem, causando temor nos seus inimigos e esperança nos seus aliados. A seguir, alguns trechos que mostram essa característica fundamental na obra de Uslar Pietri (1931):

El general Simón Bolívar viene invadiendo. (USLAR PIETRI, 1931, p. 48).

[..] *Fernando seguía recibiendo noticias de los que pasaban. La campaña de Bolívar venía triunfante. La popularidad de aquel hombre comenzaba a cundir las bocas. Bolívar estaba en La Victoria. Bolívar había entrado en Caracas. Bolívar viene. [...] El general Bolívar viene. [...] El libertador viene.* (USLAR PIETRI, 1931, p. 151-153).

A construção ficcional de uma personagem de tal influência e autoridade contribui para a consagração da figura idealizada de Bolívar e sua gesta libertária no imaginário social. Tal configuração continua a ser reproduzida em diversos romances até a contemporaneidade, romances que mantêm características próprias da modalidade tradicional do gênero, entre eles: *Setenta días con Su Excelencia (Novelización del diario de Bucaramanga)* (1944), *Bajo las banderas del Libertador (Simón hijo de América)* (1970), *Los sueños de un Libertador* (2009) e *Todo llevará su nombre* (2014).

As últimas duas partes de *Venezuela heroica* (1952) narram as batalhas que receberam, após a independência, maior relevância no contexto político da Colômbia e da Venezuela: a batalha de Boyacá (1819) e a batalha de Carabobo (1821), respectivamente.

Após as vitórias na Venezuela, a personagem Bolívar inicia em 1819 uma nova campanha militar: “*comete la temeraria empresa, incentivo constante de su alma, de unir bajo la sombra de una misma bandera su propia patria y el Nuevo Reino de Granada*” (BLANCO, 1952, p. 131). A determinação do Libertador, de avançar com suas tropas contra os realistas que se mantinham na Nueva Granada, é configurada na narrativa de Blanco (1952) como uma das mais altas façanhas do século XIX. Tal ação evidencia no romance, não só a temeridade e a nobreza da personagem, mas também sua consistência no ideal da irmandade latino-americana. No fragmento a seguir,

podemos constatar a configuração de tal ação sob a concepção do heroísmo desmedido do Libertador:

Intentar siquiera aquella empresa, cuando apenas para defender nuestras conquistas bastaba el recio empuje de nuestras bayonetas, era audacia que rayaba en locura: pretensión gigantesca que sólo podía caber en el cerebro de aquel sublime visionario a quien sin duda iluminaba un rayo de misteriosa luz. Llevarla a término, por sobre todos los obstáculos que se ofrecían insuperables, y dar cima con ella, a la más trascendental de las transformaciones políticas de la Revolución, fue realmente un prodigio: prodigio de osadía, como los muchos que nuestra historia cuenta de aquel predestinado a tan altos designios. (BLANCO, 1952, p. 341).

A predestinação da personagem Bolívar e o suporte sobrenatural, uma luz misteriosa, com que conta, são duas das peculiaridades que se destacam nesse trecho. A significância dessa construção ficcional consolida no imaginário social a indispensabilidade dessa personagem histórica nos acontecimentos narrados, ao tempo que pretende anular as críticas que possam ser levantadas contra ela.

A campanha da Nueva Granada avança no ano de 1819. A personagem Bolívar recebe o apoio de diversos generais e políticos da região, entre os quais se destaca a personagem de extração histórica Francisco de Paula Santander (1792-1840): um dos homens de maior relevância nos levantamentos independentistas da Nueva Granada, considerado em diversas obras da historiografia colombiana como o Libertador da Colômbia, em detrimento da figura de Bolívar.

Santander, na história, foi um proeminente militar às ordens de Bolívar durante as campanhas independentistas colombianas. Após decretada a república, foi designado pelo Libertador para ocupar a vice-presidência da *Gran Colombia*, cargo que desempenhou desde 1821. Na ausência de Bolívar, que travava novas batalhas no Peru, Santander assumiu o cargo de chefe de Estado da Colômbia, tornando-se um dos principais opositores políticos do Libertador. Os desentendimentos entre ambos os líderes e as contendas políticas provocam, na volta de Bolívar ao território da Grã Colômbia, a promulgação de uma ordem de desterro contra Santander, em 1828, sob a acusação de conspiração contra o governo. Contudo, a perda de popularidade do Libertador - nessa época presidente vitalício da república - e as pressões de Santander, desde o exílio, e dos seus aliados na Colômbia provocaram a renúncia de Bolívar à presidência e a sua retirada para o exílio. Bolívar, como apontamos, morre rumo ao desterro no ano de 1830. Dois anos depois, Santander volta à presidência da Colômbia

(Nueva Granada) e lhe são restituídos todos os títulos militares e honras de que fora despojado em 1828 por ordem de Bolívar. Santander exerceu o cargo de presidente da república até 1837.

Na narrativa de Blanco (1952), reconhece-se a importância dessa personagem nas ações libertárias de 1819, porém com algumas ressalvas:

*Entre las figuras prominentes de la Revolución americana, la Historia da un alto puesto a Santander, y **puesto merecido hasta quedar sellada la independencia de Colombia**. Hombre de claro ingenio, de probada energía, de convicciones propias, su opinión y consejo pesaron con ventaja en los negocios públicos y eficazmente **contribuyó con su talento, a los grandes designios de Bolívar**, y al afianzamiento de la incipiente nacionalidad cuyos destinos presidió largo tiempo, al amparo del genio poderoso y de la espada rayo, que en medio a cien batallas surcaba de relámpagos a todo el continente.* (BLANCO, 1952, p. 347-348 destaques nossos).

Damos destaque no fragmento a dois pontos fundamentais: o estabelecimento de um período específico no qual Santander de fato mereceu o “alto posto” outorgado na história Americana, “*hasta quedar sellada la independencia colombiana*”; e a subordinação das suas ações a um ente superior, “*a los grandes designios de Bolívar*”. Ambos os pontos destacados, em realidade, fazem parte de um mesmo “mecanismo discursivo” dentro da narrativa, o qual pretende dar a entender que a personagem do General Santander só agiu de forma adequada enquanto esteve alinhado às diretrizes da personagem Bolívar, isto é “*hasta quedar sellada la independencia colombiana*”. Essas ressalvas são fundamentais para a compreensão do discurso romanescos, pois induzem o leitor a compreender que a personagem Santander foi, de fato, fundamental para a gesta emancipatória; mas que seus posicionamentos políticos após finalizada a guerra, os quais o levaram a se enfrentar a Bolívar, foram equívocos.

Tal processo narrativo e discursivo pelo qual os feitos e as ideologias defendidos por Bolívar são justapostos aos de outros líderes políticos e militares independentistas, foi reproduzido em diversas obras literárias. Em referência ao caso específico Bolívar-Santander, podemos observar um processo similar ao efetivado por Blanco (1952), no romance de Victor Wolfgang von Hagen, *Las Cuatro Estaciones de Manuela* — publicado em língua inglesa no ano de 1952, e traduzido para o espanhol em 1953. Nessa obra, Santander é configurado como o principal inimigo de Bolívar. Ambos buscavam, a priori, a manutenção da república, porém, por vias distintas. A personagem Santander representava aqueles que haviam convertido o país num centro burocrático,

um universo de leis e trâmites incansáveis. Santander “*este ‘hombre de leyes’, con sus estúpidos ditirambos acerca de la libertad, su lengua mentirosa y su doblez, había llevado el país a los lindes de la guerra civil*” (VON HAGEN, 1953, p. 200). À beira de uma guerra civil na *Gran Colombia*, a personagem Bolívar é disposta no romance de von Hagen como um catalisador, o eixo da unidade nacional:

Los Andes, inexorables, monolíticos, dividían la tierra en esferas de particularismo, cada una de ellas regida por un jefe que sólo pensaba en lo inmediatamente suyo. Sólo había un elemento – un ideal, un nombre, un hombre – que mantenía unidos todos estos factores discordantes. Era Bolívar. (VON HAGEN, 1953, p. 200, destaques nossos).

A figura de Bolívar, tanto na obra de von Hagen (1953) como na obra de Blanco (1952), é configurada ficcionalmente como um modelo histórico favorável, oposto à figura de Santander. A publicação de *Venezuela heroica* em 1881-1883 – e de várias obras que seguem um viés ideológico e narrativo similar, como o romance de von Hagen (1953) – busca, dessa forma, organizar discursivamente um passado recente e conflituoso, visando à consolidação das figuras que serviriam como fundamentos das novas repúblicas, em detrimento de outras personagens históricas.

A narrativa de Blanco (1952) continua com as descrições das batalhas e dos movimentos estratégicos das tropas patriotas e realistas na Nueva Granada. A personagem Bolívar, sempre como força motriz da revolução independentista, avança cada vez mais com seu exército, até chegar ao campo de Boyacá. O dia 7 de agosto de 1819, data rememorada até a contemporaneidade como o Dia da Independência colombiana, trava-se a batalha decisiva da campanha bolivariana na Nueva Granada. O aparente caráter simbólico de veracidade que a linguagem da narrativa expressa nas longas descrições das batalhas do Libertador é transferido a outros momentos da narrativa em que a ficção predomina. Assim, a diegese do romance, que transita entre as fronteiras indefinidas da história e da ficção, reveste-se dessa compleição simbólica de veracidade, própria do romance histórico tradicional.

A luta armada é narrada numa linguagem épica, contando as vicissitudes de cada movimento militar de ambos os exércitos. A narração da vitória final dos patriotas e da posterior entrada triunfal de Bolívar à capital granadina, Santa Fe de Bogotá, é concluída assim na penúltima parte do romance:

Bolívar se descubre y saluda a Colombia. Boyacá coronaba la más rápida a la par que gloriosa de todas sus campañas. El sueño de Casacoima estaba realizado en su primera parte. Era libre el pueblo granadino. Tres días después de aquella gran victoria, Bolívar entraba a Bogotá, abandonada con precipitación por Sámano y sus tropas; ponía las bases que habían de sustentar la gran República; alteraba el mapa de la América y marcaba con su espada de fuego los límites inmensos de Colombia. (BLANCO, 1952, p. 385)

A referência no fragmento ao *sueño de Casacoima* é fundamental. Bolívar teve tal sonho, considerado um delírio por muitos, no ano de 1817, no município de Casacoima, na Venezuela. Em tal ocasião, perseguido pelas tropas realistas, o Libertador teve de se esconder submergido numa lagoa de águas lodosas, o que lhe provocou febre alta, levando-o até o delírio. Nessa condição, proclamou ante seus soldados o seu objetivo militar, em síntese: retomar Angostura, na Venezuela, libertar a Nueva Granada e formar a *Gran Colombia*. Depois, descer para o sul e dar a liberdade ao Peru, para alcançar a união da América. A narração da vitória em Boyacá e a entrada triunfal em Bogotá, no ano de 1819, constituem a configuração de um homem-herói que podia alcançar tudo o que se propusesse: um Bolívar invencível.

A utopia da união das repúblicas americanas numa grande e única nação, o panamericanismo, ideal que Bolívar defendeu até os seus últimos dias de vida, é retomada dessa maneira na narrativa de Blanco (1952). Na época da publicação de *Venezuela heroica* (1952), os conflitos territoriais e políticos na América permaneciam em voga, entre e dentro das repúblicas. Desde os primeiros conflitos territoriais entre a Argentina e o Brasil —1825 e 1827—, dos quais resultou a formação de uma nova nação, o Uruguai; passando pelos enfrentamentos pela delimitação de fronteiras entre Chile, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela e outros países da região entre 1831 até a contemporaneidade; além das inúmeras disputas internas nas repúblicas que procuravam a estabilidade política e social dentro dos seus próprios territórios; os conflitos geopolíticos após as independências marcaram a história dos países americanos.

Diante de tal conturbada situação, literatos politizados como Blanco apontam nas suas obras um exemplo a seguir: o ideal bolivariano de fraternidade entre as nações americanas. Mesmo que em 1883 fosse evidente a impossibilidade de instaurar o panamericanismo, a ideia da fraternidade continental pregada por Bolívar surgia como uma ferramenta útil para a consolidação dos projetos nacionais na América e o fim das guerras. “*El sueño de Casacoima*”, o sonho da liberdade e da união, é introduzido a

partir da literatura no imaginário social, visando a consolidação de elementos que permitissem às repúblicas americanas uma pretendida estabilidade.

Na historiografia, o ideal bolivariano também foi registrado e impulsionado no discurso oficial. Podemos verificar tal processo na obra do brasileiro Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984), intitulada *Cérebro e Coração de Bolívar* (1931). Trata-se de um estudo historiográfico e sociológico em que o pesquisador brasileiro revisita diversos episódios da vida de Simón Bolívar, analisando seu contexto histórico, político e cultural. Silvio Julio, historiador, professor e jornalista, foi um dos precursores dos estudos acadêmicos sobre a América Hispânica no Brasil, dedicando diversas pesquisas à literatura, ao folclore e à história dessa região, tal como aponta Priscila Dorella (2006). De fato, *Cérebro e Coração de Bolívar* (1931) foi uma das primeiras obras produzidas no país dedicadas exclusivamente à vida e aos feitos do Libertador.

A obra do brasileiro, que se declarava admirador de Bolívar e do seu legado, revisita os episódios fundamentais na vida da personagem histórica, destacando em cada momento a heroicidade no agir do Libertador. A obra aborda a formação intelectual e política de Bolívar na Europa, entre 1799 e 1805; a incursão no âmbito político e militar da independência na Venezuela, entre 1806 e 1812; e sua liderança no exército republicano/patriótico, que libertou e fundou as repúblicas da *Gran Colombia* (Panamá, Venezuela, Colômbia e Equador), do Peru e da Bolívia, entre 1813 e 1830, ano da sua morte.

Destacamos, contudo, um aspecto principal na narrativa histórica de Silvio Julio, o enaltecimento do legado bolivariano. Mais do que uma personagem histórica, Bolívar é retratado como um símbolo da união e da resistência dos países latino-americanos, isto é, um ideal que perdura no tempo:

Alguém afirmou que Bolívar ainda tem muito que fazer na América. De facto. Agora, e só agora, é que suas palavras se corporificam e, de norte a sul, de leste a oeste do Novo Mundo, ouvem-se com sincera reverência. A fraternidade continental, que ele aconselhou, além de indicar-lhe os processos, aqui inicia caminho firme um século após seu falecimento. (SILVIO JULIO, 1931, p. 404).

Esse “suposto legado bolivariano”¹⁸ pode, no entanto, ser contestado. Para Langue (2009), “*el pensamiento de Bolívar no deja de tener vigencia, al ser parte de una lucha por la justicia social, por el bienestar de las mayorías, por la soberanía de las naciones latinoamericanas y la unidad continental, pero es imprescindible recordar que fue expresión de su tiempo*” (LANGUE, 2009, p. 263). A falta de compreensão dessa particularidade nas ações de Bolívar, que, como diz a pesquisadora, foram uma expressão do seu tempo, provoca uma leitura anacrônica do passado.

Tais desvios na releitura e reescrita do passado, provocaram, como aponta Langue (2009), “*un uso arbitrario del discurso de Bolívar, que lo descontextualiza con fines políticos*” (LANGUE, 2009, p. 263). Isso pode ser verificado nas distintas manifestações sociais que utilizam o legado bolivariano como bandeira representativa, transformando a Bolívar em “*‘héroe para todas las causas’, incluso las causas utópicas*” (LANGUE, 2009, p. 254). Sobre esse fenômeno social e político, Morales (2002) comenta: “*Bolivarianos se declaran los socialdemócratas, comunistas, ultraizquierdistas, sacerdotes y hasta los terroristas [...] Bolivarianos se han declarado desde Fidel hasta Pinochet*” (apud HARWICH, 2003, p. 20). Assim, podemos considerar que romances históricos tradicionais como *Venezuela heroica* (1952) e obras historiográficas de cunho epistemológico positivista como *Cérebro e coração de Bolívar* (1931) evidenciam uma intencionalidade discursiva ao fazer uso de distintos elementos do ideal bolivariano; indo além da mera representação ou registro de episódios do passado.

A última parte do romance de Blanco (1952) intitula-se Carabobo – 24 de junho de 1821. O contexto militar e político apresentado na narrativa é distinto do inicial, a liberdade e a prosperidade se vislumbram no ambiente. A geopolítica da América estava em transformação: “*Colombia, la aspiración grandiosa del genio de Bolívar, era una realidad. Hija del heroísmo*” (BLANCO, 1952, p. 389). A *Gran Colombia* é proclamada no congresso de Angostura (atual Ciudad Bolívar) em dezembro de 1819, Bolívar é eleito presidente da República e Santander, na época seu aliado, eleito vice-presidente.

Nessa conjuntura, a narrativa de Blanco (1952) relata como a personagem Bolívar reúne o exército republicano para enfrentar os últimos redutos realistas na Venezuela. Os generais espanhóis haviam recusado os acordos oferecidos pelos

¹⁸ Há um debate aberto no âmbito intelectual a respeito da autoria dos textos, dos manifestos e de outros documentos oficiais e não oficiais supostamente escritos por Simón Bolívar.

patriotas, que pretendiam encontrar a paz sem mais derramamento de sangue. As tropas republicanas avançam pela Venezuela, alcançando importantes vitórias nas distintas frentes. A personagem Bolívar comanda cada movimento tanto na Venezuela como no sul e no ocidente da região, avivando a revolução com proclamas independentistas: “*Santander, y Torres y Montilla en la Nueva Granada, y Sucre en Guayaquil, puesto ya el pie seguro sobre el primer peldaño de la alta escala de su futura gloria, obedecen la voz que los impulsa a avivar el fuego de la guerra en el Sur y Occidente de Colombia*” (BLANCO, 1952, p. 414). O discurso literário, como vemos, irmana-se com o historiográfico tradicional na idealização de figura do Libertador, desenhado nas narrativas como uma espécie de “chave mestra” do século XIX para a América. No romance de Blanco (1952), organiza-se o material histórico para a formação de um universo ficcional no qual Bolívar é o eixo unificador. Os episódios do passado são relidos e reestruturados pela ficção – ideológica e discursivamente – de tal forma que o leitor contemporâneo busca ser direcionado a acreditar que está diante de um discurso imbuído de aspectos que remetem às fontes históricas. Assim, segundo os pressupostos da historiografia tradicional, essa característica do texto iria garantir a seu discurso a objetividade e a veracidade necessárias para ser ciência sobre o passado.

Os episódios do passado são relidos e reestruturados de tal forma que o leitor contemporâneo se sente diante de um discurso verdadeiro e incontestável. Assim, quando, por exemplo, o romance explicita que todos os militares independentistas agiam em obediência à voz de Bolívar (BLANCO, 1952, p. 414), por meio da argumentação e o delineamento da situação política da época presentes nas linhas ficcionais, busca-se – pelo pacto de leitura que tal modalidade romanesca procura instaurar – que o leitor leia tal afirmação com base na passeidade, ou seja, naquilo que, de fato, passou (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998), e na veracidade comuns às construções discursivas da história tradicional.

No dia 24 de junho de 1821, trava-se a batalha de Carabobo. Assim como o General Santander ocupou um lugar decisivo na batalha de Boyacá (1819) junto a Bolívar, na batalha de Carabobo (1821) o General José Antonio Páez (1790-1873)¹⁹ seria a mão direita do Libertador para alcançar a vitória. Anos depois, Páez seria o

¹⁹ José Antonio Páez Herrera (1790 - 1873) foi um General do exército republicano venezuelano e colombiano durante a época independentista, entre 1810 e 1821. Após a Proclamação da República da *Gran Colombia*, foi designado chefe militar do Departamento de Venezuela. Em 1826, após uma série de desentendimentos com os mandatários colombianos, entre eles Simón Bolívar, Páez organizou o movimento separatista *La Cusiata*, o qual transformou a Venezuela numa república autônoma, desintegrando a *Gran Colombia* no ano de 1829.

artífice da rebelião separatista venezuelana contra Bolívar e a *Gran Colombia*, da qual ressurgiu a república venezuelana. Contudo, na narrativa não se vislumbra nenhum desentendimento entre ambas as personagens; pelo contrário, a personagem Páez mostra-se leal à personagem Bolívar.

A adequação da figura do herói aos projetos político-partidários nas repúblicas independentes é outro ponto fundamental para compreender a sua natureza. Como apontava Frederique Lange (2009), Bolívar na história é herói para todas as causas, desde políticas e militares, até sociais e inclusive religiosas. Isso se deve, segundo o historiador Germán Colmenares (1997), a que a figura do Libertador foi construída para transcender qualquer ideologia partidária, tendo a capacidade de permanecer como fundamento das repúblicas, ainda que em situações de extrema rivalidade pelo poder. Assim,

La objetividad del historiador consistía, entonces, en conciliar imágenes opuestas o en dotar de una coherencia nacional, es decir, por encima de los partidos, una imagen que todos pudieran compartir. Claro está que muchas veces él mismo no podía sustraerse a los sesgos que le imponía su propia confesión política. Pero como, en general, su asunto era la nación y no el partido, aunque en estos casos su imagen tendía a ilustrar un postulado general o convenientemente abstracto. (COLMENARES, 1997, p. 66).

Eis o caso de Eduardo Blanco. Apesar do seu serviço militar e político ao partido conservador, e a sua relação com o presidente e ditador José Antonio Páez, forte detrator de Simón Bolívar, o literato escreve *Venezuela heroica* (1952): obra na qual, nos termos de Colmenares (1997), ilustra-se o herói das nações e não dos partidos.

A narração da batalha de Carabobo, além da utilização de uma linguagem épica e de figuras ficcionais idealizadas, conta com uma peculiaridade: o estabelecimento de uma relação hierárquica entre a figura de Bolívar, superior, e a figura do General Páez, inferior. A personagem do Libertador não entra no campo de batalha nos momentos decisivos da contenda, é a personagem Páez que comanda as tropas e alcança finalmente a vitória. Essa particularidade histórica é configurada na narrativa desde uma ótica bastante peculiar: “Desde las cumbres de Buenavista pudo el Libertador estudiar la situación del enemigo y apreciar en todos sus detalles la fortaleza de las posiciones que ocupaba en un terreno de suyo defendido por su especial conformación” (BLANCO, 1952, p. 432). A personagem Bolívar faz uso do seu conhecimento de guerra para dirigir os movimentos desde um lugar alto, pelo qual, após a vitória, recebe os

reconhecimentos devidos como líder heroico da contenda; enquanto a personagem Páez, numa condição inferior, é só mais um chefe militar exercendo sua função²⁰.

Venezuela heroica (1952) termina com a narração da vitória dos republicanos em Carabobo (1821) e a expulsão dos realistas desse território. Nas últimas páginas do romance, são dados os reconhecimentos aos guerreiros que lutaram pela independência, assim como se faz uma ode à república. Com tom poético, encerra-se a narrativa outorgando a Bolívar todos os méritos pela gesta independentista:

Carabobo sella nuestra emancipación: Bolívar emprende nuevas lides; hasta el templo del sol lleva sus pasos. Bombona, Pichincha, Junín y Ayacucho son las huellas del gigante; el brillo de su espada eclipsa los más altos prodigios de los conquistadores castellanos, ella deslumbra a vencedores y vencidos y arrebatata a España la libertad de un mundo. (BLANCO, 1952, p. 465).

Segundo os registros históricos, Simón Bolívar morre no dia 17 de dezembro de 1830, de causas naturais, aos 47 anos. Nos últimos meses de vida, sua popularidade na *Gran Colombia* (Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá), no Peru e na Bolívia, regiões onde interveio diretamente nas campanhas independentistas, sofreu uma queda significativa. A morte do grande Libertador passou quase despercebida, sendo enterrado sem atos de honra. Durante os dez primeiros anos, até 1840, a sua figura não foi de grande interesse para os planos nacionais republicanos. Colômbia, Equador e Venezuela estavam em processos de independência política, desintegrando a *Gran Colombia*, república fundada por Bolívar; e Peru e Bolívia lutavam pela consolidação dos seus territórios. Esses fatores, como aponta von Hagen (1953, p. 337-338), provocaram um parcial “apagamento” da figura de Bolívar do plano político dessas nações. A partir de 1840, com algumas mudanças significativas na geopolítica da região, a figura do herói torna a ter protagonismo nos projetos nacionais.

Em 1842, os restos de Bolívar, que foi enterrado em Santa Marta, no norte da Colômbia, são trasladados a Caracas, lugar do seu nascimento. Na Venezuela, na Colômbia e no Equador – agora repúblicas independentes – se rendem homenagens ao Libertador com atos comemorativos, entrega de títulos póstumos e construção de

²⁰ A figura do Bolívar estrategista, que não precisa entrar no campo de batalha para obter a vitória, é considerada sob outra ótica nos romances históricos mais críticos. Obras como *La carroza de Bolívar* (2012) e *La Visita de Bolívar* (2018), questionam o discurso heroico construído a partir dessa artimanha da personagem do Libertador. Nesses romances, é considerada uma “incorreção histórica” o fato de julgar “heroico” um ato que seria “covarde”, o qual valeu a Bolívar inúmeros reconhecimentos “sem nenhum esforço”.

museus, praças e estátuas que enaltecem, até hoje, a sua figura. Peru, Bolívia e o resto da América Hispânica seguem os mesmos passos, situando a figura do Libertador nos altos degraus da história continental²¹.

Nesse contexto, os governantes das nações oficializam as obras históricas que, até aquele momento, tinham sido publicadas a respeito – e em defesa – de Bolívar. Ademais, como aponta Harwich (2003), intensifica-se, neste período, a produção de obras de cunho histórico sobre as campanhas independentistas e seus principais heróis, “heróis pátrios” para Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Peru. *Venezuela heroica* (1952), assim, faz parte desse conjunto de obras que, irmanadas com a historiografia, constroem o discurso que é oficializado no século XIX a respeito da vida e dos feitos do Libertador.

No início do século XX, os discursos oficiais sobre a independência e seus agentes, entre eles Simón Bolívar, mostram-se aparentemente consolidados nas repúblicas latino-americanas. Contudo, as transformações no âmbito político e social, assim como os movimentos que buscam uma renovação na historiografia e na literatura, abrem espaços nos contextos nacionais para o questionamento desses discursos que foram oficializados. Neste período, no gênero romance histórico, a ficcionalização da figura de Simón Bolívar é operada a partir de novas perspectivas e por meio de recursos e estratégias narrativas diferenciadas. Uma obra pioneira nessa releitura ficcional da vida e dos feitos do Libertador é o romance *Mi Simón Bolívar* (1930), de Fernando González Ochoa.

²¹ Ao Libertador foram dados sublimes e simbólicos reconhecimentos pelo seu caráter e seus feitos nas campanhas independentistas. Desde a coroação da estátua do Libertador na Colômbia – “*La Plaza de Bolívar presentaba un aspecto ‘imponente y majestuoso’ el 24 de julio, cuando tras una misa campal se colocó la corona de oro del Cuzco en la estatua del Libertador*” (POSADA CARBÓ, 2013, p. 581) – até a construção e inauguração do museu bolivariano no Peru – “*Durante estas celebraciones se crearon dos museos. Primero, el Museo Bolivariano, inaugurado en 1921 [...] La Confederación de Artesanos obsequió un cuadro titulado ‘La muerte de Bolívar’ y también había objetos personales de Simón Bolívar*” (CASALINO SEN, 2017, p. 50). Na atualidade, embora a figura de Bolívar venha perdendo protagonismo no contexto latino-americano, o seu nome e a sua imagem permanecem presente em inúmeras praças e museus espalhados pelo continente, sendo uma das figuras com maior presença continental, segundo apontam Viñuales (2006) e Carrera Damas (1973).

2 MI SIMÓN BOLÍVAR (1930): A HUMANIZAÇÃO DO HERÓI

Ha llegado el momento de bajar al Libertador del caballo gomoso de las esculturas encargadas por los caudillos tropicales y de montarlo en su mula orejona, porque en caballo no se pueden atravesar y recorrer los Andes. Bolívar lo usaba para entrar a las ciudades, y domaba potros en los llanos del Orinoco, pero en su obra larga y paciente fue acompañado de la mula. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 84).

O trecho citado corresponde ao romance do literato e filósofo colombiano Fernando González Ochoa, *Mi Simón Bolívar* (1930). Publicado no ano do centenário da morte do Libertador, o romance marca o tom da releitura crítica da vida e dos feitos dos grandes heróis nacionais na ficção; tendência literária renovadora que teria seu auge na segunda metade do século passado. No exerto, a personagem protagonista Lucas Ochoa, álter ego de González Ochoa, define o seu projeto — “*bajar al Libertador del caballo gomoso de las esculturas [...] y de montarlo en su mula orejona*” — e o justifica — “*porque en caballo no se pueden atravesar y recorrer los Andes*”. Ainda no mesmo fragmento, a personagem aponta para alguns dos responsáveis em relação ao processo de idealização pelo qual a figura histórica passou — “*esculturas encargadas por los caudillos tropicales*” — e aporta uma inovadora imagem literária ao repertório imagético ficcional sobre o Libertador: Simón Bolívar acima de uma mula orelhuda. O Bolívar “*amenazante en los Andes*”, de Blanco (1952, p. 28), continua nas altas montanhas, porém, transitando paciente numa mula, na ficção de González Ochoa (1930).

Quais são, então, os traços e as peculiaridades do Libertador que González Ochoa configura em *Mi Simón Bolívar* (1930)? A resposta é complexa, mas podemos começar considerando o trecho acima mencionado, quando a personagem Lucas Ochoa discorre sobre esse “Bolívar real”. A intenção desmistificadora e humanizadora da narrativa se faz evidente no fragmento. González Ochoa, em 1930, embarca-se numa metanarrativa na qual o perfil idealizado do Libertador será questionado a partir da exposição de uma figura humanizada. No trecho, efetiva-se o rebaixamento da figura do herói épico, cuja caracterização, como vimos, partia de uma exacerbada idealização da sua vida e dos seus atos na historiografia e na literatura tradicionais. A personagem do Libertador descavalga da glória imaculada e monta “*su mula orejona*”, rumo a um perfil mais humano e próximo do contexto da independência americana.

Para a pesquisadora Diana Contreras (2010), González Ochoa “*propone lecturas otras de la construcción histórica del conocimiento y de la realidad social [...] Amó la historia e intentó poner en juego otras lecturas de ésta, a la manera de recorridos a la inversa*” (CONTRERAS, p. 206). Nesse sentido, foi um dos primeiros literatos latino-americanos em procurar alterar a perspectiva tradicional na configuração ficcional de Bolívar, a qual estabelece uma leitura acrítica sobre os episódios do passado; uma espécie de pioneiro no campo em que, mais tarde, outros se consagrariam²².

O pesquisador Diego Armando Sierra Amortegui (2017) dedica um aguçado estudo ao romance de González Ochoa e à configuração ficcional da figura de Bolívar no contexto literário colombiano. Para Amortegui, a figura do Libertador volta à vida nas linhas ficcionais da narrativa a partir de “*un matiz emocional*” (AMORTEGUI, 2017, p. 71), como o define o pesquisador; uma espécie de junção do espírito do indivíduo criador, Fernando González Ochoa, e do espírito do seu tempo de produção, o início do século XX.

Um elemento fundamental em *Mi Simón Bolívar* (1930) é a ação de rastreio, que para a personagem principal Lucas Ochoa é indispensável a quem visa escrever sobre o Libertador. Buscar a Bolívar, assim, torna-se uma espécie de tarefa tanto das personagens como do autor; uma busca externa – em livros, casas, museus etc. – e interna – nas lembranças e conhecimentos adquiridos do imaginário e da memória social. Revisitar eventos e recriar personagens do passado é, assim, um processo de locomoção no espaço-tempo, do presente ao passado e vice-versa. A escrita sobre o passado se percebe, nos termos de Gina Saraceni, “*como tensión hacia adelante y hacia atrás, como movimiento prospectivo y retrospectivo a la vez, como desplazamiento que al avanzar retrocede para darle existencia a lo ausente, a lo que dejó de estar, para constituir el pasado y hacerlo evento*” (SARACENI, 2008, p. 205 apud AMORTEGUI, 2017, p. 20).

Giorgio Agambem (2009), no seu ensaio sobre o que é contemporâneo, propõe a complexidade do processo de revisitação e recriação do passado numa metáfora que nos permite vislumbrar o seu caráter paradoxal. Para o filósofo italiano, os eventos de tempos pretéritos são como a luz que emanam as galáxias distantes no universo, a qual viaja até nós numa velocidade proporcional à velocidade em que nos afastamos dela,

²² Entre as obras que seguiram essa linha desmistificadora e humanizadora na construção ficcional da figura de Bolívar encontramos: *El General en su laberinto* (1989), de Gabriel García Márquez; *En busca de Bolívar* (2010), de Willian Ospina; *Las cenizas del Libertador* (1987), de Fernando Cruz Kronfly; entre outros romances reconhecidos no âmbito literário latino-americano.

criando um paradoxo que nos impede de chegar a percebê-la. De modo metafórico, Agamben exemplifica o que é ser contemporâneo, “perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo” (AGAMBEM, 2009, p. 65).

A procura pela luz da figura de Bolívar, seus matizes e gradações, ainda é matéria de estudo e criação para muitos literatos latino-americanos na contemporaneidade. A intenção humanizadora na configuração ficcional do Libertador continua sendo peça fundamental para romances híbridos com certo nível de criticidade em relação à história tradicional do Libertador; romances que se alinham à nova composição ficcional de Bolívar, o Bolívar humano, o Bolívar que cavalga numa mula.

A evidente mudança no tom e nos modos de configuração ficcional da figura de Bolívar é sincrônica às transformações nos panoramas políticos, intelectuais e sociais nacionais e internacionais. Fernando González Ochoa nasceu no final do século XIX, em 1895, na cidade Envigado, na Colômbia. Cresce no meio da chamada “hegemonia conservadora” (1886-1930), período em que o partido Conservador colombiano se manteve no poder por 44 anos. González Ochoa tinha só quatro anos quando iniciou a chamada “guerra dos mil dias”, conflito civil-militar entre os chamados “*Liberales*” e os Conservadores na Colômbia. A guerra civil teve repercussões políticas, militares e sociais catastróficas para o país, entre as quais destacamos: os entre 100 mil e 300 mil mortos apontados pelos registros da guerra; a crise econômica que devastou o país; e a declaração de independência do Panamá em 1903, que até o momento pertencia ao território colombiano.

Após a guerra, o partido Conservador permanece no poder, sufocando os levantamentos da oposição que se faziam cada vez mais frequentes. González Ochoa fez parte de um desses tantos grupos de intelectuais que propunham uma renovação tanto na política do Estado como nas artes, nas ciências e na literatura. Em 1915, uniu-se ao grupo filosófico-literário denominado *Los panidas*, movimento de jovens escritores e pensadores “*de la vanguardia intelectual*”, como aponta Any Cuervo Ramírez (2015, p. 12). O grupo de jovens organiza e publica em 1915 dez edições da revista homônima *Los Panidas*, na qual aparecem diversos textos de González Ochoa, tanto ensaísticos como literários.

O escritor colombiano se forma em Filosofia e Letras em 1917 e em Direito em 1919. Nessa última carreira, o seu trabalho de conclusão de curso se intitulou, em primeira instância, *El derecho a no obedecer*, no qual González Ochoa elaborava um estudo em defesa da práxis revolucionária. O título final, contudo, foi *Una tesis*, devido

à censura das autoridades universitárias, que consideraram o título da obra um aliciente para os levantamentos de oposição *liberal* contra o governo Conservador. Uma vez formado, González Ochoa alcança postos importantes no ramo jurídico e continua sua produção literária e filosófica. Em 1929 publica *Viaje a pie*, obra censurada pela igreja católica colombiana pelo seu tom “irreverente”; essa foi a primeira das várias obras meramente literárias que seriam lançadas pelo escritor²³.

A publicação de *Mi Simón Bolívar* em 1930, dessa forma, mostra-se na carreira do autor como o resultado também do seu contexto de produção. No ano de 1930, após 44 anos da hegemonia do partido Conservador no país — cujo domínio teve um declínio importante na década de 20 após uma série de episódios sociais —, o partido Liberal começa a governar o país. Para Martínez Herrera, antropólogo colombiano, a década de 30 na Colômbia demarca “*una profunda transformación en las relaciones políticas y los proyectos ideológicos tradicionales en el país, rompiendo con una fuerte hegemonía del partido conservador y las formas políticas convencionales provenientes del proceso de ‘Regeneración’ del siglo anterior*” (MARTÍNEZ HERRERA, 2013, p. 337).

Com o início dessa profunda transformação no plano político e social, houve uma abertura para a releitura do passado sob uma perspectiva crítica, um pouco mais livre da censura instaurada pelo governo Conservador. O partido Liberal se compunha então, segundo aponta o sociólogo Daniel Pécaut (2001), por duas forças motrizes principais: a elite *liberal* do país, linha tradicional do partido; e os jovens *liberales* radicais, linha da vanguarda intelectual do partido. Fernando González Ochoa pertenceu a esses grupos de vanguarda, embora não tenha militado efetivamente no partido Liberal.

A esse efervescente contexto político-social em que González Ochoa escreve e publica a sua obra, soma-se outro processo de renovação de relevância mundial: a renovação da historiografia. Na segunda década do século XX, uma nova corrente metodológica da historiografia tomou força. Marc Bloch e Lucien Febvre, insatisfeitos com a hegemonia do historicismo alemão que primava pela história política, isto é, das grandes personagens e nações, fundam a revista *Annales* na França. A partir da fundação, em 1929, a revista seria o centro das discussões sobre o fazer histórico tanto

²³ Entre elas: *Mi Simón Bolívar* (1930), *Don Mirócleles* (1932), *El Hermafrodita dormido* (1933), *Mi Compadre* (1934), *Salomé* 1984, *El remordimiento* (1935), *Cartas a Estanislao* (1935), *Los negroides* (1936) e *Santander* (1940), entre outras.

na Europa como na América. Segundo Burke (1992), a revolução francesa da historiografia, 1929-1989, buscou novas perspectivas metodológicas para a escrita da história; perspectivas sociais e econômicas — e culturais, um pouco mais tarde — em detrimento do aspecto meramente político.

Para Bloch e Febvre, assim como para os seus seguidores, a noção de “verdade histórica” da história política se mostrava problemática e excludente. A premissa rankeana de “narrar os fatos tal como aconteceram” se fundamentava na recopilação e seleção de documentos e registros oficiais comprobatórios. As histórias das camadas subalternas das sociedades, assim, eram excluídas pela impossibilidade de encontrar fontes de arquivos “fiáveis e oficiais”, sob a perspectiva científica.

A história dos jogos de poder (história política), para os historiadores vinculados à chamada Escola dos Annales, devia ser considerada como uma parte do conjunto de histórias que podiam e deviam ser narradas pela historiografia: como a história social e a econômica. Segundo Burke (1992), a história da revista *Annales*, propunha a substituição da história narrativa — isto é, uma história cuja finalidade é contar os acontecimentos do passado — por uma história crítica — ou seja, uma história que propusesse questões a serem resolvidas. Para isso, outra das inovações metodológicas da Escola foi a interdisciplinaridade nos desenvolvimentos investigativos, isto é, a cooperação entre a história, a sociologia, a economia, a geografia etc.

Para Burke (1992), a revolução gerada pela Escola dos Annales pode ser dividida em três momentos ou períodos principais:

Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishment* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. (BURKE, 1992, p. 8).

O advento das novas teorias e concepções do fazer historiográfico desde meados da primeira metade do século XX colaborou, em parte, para a produção de obras que abriram espaço a perspectivas inéditas e alternativas sobre o passado. Novos rostos e novas vozes se revelaram protagonistas nos episódios históricos de maior relevância nos

planos nacionais e internacionais. As novas vertentes teórico-metodológicas propiciaram a desconstrução da concepção de uma “verdade única e absoluta”. Por meio do entendimento da existência de muitas versões do passado, as produções de cunho histórico que seguiram essas novas perspectivas buscaram se afastar das prerrogativas da historiografia tradicional. O fazer historiográfico passou a ser concebido, em algumas dessas novas vertentes teóricas, “*como lo que más manifestamente es: es decir, una estructura verbal en forma de discurso de prosa narrativa que dice ser un modelo, o imagen, de estructuras y procesos pasados con el fin de explicar lo que fueron representándolos*” (WHITE, 1992, p. 14).

O pesquisador mexicano Carlos Antonio Aguirre, na sua obra *La historiografía en el siglo XX* (2004), propõe um estudo crítico a respeito da história da historiografia. Para o teórico a “revolução francesa da historiografia de 1929”, como a denomina Burke (1992), teve seu marco inicial muito antes, no ano de 1848. Para Aguirre (2004), o “longo século XX historiográfico”, como denomina o teórico ao período de renovação da historiografia, inicia em 1848, com as primeiras luzes do projeto crítico marxista. A partir de Marx, e especificamente a partir do seu Manifesto Comunista de 1848, é que se institui, segundo Aguirre, “*la crítica deconstructora de todos los discursos positivos de la modernidad burguesa*” (AGUIRRE, 2004, p. 33). A renovação da historiografia a partir das conceituações de Marx, contudo, só veio a tomar forma e se estabelecer como tendência meio século depois, quando dois marxistas franceses, Febvre e Bloch, publicam as primeiras edições da revista *Annales*.

Karl Marx, como apontamos na primeira parte, publicou um dos primeiros textos históricos em que era questionada a figura de Simón Bolívar pelos seus feitos tanto no âmbito militar como no político. Para Marx, o Libertador era o perfeito representante da aristocracia *criolla*, a qual buscava tomar o poder dos territórios antes colonizados para seu lucro, mantendo as hierarquias e a desigualdade social. No curto artigo, o filósofo europeu destaca as origens familiares de Bolívar, assinalando a sua raiz aristocrática e elitista. Ademais, sublinha o caráter ditatorial de algumas das ações políticas e militares do Libertador, buscando evidenciar um perfil menos heroico do que discursivamente era construído no resto da Europa e na América²⁴.

²⁴ A respeito da validade histórica das muitas acusações que Marx levanta contra Bolívar, diversos estudos foram realizados, tratando a temática desde as mais variadas perspectivas. Não nos compete aqui julgar a fidelidade do texto aos acontecimentos, mas destacamos a sua relevância enquanto documento histórico, dada a sua criticidade em torno à figura de Bolívar.

A semente plantada pelo marxismo na historiografia deu frutos na Europa e na América. Em 1925, o historiador colombiano José Rafael Sañudo (1872-1943) publica *Estudios sobre la vida de Bolívar*. A obra se caracteriza pela sua perspectiva social na compreensão da história, contemplando a vida e os feitos de Bolívar na época independentista a partir dos atores coletivos e das forças sociais que intervieram nesse período. Para tanto, Sañudo propõe um estudo interdisciplinar entre historiografia e sociologia, o qual se nutre tanto dos registros e documentos oficiais como daquelas fontes sociais não oficializadas pelo poder²⁵. *Estudios sobre la vida de Bolívar* (1925) é, assim, uma obra de ruptura no âmbito dos estudos historiográficos sobre o Libertador, dadas as metodologias que são empregadas na sua construção; metodologias que alguns anos depois seriam categorizadas e debatidas na Europa pela chamada Escola dos Annales francesa.

A principal característica dos *Estudios* (1925) de Sañudo foi a construção de um discurso histórico enfaticamente crítico em torno à figura de Simón Bolívar e aos seus feitos na época da independência. O historiador *pastuso*²⁶ redige uma história que destoa dos pressupostos do discurso oficializado sobre Bolívar, afastando-se dos lugares comuns da idealização da personagem histórica e das interpretações consagradoras; uma prática historiográfica crítica. Assim, é apresentada ao leitor uma outra faceta do General; uma faceta que contraria a imagem do "Herói da Pátria", produzida pelos estudos historiográficos e pelas produções ficcionais alinhados ao discurso tradicional. Vejamos um trecho da introdução da obra de Sañudo, na qual o historiador expõe o seu projeto historiográfico:

Se ha hecho de Bolívar un mito; de modo que el concepto vulgar que de él se tiene, no corresponde a la realidad. Atribúyensele todo género de virtudes y talentos; y está tan poco estudiada su vida a la lumbre de un justo criterio, que como a un héroe de leyenda, dánsele dones maravillosos y toda suerte de bondad. (...) y por eso, algunos actos de Bolívar inmorales son apreciados como de un genio, si ya no,

²⁵ Por exemplo, ao tratar do episódio da invasão da cidade de Pasto — lugar de nascimento de historiador — pelas tropas republicanas independentistas em 1821, o historiador traz como fonte histórica os relatos orais e escritos dos habitantes da cidade. Nessas fontes históricas não oficializadas pelo poder, revela-se uma outra “verdade” a respeito da “conquista” da cidade, que se resistia aos projetos republicanos. Mostra-se, desde a perspectiva de Sañudo sobre o episódio histórico, como as tropas de Bolívar assolaram a cidade e dizimaram os seus habitantes após o fim da batalha. Essa versão visibiliza um dos maiores massacres da época independentista na Colômbia, episódio ignorado ou pouco abordado nos registros históricos oficializados no século XIX no país.

²⁶ Gentílico da cidade de Pasto, no sul da Colômbia; região historicamente considerada periférica em relação aos centros de poder político e econômico do país.

como virtudes de su alma; actos que en verdad están al alcance de cualquier bellaco embaidor. (SAÑUDO, 1925, p.2).

A obra de Sañudo perpassa os episódios fundamentais da guerra da independência nos quais Bolívar teve protagonismo. Mesmo que na obra sejam mostradas as grandes vitórias do General na guerra e a sua liderança nos projetos independentistas cruciais para a emancipação da América do jugo espanhol — temas amplamente abordados em muitos textos históricos —, o foco do discurso se centra no conjunto de atos e procedimentos imorais, desaforados, desumanos, mesquinhos e ditatoriais de Bolívar. Assim, a obra se constituiu como um texto histórico crítico e renovador, o qual bem poderia ter sido considerado o inaugurador de uma nova corrente de pensamento no século XX. No entanto, foi justamente o seu caráter crítico e a sua divergência dos estudos históricos antecedentes sobre Bolívar o que levou a obra a ser rejeitada e ignorada no âmbito intelectual, enquanto seu autor foi expulso da Academia de História Colombiana. Obando Acosta, colunista do jornal digital colombiano *Página 10*, considera o impacto que teve a obra de Sañudo nos círculos intelectuais do continente:

[...] la reacción de las elites intelectuales y académicas de Colombia y de gran parte de América fueron lógicas al ver como su ídolo tambalea al extremo de no quedar de él sino pavesas y fragmentos de heroicidad, se acusa a Sañudo de panfletario, incendiario, calumniador, terco e impertinente. [...] Lo cierto es que su obra es objeto de persecución, su nombre borrado de las elites intelectuales y su obra sumariada y procesada en los índices de la infamia. (OBANDO ACOSTA, 2014, s/p).

Não há documentos que possam comprovar que Sañudo e González Ochoa hajam mantido um vínculo intelectual; nem sequer é possível verificar que o literato — que cresce e transita entre os centros políticos e econômicos do país — haja lido a obra de Sañudo — que escreve e permanece nos círculos acadêmicos da periferia nacional. Contudo, ambos redigem as suas obras num contexto de renovação política e intelectual e centram a sua atenção, um desde a historiografia, outro desde a literatura, num dos símbolos de maior relevância a nível nacional e continental: a figura de Simón Bolívar.

Assim como na historiografia, diversas mudanças ocorreram nas primeiras décadas do século XX no âmbito literário latino-americano. A profissionalização do literato e a sua relativa autonomia perante o poder político do Estado se afiançavam pouco a pouco, trazendo novas perspectivas às inovadoras construções narrativas que

tratavam de temáticas cada vez mais diversas. Os movimentos de vanguarda na América Hispânica e o modernismo brasileiro vincularam aos seus projetos literários a interdisciplinaridade, nutrindo-se das correntes de pensamento em voga na época, tais como o existencialismo, a psicanálise e o marxismo. A renovação da literatura proposta pelos literatos das distintas regiões da América — em cada região com as suas próprias peculiaridades — trouxe à tona diversos conflitos que se tornaram matéria literária, a saber: conflitos sociais, econômicos, políticos, históricos, artísticos etc.

As formas e técnicas do romance, gênero predominante no século XX, passam por um intenso processo de renovação. As estruturas tradicionais da narrativa, assim como a primazia do narrador onisciente e das personagens heroicas clássicas, passam a ser “reformadas” em diversas obras literárias. A incorporação das personagens problemáticas²⁷, do coletivo como personagem e dos narradores homodiegéticos, assim como a composição de narrativas que rompem com a estrutura tradicional do romance, são características desse processo de renovação. Na América Latina, é nesse período que os denominados precursores da “nova narrativa” começam a dar forma aos seus projetos. A saber: Miguel Ángel Asturias (1899-1974), Magda Portal (1900-1989), Jorge Luis Borges (1899-1986), Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), Juan Carlos Onetti (1909-1994) e Alejo Carpentier (1904-1980), entre muitos outros.

Fernando González Ochoa, embora sem tanto reconhecimento no âmbito literário, é um desses precursores da “nova narrativa”. Romances como *Mi Simón Bolívar* (1930), apresentam na sua estrutura e no desenvolvimento da sua diegese formas e estratégias literárias renovadoras para sua época de produção. Além disso, e como também buscamos evidenciar em seguida, é uma obra que apresenta dentro do gênero romance histórico importantes inovações discursivas e narrativas próprias do que só décadas depois viria ser considerada uma nova forma de escrita do gênero; a saber, o novo romance histórico latino-americano.

Na segunda metade do século XX, as letras do continente experimentaram o que a crítica denominou o *boom* da literatura latino-americana (1960-1970). Tal período de expansão e reconhecimento internacional das produções dos literatos desta região, foi resultado de um processo de renovação no fazer literário denominado de Nova Narrativa. Esse movimento literário, cujo desenvolvimento iniciou nas primeiras

²⁷ Referimo-nos aqui ao desenvolvimento do conceito de ‘herói problemático’ no romance, proposto por Lukács em *The theory of the novel* (1916): uma personagem que carrega em si o caráter humano, isto é, contraditório, duvidoso, propenso ao equívoco moral e ético.

décadas de século XX, caracterizou-se, segundo a crítica, pelo experimentalismo linguístico e formal na composição literária. O barroquismo na linguagem, assim como as deformações, os neologismos e o hibridismo linguístico foram recursos utilizados pelos literatos para a construção das suas obras. Do mesmo modo, a desconstrução dos modelos canônicos de estrutura das narrativas – isto é, divisão em capítulos organizados por ordem numérica ou por ordem dos eventos acontecidos na diegese –, caracterizaram muitas das obras produzidas nessa fase.

Durante esse período da Nova Narrativa também surge no continente o que seria denominado pela crítica o “novo romance histórico latino-americano” (AÍNSA, 1988; 1991), termo cunhado por Angel Rama (1981) nos seus estudos sobre a literatura desta região. Obras como *El reino de este mundo* (1949), do cubano Alejo Carpentier, e *Yo el supremo* (1974), do paraguaio Roa Bastos, inauguram e consolidam esse tipo de escrita (MENTON, 1993).

Os novos romances históricos latino-americanos, além do experimentalismo formal e linguístico, caracterizaram-se pelo alto nível de criticidade em relação ao discurso tradicional da história. Isso se deveu a uma atitude questionadora no nível social e político do continente, a qual, aliada às novas vertentes teóricas da historiografia e da sociologia, instigou a produção de obras que abriram espaço para novas perspectivas do passado, novas histórias narradas por vozes antes silenciadas no discurso oficial.

Os romancistas latino-americanos dessa linha literária desconstrucionista,

[...] buscam desterritorializar o espaço imaginário que foi territorializado pela escrita eurocêntrica, assim como foi o espaço geográfico, e, pelas releituras críticas da história, empreendem a reterritorialização desse espaço com perspectivas do passado no qual o protagonismo não se restrinja aos “heróis sacralizados” pelo discurso historiográfico hegemônico, territorialista e excludente, mas evidencia também a experiência das margens, das vozes silenciadas, das comunidades e dos sujeitos propositalmente negligenciados nos relatos oficiais. (FLECK, 2017, p. 44).

Para tanto, nos novos romances históricos se emprega uma série de estratégias e recursos escriturais, a qual permite a construção de uma narrativa que impugna o discurso tradicional. Seymour Menton (1993, p. 46) chama a tal conjunto de estratégias e recursos de sinfonia bakhtiniana: carnavalização, dialogismo, polifonia, heteroglossia, entre outros. O teórico, ademais, estabelece outras características para essa modalidade

do gênero, entre elas: a distorção histórica intencional, o exacerbado uso de anacronismos, da intertextualidade e dos recursos metaficcionais.

Fernando Aínsa (1991; 1996), teórico uruguaio do romance histórico, ademais, aponta como características desse tipo de obras literárias: a superposição de fios narrativos dentro da diegese, o predomínio da ficção em detrimento da história dentro da narrativa e a impugnação da legitimidade do discurso histórico oficial. Para o pesquisador uruguaio, o romance histórico latino-americano possui um caráter subversivo, uma vez que “*se ha embarcado en la aventura de releer la historia, especialmente Crónicas y Relaciones, ejercitándose en modalidades anacrónicas de la escritura, en el pastiche, la parodia y el grotesco, con la finalidad de deconstruir la historia oficial*” (AÍNSA, 1991, p. 15).

Estudos contemporâneos sobre o romance de González Ochoa, *Mi Simón Bolívar* (1930), como o realizado por Amortegui (2017), não o consideram dentro dessa modalidade crítica do gênero, o novo romance histórico latino-americano. O pesquisador, baseado nos estudos de Menton (1993) e Jitrik (1995) — estudos já considerados clássicos na teoria do romance histórico —, classifica a obra dentro do romance histórico *criollista*²⁸, dado a que seu caráter central “*radica en el llamado a la reconstrucción de un personaje histórico como Simón Bolívar, desde una perspectiva de reivindicación nacionalista y pedagógica*” (AMORTEGUI, 2017, p. 73). No presente estudo, consideramos que a obra vai além dessa reivindicação nacionalista e pedagógica, apontada por Amortegui (2017), ao estabelecer as bases do que seria o tratamento ficcional da figura histórica do Libertador no restante do século XX.

As estratégias narrativas e escriturais presentes na obra do literato colombiano, assim como a ideologia que perpassa a construção ficcional, a nosso ver, evidenciam uma ruptura com a escrita do romance histórico tradicional. Em *Mi Simón Bolívar* (1930) prevalece a criticidade na releitura do passado pela ficção, tornando-se um romance pioneiro na revisitação ficcional crítica à história do Libertador. As características composicionais e estruturais da obra de González Ochoa em relação à figura de Simón Bolívar foram herdadas por romances que, décadas depois, tornaram-se

²⁸ Nos termos de Seymour Menton, o romance histórico *criollista* foi uma tendência literária no gênero na qual “*la identidad nacional volvió a ser una preocupación importante, pero con énfasis en los problemas contemporáneos: la lucha entre la civilización urbana y la barbarie rural, la explotación socioeconómica y el racismo*” (MENTON, 1993, p. 37).

representantes das modalidades críticas do gênero: o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica²⁹.

A seguir, na análise literária de *Mi Simón Bolívar* (1930), buscamos destacar esses aspectos narrativos e discursivos que consideramos significativos para considerá-la uma obra de ruptura dentro do gênero romance histórico e precursora da fase crítica do gênero em relação à figura do Libertador.

2.1 *MI SIMÓN BOLÍVAR* (1930): O LIBERTADOR EM UMA MULA

Simón Bolívar embarga todos mis sentidos con sus emanaciones de individualidad. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 40).

Na leitura de *Mi Simón Bolívar* (1930), nos deparamos com uma intrincada narrativa na qual os narradores, as personagens, as consciências autonômicas das personagens e o próprio autor participam de um experimento filosófico-cósmico-literário em que a figura/espírito de Bolívar busca ser redescoberta, internalizada e reapresentada. Dessa forma, a obra de González Ochoa, tal como aponta Amortegui (2017), “*puede ser leída como texto histórico, documental, libro de viajes, texto filosófico, diário o novela*” (AMORTEGUI, 2017, p. 73). Aqui, consideramos a obra um romance histórico inserido na fase crítica do gênero³⁰.

O romance é ambientado no ano de 1930, ano do centenário da morte de Bolívar. A personagem principal, Lucas Ochoa, é motivada por Fernando González, narrador da primeira parte da diegese, a escrever uma biografia “definitiva” do Libertador, que o mostrasse como “realmente foi” ante a sociedade. O centenário da morte dessa figura histórica seria a data perfeita para a publicação da obra, a qual desvendaria o verdadeiro rosto do grande General. Lucas Ochoa, filósofo e viajante astral, no entanto, considera que tal labor intelectual só poderia ser realizado ao conhecer e tomar posse do próprio espírito de Bolívar; para isso, era necessário transitar

²⁹ As obras classificadas dentro novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica em que a figura de Simón Bolívar é o centro da narrativa, a nosso ver, só adquirem um caráter enfaticamente crítico a partir da década de 2010, em obras como *La Carroza de Bolívar* (2012) e *La visita de Bolívar* (2018). Até então, o repertório de romances históricos se manteve numa linha crítica humanizadora e desmistificadora da figura do Libertador, sem necessariamente recorrer a uma desconstrução do seu heroísmo.

³⁰ Na atualidade, os teóricos do gênero classificam as produções híbridas de história e ficção em fases e modalidades que possuem características diferenciadas. O estudo realizado por Fleck (2017) – que se sustenta em diversas vertentes teóricas como as expostas por Lukács (1977), Aínsa (1991), Menton (1993), Hutcheon (1991), García Gual (2002), Fernández Pietro (2003), entre outros – aponta para três fases do romance histórico: fase acrítica, crítica e de mediação.

por cada trajeto que o Libertador percorreu em vida, assimilando a sua “consciência cósmica”.

A personagem Fernando González explica que Lucas Ochoa havia encontrado em Bolívar, após uma longa procura, um ser que “engendrava a beleza humana” e que havia possuído, em diversos momentos da sua vida, o nível de consciência cósmica — o mais alto entre os níveis de consciência. De tal forma, Lucas se encontrava impelido pela “grandeza de Bolívar” a procurar conhecer e possuir seu espírito, caminhando e atravessando os Andes uma e outra vez, tal como o Libertador fez. Isso, no entanto, demandaria, de parte da personagem Fernando González, que custeava a produção da biografia, uma grande quantia. Ante tal conjuntura, González tem a ideia de escrever um livro sobre Lucas, o filósofo, no qual se encontrariam as vicissitudes do seu processo investigativo e metodológico. Com o dinheiro que a publicação dessa obra arrecadasse, ambos poderiam empreender a viagem que permitisse a Lucas assimilar o espírito do Libertador e escrever a sua biografia.

O romance se divide em três partes: na primeira, a personagem Fernando González apresenta uma biografia da personagem Lucas Ochoa; na segunda, Lucas Ochoa apresenta seu método investigativo e metodológico para escrever a biografia de Simón Bolívar; na terceira parte, são transcritos e analisados pela personagem Lucas Ochoa vários textos redigidos por Bolívar, textos nos quais a personagem ficcional poderá internalizar a figura do Libertador.

O primeiro aspecto a destacar na narrativa de González Ochoa (1930) é o processo de humanização da personagem histórica. A humanização se refere ao processo de atribuição de qualidades próprias do gênero humano a um ser ou elemento que não pertence a tal conjunto, por meio da inspeção das suas intimidades e da sua psicologia. Entre elas: todos os defeitos e contradições próprios do gênero. Ao nos referir ao processo de humanização da figura de Simón Bolívar, de tal modo, infere-se que tal personagem histórica havia permanecido, na literatura e na historiografia tradicional, afastada da sua condição humana: um semideus, um super-homem, uma estátua marmórea, como era apresentada a figura de Bolívar, por exemplo, na obra de Blanco (1952).

Dessa forma, o primeiro grande passo de González Ochoa foi desmontar a figura do Libertador do seu pedestal, aproximá-la aos homens e afastá-la dos deuses. Tal proceder literário é característico dos escritores do denominado novo romance histórico latino-americano. Nos termos de Aínsa (1991), esses literatos se empenharam em [...]

“buscar entre las ruinas de una historia desmantelada por la retórica y la mentira al individuo auténtico perdido detrás de los acontecimientos, descubrir y ensalzar al ser humano en su dimensión más auténtica” (AÍNSA, 1991, p. 31).

González Ochoa foi um dos primeiros em divulgar esse novo perfil do Libertador na sua obra, um perfil ficcional em que se destacam aspectos pouco explorados da personagem na literatura nacionalista romântica de cunho tradicional. Em *Mi Simón Bolívar* (1930), vincula-se a figura do Libertador ao fracasso e à frustração em diversos aspectos da sua vida. A personagem principal da obra, Lucas Ochoa, que se dispõe na diegese a procurar e tomar posse do espírito de Bolívar, descreve num dos trechos da narrativa a figura do Libertador da seguinte maneira:

Era un hombre solo, sin amigos y sin amores. En verdad, no tuvo familia. El que nació para realizar una concepción, se aísla del género humano. La soledad de su alma cuando comprendió, en 1826, que su obra estaba para derrumbarse, es aterradora. Sus noches eran tristes; veía que, al envejecer, al perder su aura, desaparecía la fuerza que había atraído tantos elementos dispersos. (GONZÁLEZ, 2002, p. 167).

Nesse fragmento, evidenciamos a solidão, o fracasso, a desilusão e a ruína de um dos momentos da vida da personagem Bolívar. É a partir dessa dimensão ficcional que a revisitação histórica se efetua na narrativa. A personagem Lucas Ochoa, após um longo e profundo exame do espírito de Bolívar dentro da narrativa, apresenta um ser afastado do “sempre vitorioso homem de ferro” configurado na literatura nacionalista romântica e na historiografia positivista de cunho tradicional. Esse Bolívar é retratado numa das mais precárias condições: na desolação da derrota e da solidão, fruto do fracasso dos seus planos políticos e militares.

Tal dimensão de frustração e insucesso na narrativa de González Ochoa (1930) pode ser definida dentro das operações literárias da carnavalização bakhtiniana. Para o teórico russo, durante esse processo,

se suprimen las Jerarquías y las formas de miedo, etiqueta, etc., relacionadas con ellas; es decir, se elimina todo lo determinado por la desigualdad jerárquica social y por cualquier otra desigualdad (incluyendo la de edades) de los hombres. Se aniquila toda distancia entre las personas y empieza a funcionar una específica categoría carnavalesca: el contacto libre y familiar entre la gente. (BAKHTIN, 2003, p. 179).

O rebaixamento do Bolívar/herói-invincível, por meio da sua ressignificação literária, à condição de um homem propenso ao fracasso e à frustração, evidencia na obra de González Ochoa uma das principais características do novo romance histórico latino-americano apontadas por Menton (1993) e Aínsa (1991): a presença de conceitos bakhtinianos tais como a carnavalização. A distância que separava o herói do povo no imaginário latino-americano busca ser extinguida — aniquilada, nos termos de Bakhtin (2003) —, a partir da ficção, num processo em que as hierarquias estabelecidas pelos discursos tradicionais são questionadas na literatura.

A humanização da personagem é reforçada na diegese a partir de relações intertextuais presentes em toda a tessitura narrativa. A personagem Lucas Ochoa, na sua árdua tarefa de recopilação de documentos a respeito de Bolívar, propõe-se buscar “*a don Simón por todas partes, en los libros y en el cerebro de todos los compatriotas que leen*” (GONZÁLEZ OCHOA, 1930, p. 157). Assim, dentro da narrativa são citados trechos de obras de cunho histórico em que a figura do Libertador é configurada sob aspectos menos idealizados. Cita-se, por exemplo, um trecho do *Diario de Bucaramanga*³¹ (1869-1912) em que Perú de Lacroix (1780-1837) apresenta uma faceta de Bolívar menos constatada nas obras tradicionais:

Me contó que había sido muy aficionado al baile, pero que aquella pasión se había totalmente apagado en él; que siempre había preferido el vals, y que hasta locuras había hecho, bailando de seguido horas enteras, cuando tenía una buena pareja. Que, en tiempo de sus campañas, cuando su cuartel general se hallaba en una ciudad, villa o pueblo, siempre se bailaba casi todas las noches, y que su gusto era hacer el vals, ir a dictar algunas órdenes u oficios y volver a bailar y a trabajar. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 157).

A faceta do Bolívar menos rígido e conservador, dado à festa e à dança, era inovadora para o imaginário social de início do século XX. González Ochoa (1930) destaca esse trecho da extensa obra de cunho biográfico de Perú de Lacroix, outorgando-lhe maior visibilidade no contexto nacional e internacional à figura de Bolívar que nessa produção é apresentada. A inovadora ótica sobre personalidade do Libertador é complementada com uma também renovadora caracterização do seu

³¹ Obra baseada no diário do general francês Luis Perú de Lacroix (1780-1837), escrito durante a sua estadia junto a Bolívar em 1826, enquanto o servia como assistente pessoal. O general francês se suicidou em 1837, o que levou a que a obra só pudesse ser publicada após serem encontrados os manuscritos, em 1869 (parcialmente, contendo só a segunda das três partes do diário) e em 1912 (contendo a segunda e a terceira parte do diário). Da primeira parte, na atualidade, só se conserva o índice.

aspecto: “*el hombre pequeño, de levita azul, con gorra de campaña y montado en una mula*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 171). Tal definição passa a ser quase um apelido usado por Lucas Ochoa para se referir a Bolívar, sendo retomada em várias ocasiões durante a narrativa.

Essa definição do aspecto de Bolívar corresponde a um registro histórico redigido pelo militar e político Daniel Florencio O’Leary (1801-1854), que narra nas suas memórias uma anedota a respeito do encontro de Bolívar com o General espanhol Morillo, em 1820. Na ocasião, Morillo, à beira do fracasso absoluto no campo militar, aceitou se encontrar com Bolívar para buscar um acordo pacífico. Conta O’Leary nas suas memórias que ao ver Bolívar de longe, Morillo teria se surpreendido: “*¿Cómo! ¿Aquel hombre pequeño, de levita azul, con gorra de campaña y montado en una mula?*”. A anedota de O’Leary, apesar de não ser um registro “plausível à comprovação”, como supunham ser os arquivos historiográficos oficiais das nações latino-americanas no século XIX, foi considerado na Colômbia, e em outros países da região, um episódio verídico. Podemos inferir que a sua oficialização se deveu ao caráter engrandecedor da figura do Libertador no cerne do episódio: Morillo, um dos mais experimentados generais espanhóis, surpreendeu-se ao ver o homem que o havia vencido na guerra; “o Bolívar pequeno de estatura e humilde de coração”.

Mesmo que essa figura humanizada do Libertador não tenha sido aproveitada nas produções literárias do século XIX — as quais optaram pela idealização de outros aspectos de Bolívar, como a sua força física e a sua lucidez política e militar —, González Ochoa (1930) resgata tal aspecto para incorporá-lo a sua narrativa renovadora. A intertextualidade em *Mi Simón Bolívar* constitui, assim, uma operação literária pela qual o texto ficcional dialoga com textos oficializados de cunho histórico, estabelecendo pontes com esse tipo de obras e buscando descrystalizar o discurso tradicional sobre a figura do Libertador.

Em *Mi Simón Bolívar* (1930), o processo de (re)elaboração do perfil do Libertador na ficção é exemplificado por meio de uma das alocações reflexivas da personagem principal, o filósofo Lucas Ochoa. A personagem, após sua longa procura pelo espírito de Bolívar, comenta: “*Ante el Karma, resulta lo que exige a priori la justicia: que somos iguales Bolívar, Macario, León, Cipriano, Conrado y yo; iguales en diferentes escalones; iguales los fines y el punto de partida*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 165). A personagem Lucas Ochoa é equiparada à figura do Libertador,

anulando as hierarquias que o discurso oficial instaurou com a intenção de consagrar um homem-símbolo do heroísmo, um líder fundacional da república.

Fernando González Ochoa, em *Mi Simón Bolívar* (1930), concretiza a humanização da figura de Bolívar por meio de um jogo metaficcional que só é evidente nas entrelinhas da narrativa. Durante o desenvolvimento da diegese, percebemos que Lucas Ochoa, antes mesmo de iniciar seu percurso investigativo, já possui diversas semelhanças com Bolívar em vários aspectos da sua vida. Isso nos leva a inferir que ambas as personagens são símiles configurados na tessitura narrativa: o que Lucas pensa, diz e faz é análogo, em distintos graus, ao que a personagem Bolívar pensou, disse ou fez. Contudo, as semelhanças entre ambas as personagens — a personagem de extração histórica e a personagem meramente ficcional — vão além de simples aproximações composicionais.

Por meio de um jogo metanarrativo, a figura de Simón Bolívar é configurada na ficção através da própria personagem Lucas Ochoa. Essa personagem, que se dispõe a assimilar o espírito do Libertador, na realidade, é disposta, desde o início da narrativa, como seu equivalente no ano de 1930. Diversos pontos da biografia de Lucas, brevemente explanada por Fernando González/narrador, desvelam a equivalência de ambas as personagens, tanto na sua história como na aparência física e no caráter. Observa-se, dessa maneira, a composição de uma obra metaficcional. Vejamos.

“*En primer término, esbozaré la biografía de Lucas Ochoa, para que así pueda entenderse mejor la que hizo él de don Simón Bolívar*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 4). A personagem Fernando González, já na introdução, explica que, para compreender a biografia de Bolívar, faz-se necessário conhecer Lucas Ochoa — e explicita: “*una biografía no es otra cosa que las reacciones que los hechos y pensamientos de un hombre producen en el que los contempla.*” (p. 4). A personagem Lucas Ochoa, dessa forma, como biógrafo de Bolívar, é uma espécie de interlocutor na história da vida e dos feitos do Libertador. Ao mesmo tempo, como apontamos anteriormente, Lucas Ochoa é o alter ego de Fernando González Ochoa, autor do romance. Desta maneira, o autor projeta na narrativa aspectos da sua vida por meio do seu alter ego ficcional, à medida que confluem nessa configuração imaginativa elementos da biografia do próprio Simón Bolívar. Em outras palavras, a personagem Lucas Ochoa constitui “o Simón Bolívar” criado no interior de Fernando González Ochoa/autor, externalizado na narrativa literária: *Mi Simón Bolívar*.

Nessa conjuntura, a personagem Fernando González inicia o seu próprio projeto investigativo, a fim de “tomar posse” da personagem Lucas Ochoa para apresentá-la na primeira parte do romance: *“Ningún esfuerzo humano he omitido para hacerme a todos los documentos precisos, según la psicología moderna, que me pongan en posesión del personaje”*. O multiperspectivismo, dessa forma, se faz presente na configuração de distintos fios narrativos dentro da obra, a saber: a apresentação da personagem Lucas Ochoa pela personagem Fernando González; a busca pela figura de Simón Bolívar por parte da personagem Lucas Ochoa; e a configuração da figura de Simón Bolívar a partir das ações narradas na ficção. Esse último, a nosso ver, é o fio narrativo principal que amalgama os outros dois, conduzindo o desenvolvimento da diegese.

A personagem Fernando González introduz na narrativa a personagem Lucas Ochoa que, como apontamos, é o equivalente ficcional da figura de Simón Bolívar. Nos dados biográficos apresentados sobre a personagem ficcional, encontramos analogias evidentes:

Arrojado Lucas de la Universidad, a los diez y seis años [...] don Juan de Dios, hombre rico y prudente, decidió enviarlo a Nueva York, para que allí terminara la formación de su corazón y de su inteligencia y también de su cuerpo, a pesar de que era un mozuelo espigado y de buenos músculos. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 10).

A personagem Lucas Ochoa, aos 16 anos, é enviada a Nova York para continuar a sua formação intelectual e física. Segundo os registros históricos, Bolívar, na mesma idade, em 1899, é enviado à Espanha, com idêntico propósito. Em outro trecho do romance, podemos ler a descrição física que González faz de Lucas Ochoa: *“Estatura mediana (1 metro con 73). Frente alta y larga, echada para atrás. Los ojos hundidos entre dos cavidades que protegen las cejas pobladas y cerdosas, en cada una de las cuales tres o cuatro pelos más largos y canosos. Lo demás no tiene importancia”*. Ao compararmos essa descrição com as imagens propagadas no contexto latino-americano sobre a figura de Bolívar, encontramos visíveis semelhanças (Imagem 1). Pouco a pouco, dessa maneira, o leitor compreende a equivalência entre a figura de Bolívar e a figura de Lucas Ochoa.

Figura 1: Ricardo Acevedo Bernal. *Simón Bolívar*, 1920. 140 x 108 cm, Óleo sobre tela. Acervo Museo Nacional da Colômbia - Casa de Nariño, Bogotá.



Fonte: Exposição Virtual – *Piezas en Diálogo*, Museo Nacional da Colômbia.

A partir desse entendimento, o romance pode ser lido desde uma perspectiva mais ampla. As descrições da vida e dos feitos da personagem Lucas Ochoa adquirem uma nova dimensão na narrativa, dado que por meio desses se estabelece uma releitura crítica do discurso oficial sobre a vida e os feitos do Libertador. Para a compreensão desse aspecto da narrativa, contudo, o romance demanda do leitor um conhecimento prévio e um repertório histórico considerável sobre o passado que está sendo reescrito pela ficção. A complexidade dessa narrativa exige um leitor experiente que possa depreender as vicissitudes do processo de releitura e reescrita crítica do passado. Essa complexidade na composição escritural da diegese é uma das características das obras que compõem as modalidades do novo romance histórico e da metaficção historiográfica, segundo Fleck (2017).

“*Simón Bolívar embarga todos mis sentidos con sus emanaciones de individualidad*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 40). A personagem Lucas Ochoa apresenta-se como um ser análogo à figura de Bolívar. Nessa condição, a própria personagem questiona os processos de idealização pelos quais a figura do Libertador passou na historiografia, na literatura e nas artes. “*La vida pasada no puede ser como se la imaginan los historiadores. [...] Reconstruir la vida de un personaje es tanta*

pretensión como creerse capaz de crear seres humanos (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 63). Escrever sobre o Libertador sem cair na crítica anacrônica ou na idealização exacerbada, aponta a personagem, é uma tarefa árdua.

O fazer do biógrafo ou do historiador, desde a perspectiva da personagem, sempre possui um alto nível de subjetividade: “*no quiero ser un admirador, ni un espejo. Deseo que sea mi hijo, mi Simón; que sea él y que sea yo. Mi Simón Bolívar*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 158). O discurso do biógrafo ficcional de Simón Bolívar, Lucas Ochoa, remete às vertentes renovadoras da historiografia. Por meio da ficção, discutem-se aspectos teóricos-metodológicos como a subjetividade no fazer dos historiadores; aspecto inerente à escrita de obras históricas, segundo as perspectivas mais contemporâneas da historiografia. Além disso, no trecho citado, observa-se uma referência à teoria do reflexo proposta por Leopold Ranke nos seus estudos sobre o fazer historiográfico. Para o historiador alemão, deveria ser função da obra histórica: servir como um espelho dos episódios do passado. Assim, por meio da ficção, através da personagem Lucas Ochoa, busca-se questionar os procedimentos de representação do passado seguidos pela historiografia tradicional. Essas discussões de cunho teórico na tessitura narrativa ficcional são características das modalidades mais desconstrucionistas do romance histórico, principalmente da denominada metaficção historiográfica, segundo Fleck (2017).

Num dos trechos finais do romance, Lucas Ochoa, narrador-alter ego do autor-personagem principal, compreende que as inúmeras referências que encontrou a respeito do Libertador são figuras inautênticas que respondem a interesses de terceiros: sejam eles políticos, econômicos, culturais etc. Num discurso dirigido diretamente à figura de Bolívar, Lucas Ochoa expressa seu lamento por como a sua figura histórica tem sido explorada:

¡Eso es! No pudiste hacernos hombres; somos gente mísera que aspiramos emigrar, explotando tu nombre. Así te han explotado los gobiernos, en contratos con escultores extranjeros; las casas editoriales al publicar el Bolívar íntimo, el Bolívar secreto, con cubiertas llenas de flores, de mujeres desnudas y con un retrato tuyo en que pareces un guerrillero bizco. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 164).

A criticidade que perpassa a revisitação crítica da vida e dos feitos da figura de Simón Bolívar, dessa forma, também se constitui em relação à literatura nacionalista

romântica de cunho tradicional. Em essência, questiona-se a instrumentalização da figura de Simón Bolívar para fins políticos, assim como a idealização da sua figura no discurso oficializado nas distintas regiões da América Latina; um discurso que, como buscamos apontar na primeira parte, foi constituído sincronicamente pela literatura e a historiografia.

Para Lucas Ochoa, a figura de Bolívar deve ser configurada na ficção e na história a partir da sua complexa natureza, evitando cair na sua idealização. Dessa forma, a figura de Bolívar passa a ser bifurcada na ficção: “*¡Qué curioso que tuviera el nombre de la Santísima Trinidad, que es la realizadora!: Simón, José, Antonio, de la Santísima Trinidad, Padre, Hijo y Espíritu...*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 40). A personagem ficcional passa a ser dividida em “pai, filho e espírito santo”, a modo de compreendê-la como um ser composto de múltiplos matizes. Essa peculiaridade da figura histórica, aponta a personagem Lucas Ochoa, explica as diversas versões que existem sobre o Libertador, as suas múltiplas configurações artísticas e discursivas: “*Lo más curioso es que todos los retratos, pintados o literarios, son diferentes. Es porque era todo anímico. En quien impera la carne y los huesos es muy fácil la fotografía, es cuestión mecánica. Pero el alma se sale de las leyes del mundo físico: la Santísima Trinidad, cuyo nombre llevaba, derramó en él la gracia*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 168).

A personagem Lucas Ochoa, como ser equivalente à figura do Libertador, também passará por um processo de bifurcação na narrativa. A primeira personagem na qual se divide Lucas Ochoa é chamada de *mi querido Bolaños (mi querido Jacinto*³²): “*Ahí está mi doble. Es el único que puede salvarme, porque está detrás y me mira, critica y dirige. Él es todo lo bueno en mí: voluntad, deseo de belleza, etc. Si lo olvido, pierdo*”. Essa parte da personagem é descrita como um ser crítico, justo e calculista:

Por eso he sacado afuera todas mis facultades críticas y racionales, personificándolas en el frío y dominador, en el dandi y asexual Bolaños. Él, a todas horas, va detrás de mí, criticando y ordenando, burlándose a veces, pues Lucas, enamorado, mujerero, blando, amigo del gusto, hace mucho caso de las burlas de Bolaños. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 44).

³² A personagem Lucas Ochoa decide, no meio da narrativa, mudar o nome do seu “Eu interior”: de Bolaños para Jacinto. Jacinto passa a cumprir, apesar da sua mudança de nome, a mesma função de Bolaños: dirigir e ser juiz pragmático e realista na vida de Lucas Ochoa.

A partir da nossa leitura interpretativa do romance, compreendemos a *mi querido Bolaños* como o perfil mais reservado da figura de Lucas Ochoa/Simón Bolívar. O homem dado à moderação, tanto no âmbito político e militar quanto no aspecto pessoal. A partir dessa caracterização de uma parte da personalidade da figura do Libertador, dá-se a desmistificação de diversos aspectos da sua vida e dos seus feitos; entre eles, o episódio da promessa no Monte Sacro de Roma.

Trata-se de um episódio histórico, amplamente abordado na historiografia e na literatura. Segundo os registros históricos, Bolívar, em 1805, acompanhado do seu mestre Simón Rodríguez, em cima do monte sacro de Roma, lança a seguinte proclama:

¡Juro delante de usted, juro por el Dios de mis padres, juro por ellos, juro por mi honor y juro por mi patria, que no daré descanso a mi brazo, ni reposo a mi alma, hasta que haya roto las cadenas que nos oprimen por voluntad del poder español! (RUMAZO GONZÁLEZ, 2005, s/p).

A linguagem romântica do juramento, assim como a sua construção simbólica no discurso oficializado na América Latina, passa a ser questionada e desconstruída na ficção de González Ochoa:

Se ha dicho que su estilo es romántico, y no es verdad. Se engañó Unamuno y se engañan todos, porque contemplan a Su Excelencia a través de la hojarasca de la literatura americana. Por ejemplo, esa vulgaridad que llaman discurso o juramento en Roma, no es de Bolívar, sino del doctor Manuelito Uribe, quien la hubo de Simón Rodríguez, el cual la construyó cuando ya estaba chocho. Bolívar dijo en el Monte Sacro: «Te juro, Rodríguez, que libertaré a América del dominio español y que no dejaré allá ni uno de esos carajos». Eso fue todo... (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 44).

Nesse processo de revisionismo, destaca-se o perfil menos romântico e lacônico da figura de Bolívar, um perfil equivalente ao de *mi querido Bolaños*, descrito anteriormente. A caracterização dessa parte da personalidade do Libertador é aprofundada pela personagem Lucas Ochoa na terceira parte do romance. Aí, são transcritos alguns dos textos redigidos por Simón Bolívar na época da independência, entre eles: o *Manifiesto de Cartagena* (1812), a *Carta de Jamaica* (1812), o *Discurso de angostura* (1819) e a *Constitución boliviana* (1826). A partir da leitura e análise desses escritos, a personagem Lucas Ochoa tece uma série de comentários a respeito da figura

do Libertador; comentários que, desde a perspectiva da personagem, correspondem ao “verdadeiro perfil” de Bolívar.

Na sua análise do *Manifiesto de Cartagena*, a personagem ficcional enfatiza a perspectiva pragmática e realista de Bolívar, em detrimento do perfil romântico desenhado na literatura nacionalista romântica de cunho tradicional:

Es un organismo ideológico que muestra el alma realista de Bolívar como era, como una florecencia del continente. ¿En dónde está el romanticismo? Está allí la historia de la revolución hasta 1813, y es y será siempre una enseñanza para Suramérica. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 93).

O pragmatismo torna-se, dessa maneira, uma característica da personagem ficcional Lucas Ochoa — através de *mi querido Bolaños* — e da personagem de extração histórica Simón Bolívar. Questiona-se, por meio do discurso ficcional, a idealização romântica à qual foi submetida a figura do Libertador:

Así te han explotado los gobiernos, en contratos con escultores extranjeros; las casas editoriales al publicar el Bolívar íntimo, el Bolívar secreto, con cubiertas llenas de flores, de mujeres desnudas y con un retrato tuyo en que pareces un guerrillero bizco. Los habitantes de la Gran Colombia te venden a los jóvenes perversos, en calidad de hormón, cautelosamente, como se expenden los ingredientes contra las enfermedades del amor venal. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 164).

A personagem Lucas Ochoa, no seu labor investigativo, reivindica um perfil mais humano de Bolívar, construído a partir da sua complexa personalidade. O pragmatismo e a visão realista são destacados na narrativa como aspectos próprios da figura de Bolívar, que antes de ser um herói ou um líder fundacional, foi um militar e um político numa das épocas mais conturbadas da história latino-americana.

Esse perfil ficcional de Bolívar, contudo, será complementado com outro aspecto de personalidade que se contrapõe ao pragmatismo: o caráter emocional e apaixonado. A personagem Lucas Ochoa se bifurca mais uma vez, apresentando para o leitor um “outro Eu”: *el padre Elias*. O *padre Elias* é descrito pela personagem como um ser que conjuga todo o amor dentro de si, amor pelas coisas positivas e negativas: “*El padre Elías son todas mis ansias espirituales, superiores, que no han aparecido por causa del Mal. ¡Cómo quiero a Elías! Es mi espíritu en el cuerpo que anhelo*”. Esse aspecto de personalidade, compreendida pela personagem como um “outro Eu” dentro

de si, constitui um contraponto para o seu caráter pragmático, concretizado na figura de *mi querido Bolaños*. Nesse sentido, a personagem Fernando González descreve a Lucas Ochoa como: “*el hombre de las contradicciones*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 14).

A figura ficcional de Bolívar, análoga à personagem Lucas Ochoa, também possui dentro de si uma contraposição ao seu perfil realista e pragmático. A figura do Libertador é também ficcionalizada como um ser inquieto, movido por emoções fortes e paixões profundas: “*Por ejemplo: tenía que dormir en algo que se balanceara, hamacas; se paseaba silbando, cantando, mientras dictaba proclamas, constituciones, etc. No se podía bañar en aguas quietas; no podía escuchar; le era imposible tener el sentimiento de obra terminada*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 152). Essa inquietação quase febril da personagem Bolívar é vislumbrada em todos os âmbitos da sua vida. Desde as relações interpessoais até no âmbito militar e político, a figura do Libertador é guiada, em diversos momentos, de forma frenética pelo desejo e a paixão: “*«¡Carajo!; esta mujer tiene que ser mía»: ¡Esa es toda la psicología amorosa del Libertador! Así era también en la guerra, pues, según frase de Morillo, era más terrible derrotado que vencedor*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 83).

O contraste entre a figura de um homem sensato, objetivo, realista e pragmático e a de um ser apaixonado e emocional constituem o fundamento da construção de ambas as personagens, Bolívar e Lucas Ochoa, na narrativa. São elaboradas pela ficção duas figuras problemáticas e complexas que fogem do tradicionalismo histórico e literário na construção de personagens; característica, essa, das vertentes renovadoras da literatura no século XX.

A terceira essência das personagens Lucas Ochoa e Bolívar é, então, a figura final que amalgama as outras; esse ser ficcional complexo que se contradiz e que luta consigo mesmo: “*Sucedo con estos hombres extraordinarios que a veces su conciencia no es capaz de comprender la unidad de su obra subconsciente; por eso el Libertador se burlaba a ratos de sus proyectos y renegaba de ellos*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 117). Esse é um dos grandes aportes da ficção de González Ochoa ao repertório de romances históricos nos quais a figura de Simón Bolívar é ficcionalizada: a construção de uma personagem contraditória e problemática; uma figura que não condiz com o discurso oficializado, formado a partir da historiografia e a literatura tradicionais.

A intensa procura da personagem Lucas Ochoa pelo espírito de Bolívar na narrativa ficcional — tanto em livros, registros, documentos e pinturas como dentro do seu imaginário e da sua memória — chega a seu fim. Nas últimas passagens do

romance, ambas as figuras são descritas numa cena idílica e surreal. Lucas Ochoa, numa espécie de viagem astral pelo tempo e espaço, encontra a personagem Bolívar saindo, ao que parece, nu de um rio:

Después de que salió del río, observé que se acariciaba los pies, antes de calzarse. Estos órganos, así como las manos, son pequeños y muy bien hechos. En Bogotá guardan unas botas suyas que parecen de mujer. Respecto de las piernas, vi que eran muy delgadas, pero los músculos se percibían, no hipertrofiados, formando surcos y vendajes. Es un hombre sin grasa. Su gran órgano es el cerebro poderoso, y también el cerebelo; la frente se abomba y el cerebelo es protuberante, aunque no parece cabezón, a causa de que el eje fronto-occipital es muy largo; en las sienas se estrecha la cabeza. Tejido adiposo, no hay; todos son especializados. La pantorrilla gorda es de mujer; en Inglaterra, los hombres tienen piernas que parecen zancos de madera, y es porque son andarines. Un hombre con pantorrilla rebullida, es desagradable. El macho debe ser todo endurecido como un vergajo. Así es Su Excelencia: carece de lo superfluo y abunda en lo necesario, a saber, un esqueleto óseo relleno de sustancia nerviosa y de glándulas, accionado por músculos. Pero no músculos de circo. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 174).

A descrição anatômica da figura de Bolívar estabelece na narrativa uma concretização corpórea para o herói abstrato, idealizado no discurso oficial. A humanização da figura histórica se materializa na diegese narrativa por meio dessa “autópsia textual”, nos termos de Kohan (2005), aportando novas construções imagéticas ao repertório imaginativo sobre o Libertador. Nas partes finais do romance, descrevem-se outras características físicas da figura de Bolívar, tais como a sua voz e seus olhos, entre outras.

2.2 MI SIMÓN BOLÍVAR (1930): A MANUTENÇÃO DO PERFIL HEROICO

A tessitura diegética de *Mi Simón Bolívar* (1930) se desenvolve a partir de diversos fios narrativos que se entrelaçam. O emprego de recursos metaficcionalis no romance, assim como da intertextualidade e da carnavalização, promove a ficcionalização da figura de Simón Bolívar a partir da sua humanização como personagem de extração histórica. A respeito do aspecto metaficcional das narrativas, consideramos o romance *Mi Simón Bolívar* (1930) como próximo às formas de escrita do denominado novo romance histórico latino-americano metaficcional, modalidade descrita por Fleck (2017):

Nessas obras, observa-se um trabalho maior com a metaficção, mas, em nenhum momento, esta chega a se tornar o meio principal de estruturação da obra. Ela se faz presente com importância similar aos outros elementos constituintes da obra: paródia, carnavalização, heteroglossia, intertextualidade, anacronias, polifonia, dialogia, etc. Nesses romances, a metaficção é “adjetivo” e não “substantivo” da obra. Ela é um recurso a mais entre vários outros da mesma relevância empregados na construção ideológica do discurso romanesco. (FLECK, 2017, p. 80)

O romance de González Ochoa evidencia características próprias da fase crítica do gênero romance histórico, impugnando aspectos do discurso oficializado na América Latina a respeito do Libertador. Dessa forma, a obra se mostra como pioneira desse tipo de escrita crítica no contexto latino-americano.

O novo Bolívar ficcional, criado na diegese do romance, dialoga com as formas e métodos de representação das vertentes renovadoras da literatura e da historiografia do século XX, as quais se afastam da idealização do passado sob a visão do romantismo e do positivismo. O novo perfil ficcional do Libertador, contudo, conserva traços do heroísmo outorgado pelo discurso oficializado; isto é, o caráter heroico da personagem é reelaborado sob as bases da humanização na literatura.

No processo de reconfiguração do perfil ficcional do Libertador, a obra de González Ochoa (1930) reelabora um dos aspectos fundamentais na consagração da sua figura como herói continental: a sua superioridade em referência tanto aos seus aliados quanto aos seus inimigos. Esse aspecto foi abordado na primeira parte deste estudo — na análise do romance histórico tradicional *Venezuela heroica* (1983) — como um elemento narrativo próprio da heroificação da figura histórica. O mesmo elemento é preservado na narrativa de González Ochoa (1930).

Para exemplificar esse procedimento narrativo, observemos a caracterização dada às personagens de extração histórica já mencionadas na primeira parte: o general Santander e o general Páez, considerados os maiores detratores políticos de Bolívar após a proclamação das repúblicas; e o precursor do movimento independentista, Francisco de Miranda. Assim são configuradas em alguns trechos da ficção essas personagens:

Para el gran Páez no existía sino el río Apure; era un niño inocente, un primitivo que miraba a Bolívar como a un dios y otras veces, cuando estaba lejos, como a un diablo. Fue niño hasta en sus

crímenes; un primitivo dominado por todo lo que brilla. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 95).

Todo el archivo Santander se compone de boletas, cartas, recibos..., conseguidos para cubrirse. El general Santander, la envidia hecha método, tenía conciencia orgánica del dinero. ¡Cuán parecido a todos los abogados de la Nueva Granada! [...] Así era el general Santander. Da la impresión nítida de que tenía algo doloroso en el alma. (GONZÁLEZ OCHOA, p. 2002, p. 153-154).

Miranda era un desarraigado, viejo oficial de Francia. La independencia americana estaba en el joven Bolívar, que en un caballo brioso iba al lado del general Miranda, de la Guaira hacia Caracas, y no en este general, metódico y afrancesado. Todo desapareció en manos de un anciano que ya había perdido la conciencia nacional durante su larga vida errante de intrigas. Miranda en Venezuela era como una planta colocada sobre una mesa de mármol: no arraigaba, no percibía las corrientes telúricas. (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 85).

Na tessitura narrativa, ficcionaliza-se a Páez como uma “criança inocente/ingênuo”, a Santander como um homem “invejoso e ávido de reconhecimento e poder” e a Miranda como “um velho afrancesado e desprovido de consciência nacional”. Diante dessas construções ficcionais, a figura do Libertador é apresentada como um sujeito superior, um homem que necessitou enfrentar a seus inimigos e aos seus aliados, dado que: “*Únicamente en Simón Bolívar estaba personificada la fundación de una patria, la creación de una conciencia colectiva, la creación de un nuevo continente político*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 85).

Esse discurso, próprio da configuração tradicional da figura de Bolívar, reaparece na perspectiva humanizadora da narrativa. O rebaixamento das personagens Páez, Santander e Miranda, em detrimento da prevalecente figura de Bolívar, é (re)elaborado na narrativa de González Ochoa (1930). O discurso que idealiza a figura de Bolívar a partir da inferioridade dos seus inimigos e aliados se mantém, com as suas particularidades. Vejamos o caso da personagem ficcional Francisco de Miranda.

Em *Venezuela heroica* (1952), o narrador opta por apontar para a fragilidade do caráter da personagem Miranda como a causa do seu fracasso na empresa independentista; sublinha-se, na narrativa, o caráter forte e inquebrantável de Bolívar, que lhe serviu para levar a cabo a independência. Em *Mi Simón Bolívar* (1930), a personagem Lucas Ochoa salienta na caracterização de Miranda a sua incompreensão do contexto americano, fruto do seu fascínio pelas formas e modos políticos e militares europeus: “um general afrancesado”:

Quería ser un general francés, con ejército francés que hablara francés en la Venezuela de criollos presumidos, mulatos parlanchines e indios melancólicos: cuando veía al joven terrible arengando en su lengua y con sus pasiones al ejército de mulatos y de negros, lo regañaba y le recomendaba los libros de táctica de Montecucoli... (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 85).

Em contraposição, a figura de Bolívar, o “jovem terrível”, é exposta na ficção como um ser que compreendia o contexto americano e que valorizava todos os elementos próprios desse contexto, como a língua, a cultura e a diversidade étnica das gentes. Destaca-se, no romance, a propensão pelos costumes locais e regionais da personagem, resultado da sua natureza mestiça e do contato direto que manteve com as camadas populares. Em suma, em ambas as narrativas a figura de Bolívar é superior aos seus coetâneos, ora pelo seu caráter inquebrantável, quase sobre-humano, ora pela sua natureza inteiramente humana e americanizada.

Outro dos aspectos da consagração da figura de Simón Bolívar na literatura nacionalista romântica de cunho tradicional que é mantido no romance de González Ochoa é: a elevação da sua figura como ícone de unidade para o continente americano. Como apontamos na primeira parte deste estudo, no romance histórico tradicional *Venezuela heroica* (1952) se configura a personagem Bolívar a partir da premissa da sua indispensabilidade histórica. Arquiteta-se a narrativa de tal forma que o Libertador passa a ser, para sua época, o eixo da unidade nacional e o catalisador do movimento independentista; e seu legado, símbolo de unidade e liberdade para as gerações. Tal caracterização da figura histórica é preservada na narrativa de González Ochoa.

Em *Mi Simón Bolívar* (1930) são constantes as menções à figura de Bolívar como personificação da luta independentista, isto é, símbolo de liberdade e união: “*en tiempos del Libertador, Colombia irradiaba, imponía al mundo sus conceptos de Libertad y de Gloria*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 72); “*todo en Bolívar es libertad: el modo como redactaba, el modo como pensaba, como dormía, como guerreaba*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 123). A personagem Lucas Ochoa, na sua intensa procura pelo espírito do Libertador, compreende, ademais, que para conhecer Bolívar deve-se conhecer a América, pois são figuras análogas: “*donde estaba Bolívar estaba el triunfo y estaba Suramérica*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 72). Desse modo, explica a personagem, “*Bolívar era el continente, [pelo qual], al referirse a América, hablaba de sí mismo*” (GONZÁLEZ OCHOA, 2002, p. 119). A figura

histórica ficcionalizada em *Mi Simón Bolívar* (1930), apesar das inúmeras divergências estruturais e narrativas, não se distancia do Bolívar de Blanco (1952) nesse aspecto: “*Bolívar: la energía de todo un Pueblo sintetizada en un hombre*” (BLANCO, 1952, p. 88).

Evidenciamos, assim, a preservação do caráter heroico na construção da figura ficcional do Libertador, por meio da manutenção de alguns aspectos do discurso tradicional a respeito da sua vida e dos seus feitos. Entre eles: a superioridade da personagem Bolívar em referência aos seus coetâneos e a sua caracterização como símbolo de unidade e liberdade na história do continente.

A ficcionalização da figura de Bolívar no romance de González Ochoa estabelece um novo paradigma literário: a personagem de extração histórica passa por um processo de humanização e reelaboração do seu perfil heroico. A narrativa arquiteta por meio da arte romanesca um novo rosto ficcional para Bolívar. Tal processo é operado a partir de recursos e estratégias escriturais diferenciadas. O romance de González Ochoa (1930), apesar de que na época da sua publicação ainda não estavam consolidadas as modalidades mais desconstrucionistas do gênero – novo romance histórico e metaficção historiográfica –, possui elementos altamente críticos empregados a partir de uma estrutura experimentalista e metaficcional. A alternância de narradores, o jogo narrador/álter ego de autor/personagem principal e as discussões teóricas-metodológicas dentro da tessitura narrativa fazem do romance um dos pioneiros do que, nas primeiras décadas do século XX, ainda estava em processo de estruturação. Romances com essas características, como apontamos anteriormente, alcançaram seu auge no período da “nova narrativa” latino-americana, na segunda metade do século.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2010, Hugo Chávez, presidente da Venezuela na época, levou adiante um dos episódios mais peculiares no continente da década passada: a exumação dos restos de Simón Bolívar. Chávez desconfiava das versões oficiais sobre a morte do Libertador, que apontavam como causa principal do seu decesso uma doença pulmonar crônica. O ato de exumação, que foi televisionado, seguiu com rigor todos os protocolos éticos e práticos a fim de não desonrar a figura de Bolívar. Os resultados não foram específicos em referência à causa da morte do Libertador, contudo, descartou-se a possibilidade de Bolívar ter sido assassinado; principal suspeita do presidente venezuelano. O ato, para

além dos resultados, teve um forte impacto simbólico no contexto latino-americano. Exumar os restos de Bolívar em 2010, após 200 anos do início das campanhas independentistas por ele dirigidas, intensificou o debate sobre um passado histórico repleto de conflitos e divergências ainda não resolvidas.

A relevância dessa figura histórica vem sendo (re)construída em narrativas sobre o passado — literárias e historiográficas — redigidas a partir do século XIX sob múltiplas perspectivas discursivas e metodológicas. Simón Bolívar morre em 1830 afastado do poder político e econômico nas repúblicas que ajudou formar com as campanhas independentistas. A sua morte passa relativamente despercebida no contexto continental, dado que a sua figura havia se tornado um “problema” para a consolidação dos projetos nacionais nas distintas regiões em que atuou. Os líderes políticos e militares da Venezuela, da Colômbia, do Equador, da Bolívia e do Peru haviam permanecido subordinados (por lealdade, por necessidade ou por obrigação) a Bolívar e ao seu projeto político de unificação até meados da década de 1820. Já para 1830, os principais líderes dessas regiões se haviam sublevado ao domínio de Bolívar e iniciavam seus novos projetos nacionais, entrando em conflito com os seus análogos. A morte de Bolívar, de alguma forma, favoreceu o desenvolvimento dos projetos republicanos independentes dessas nações.

A figura de Bolívar, contudo, “renasce” em 1842, quando seus restos são levados da Colômbia para Venezuela, lugar em que lhe são atribuídas as menções de honra a nível nacional e internacional. Nessa época, intensifica-se a produção de obras históricas e literárias que buscavam retratar a vida e os feitos do Libertador. Simón Bolívar, então, passa de ser um líder político e militar a ser a figura simbólica desses poderes nas repúblicas independentes. Na segunda metade do século XIX, os projetos nacionais na América Latina estavam em processo de construção e consolidação, pelo qual buscava-se a convalidação das identidades nacionais e dos planos governamentais através de símbolos pátrios bem definidos: datas e lugares onde aconteceram episódios históricos relevantes; figuras de líderes e heróis fundacionais; escudos, bandeiras e hinos que remetam à formação da nação etc.

A personagem histórica Simón Bolívar é adotada como uma figura de relevância continental. Inicia-se um processo de construção de narrativas históricas sobre a vida e os feitos de Simón Bolívar; narrativas que serão oficializadas nas distintas regiões do continente. No âmbito da historiografia, essas narrativas se vinculam à vertente filosófica do positivismo, construindo a história política das repúblicas independentes.

Nessa conjuntura, Bolívar é configurado como o grande líder fundacional e herói pátrio nos contextos venezuelano, colombiano, equatoriano, boliviano e peruano; assim como uma figura de decisiva influência política e militar no resto da América. Sob as noções de ordem, liberdade e progresso, os intelectuais pós-independentistas redigem obras históricas que além de narrar os episódios do passado, de forma evidentemente seletiva, delimitam as bases identitárias das novas repúblicas.

A literatura possui análoga relevância na construção desses discursos oficiais sobre a figura de Simón Bolívar. Em concomitância com as historiográficas, as obras literárias participam da construção discursiva desse herói fundacional para as repúblicas da América. A partir da ficção, são criadas narrativas que renarrativizam os episódios da época independentista, dotando-os de força poética. Assim, cria-se no imaginário latino-americano a figura do Bolívar-Libertador, personagem do passado que recebe nos romances românticos híbridos de histórica e ficção qualidades próprias de um herói neoclássico, um semideus e/ou um super-homem.

No romance histórico *Venezuela heroica* (1952), escrito por Eduardo Blanco, percebemos os processos de heroificação e idealização da figura histórica. A obra, por meio de uma narrativa linear e com tom pedagógico, reconta a vida e os feitos de Simón Bolívar durante as campanhas independentistas. Na diegese, a personagem é ficcionalizada sob as bases literárias do romantismo, sendo construída como um herói indispensável para o movimento de emancipação das repúblicas e como um modelo a seguir para o leitor do presente. A narrativa transita entre as fronteiras da história e da ficção, o que permite amalgamar as criações imaginativas do autor com os registros da guerra que são incorporados na diegese. Desse modo, as longas descrições sobre os movimentos militares e políticos de Bolívar, baseados nos registros oficializados sobre o passado, misturam-se com construções ficcionais que engrandecem os episódios renarrativizados.

A Venezuela, na época da publicação do romance de Blanco (1952), encontrava-se em processo de consolidação do projeto republicano de nação, assim como os demais países da América. Os conflitos políticos e cívico-militares haviam sido regulares no contexto nacional e internacional após as independências. As elites buscavam assumir o controle dos governos enquanto se criavam os partidos políticos e os movimentos sociais de resistência e oposição. Nessa conjuntura, fazia-se necessária a consolidação de bases ideológicas sólidas para os projetos nacionais; bases ideológicas que permitissem ao projeto republicano se manter de forma independente aos conflitos de

poder dentro e fora do contexto nacional. Nesse sentido, a obra de Eduardo Blanco (1952), que além de literato foi político e militar, respondeu à necessidade do seu tempo. Blanco cria uma narrativa ficcional que serviu como base para a consolidação do projeto republicano a partir de uma figura central: Simón Bolívar. Eis a relevância de *Venezuela heroica* (1952) no contexto latino-americano: a ficção de Blanco, além de ser uma obra completa em termos estéticos, operou como agente de transformação na época da sua publicação.

A figura de Simón Bolívar se fundamenta no imaginário social sob as bases do heroísmo, após ser configurada em diversas obras literárias, históricas e artísticas que foram oficializadas em diversos contextos nacionais no século XIX. A imagem do Libertador passa a ser o símbolo representativo de projetos políticos, militares, sociais, culturais e até religiosos no contexto latino-americano; muitos desses antagônicos entre si. Diversos romances históricos seguem as bases narrativas de *Venezuela heroica* (1952) na ficcionalização da figura histórica, compondo um amplo repertório de obras que chegam até a contemporaneidade.

O perfil idealizado da figura de Bolívar na literatura inicia um processo de transformação no século XX. No ano de 1930, publica-se o romance *Mi Simón Bolívar*, escrito pelo literato colombiano Fernando González Ochoa. Trata-se de uma narrativa metaficcional em que se conta a história da personagem Lucas Ochoa, alter ego do autor, que planeja escrever uma biografia de Bolívar no ano de 1930. Tal projeto na ficção, contudo, não remete só à historiografia, mas à filosofia e à sociologia, transformando-se numa empresa árdua que requer uma grande quantia para ser concretizada. As personagens Ochoa e González decidem então escrever um livro sobre o processo que antecede à escrita da biografia do Libertador; e, assim, reunir o dinheiro que precisam para escrever a biografia. Esse livro que conta o processo investigativo para escrever a biografia do Libertador é o livro que nós, leitores, lemos. Por meio de um jogo metanarrativo em que as personagens Fernando González e Lucas Ochoa se bifurcam e amalgamam, a figura do Libertador é ficcionalizada.

Mi Simón Bolívar (1930), pela sua complexidade de ideais e de estrutura narrativa e pelas estratégias e recursos escriturais que operam na diegese, pode ser lido como um tratado filosófico, um estudo sociológico ou uma obra literária. Aqui o lemos e examinamos como um romance histórico crítico em relação à história oficializada sobre o Libertador; uma obra pioneira nessa releitura crítica da história através da ficção no contexto latino-americano.

Estudos contemporâneos dividem em fases e modalidades as produções do gênero romance histórico, a saber: fase acrítica, que conta com duas modalidades, o romance histórico clássico ou scottiano e o romance histórico tradicional; a fase crítica, com duas modalidades, o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica; e a fase mediadora, com uma modalidade até o momento, o romance histórico de mediação. As duas modalidades da fase crítica, segundo os teóricos do gênero, consolidam-se na segunda metade do século XX. Esse tipo de escrita se caracteriza por estabelecer, através da ficção, uma releitura questionadora do passado, estabelecendo contrapontos aos discursos oficializados da historiografia e da literatura tradicionais. Tal processo se efetiva na tessitura narrativa a partir do emprego de recursos escriturais e narrativos como a paródia, a carnavalização, os recursos metaficcionais, entre outros.

O romance histórico de González Ochoa, *Mi Simón Bolívar* (1930), antecipa essa tendência literária no gênero. A figura do Libertador, consagrada nas narrativas sobre o passado, é humanizada na ficção, por meio da carnavalização literária, os recursos metaficcionais e a intertextualidade. O novo perfil da figura de Bolívar destoa em distintos aspectos dos registros históricos oficializados na América Latina. A humanização do herói busca aniquilar as hierarquias que distanciavam a sua figura do resto da sociedade. Bolívar é ficcionalizado como um homem comum, propenso ao fracasso e à frustração, dimensões que perpassam toda a narrativa.

Na época da publicação do romance, a Colômbia passava por um momento de transformação política e social relevante. Os partidos *Liberal* e *Conservador*, com ideologias antagônicas, disputavam o poder político e social no país desde o século XIX; disputa que havia se transformado numa guerra cívico-militar no ano de 1899: a guerra dos mil dias (1899-1902). Finalizada a guerra, com o triunfo dos *conservadores*, intensificaram-se os movimentos sociais de oposição ao governo e, sincronicamente, a repressão do Estado. Em 1930, o partido Liberal chega ao poder, após 44 anos de hegemonia do partido Conservador. Nesse contexto, Fernando González Ochoa se forma em Letras e em Direito, participando ativamente durante as primeiras décadas do século XX nos movimentos intelectuais de vanguarda na literatura e na filosofia. O romance de González Ochoa dialoga com o seu contexto de produção, destacando, a partir da ficção, novas formas de olhar para o passado histórico.

A releitura crítica da vida e dos feitos do Libertador corresponde ao espírito da vanguarda intelectual da época, que buscava a renovação do imaginário social a partir

de novas formas de pensamento. No âmbito da literatura e da historiografia, as primeiras décadas do século XX são caracterizadas pelo surgimento e a consolidação de novas correntes de pensamento. A renovação da historiografia, processo que inicia já na metade do século XIX, consolida-se como uma escola de pensamento na França, com as primeiras publicações da revista *Annales* em 1929. Na literatura, as vanguardas na América Hispânica e o Modernismo no Brasil, procuravam romper com o tradicionalismo nas formas de escrita de ficção, recorrendo a formas e métodos experimentais.

O romance de González Ochoa, como texto híbrido de história e ficção, nutre-se dessas fontes de renovação na literatura e na historiografia, incorporando à tessitura narrativa aspectos de ambas as áreas. As perspectivas sociais e interdisciplinares adotadas pela historiografia, em detrimento da história política ligada ao historicismo rankeano, são visíveis na construção de *Mi Simón Bolívar* (1930). A obra se desenvolve como um texto interdisciplinar que, a partir da ficção, discute o fazer historiográfico a respeito da figura do Libertador na América Latina. As personagens ficcionais reivindicam a escrita de uma histórica crítica da figura de Bolívar, propondo a dessacralização da personagem e o seu desligamento dos projetos políticos no continente.

O romance histórico se afasta do romantismo na criação das personagens e na releitura da história, procurando novas formas de ver o passado a partir de um olhar que abrange a complexidade desse processo. Dessa forma, ficcionaliza-se a figura do Libertador a partir dos diversos matizes que uma personagem-mais-humana e latino-americana deveria/poderia ter. A construção de uma personagem problemática de extração histórica no gênero se vincula aos novos processos do fazer literário que estavam em voga nas primeiras décadas do século XX; formas que se consolidam no novo romance histórico latino-americano e na metaficção historiográfica na segunda metade do século, durante o período da “nova narrativa”. Pelas características estéticas, estruturais e ideológicas, apontamos para *Mi Simón Bolívar* (1930) como um romance de ruptura e precursor da modalidade do novo romance histórico latino-americano metaficcional.

A narrativa de González Ochoa (1930), apesar do seu tom desmitificador e humanizador a respeito da vida e dos feitos de Bolívar, preserva um aspecto fundamental dos discursos literário e historiográfico tradicionais: a configuração do Libertador como um herói histórico latino-americano. Essa característica é evidenciada

em dois aspectos fundamentais na ficção: a superioridade da personagem Bolívar em relação aos seus coetâneos, entre eles seus detratores Páez e Santander e seu antecessor Miranda — personagens de extração histórica; e a indispensabilidade da figura do Libertador para o desenvolvimento do movimento de emancipação na América.

Desse modo, *Venezuela heroica*, publicado originalmente em 1881-1883, e *Mi Simón Bolívar*, publicado em 1930, são construções literárias que convergem num aspecto específico da ficcionalização da figura de Simón Bolívar: o seu heroísmo. Na obra de Blanco (1952), configura-se esse perfil da personagem a partir da distinção de características físicas e intelectuais superiores, próprias de um ser que transcende o gênero humano. Na obra de González Ochoa (1930), o heroísmo da personagem se baseia no seu perfil humanizado e latino-americanizado; aspectos da construção da personagem Bolívar no romance histórico que são preservados até a contemporaneidade. O romance histórico latino-americano, da nossa perspectiva, só alcança um tom enfaticamente crítico em relação ao perfil heroico do Libertador na segunda década do século XXI, em obras desconstrucionistas como *La carroza de Bolívar* (2012) e *La visita de Bolívar* (2018).

A figura de Bolívar é ficcionalizada em romances históricos latino-americanos desde o século XIX até a contemporaneidade. A sua configuração como personagem de ficção passa por diversos momentos de relevância no contexto continental, nos quais a história da sua vida e dos seus feitos adquire novos matizes. Essas construções imaginativas se transformam em textos híbridos de história e ficção que ora convergem ora divergem do discurso histórico oficializado nos contextos nacionais a respeito do Libertador; renarrativizando ou relendo tais episódios do passado. A partir do exame dos romances *Venezuela heroica* (1952) e *Mi Simón Bolívar* (1930), compreendemos como esse tipo de escrita literária se vincula aos movimentos políticos, sociais, culturais e intelectuais no contexto latino-americano. A literatura, nesse sentido, mostra-se como um agente de transformação. Do mesmo modo, evidenciamos os processos literários pelos quais a figura de Bolívar é ficcionalizada, apontando para as estratégias narrativas, os recursos escriturais e as ideologias que perpassam a diegese do romance.

As narrativas caleidoscópicas sobre a figura do Libertador evidenciam o diálogo entre a história e a literatura no contexto latino-americano. As interrelações entre ambas as áreas no tratamento dessa figura histórica podem ser rastreadas desde o século XIX até a contemporaneidade. Com divergências e convergências, desenvolve-se o diálogo entre as obras historiográficas e os romances históricos, que, vistos como narrativas

sobre o passado, são frutos dos processos sociais, políticos e culturais da sua época de produção. Cada romance e cada obra historiográfica, desse modo, aporta para a compreensão de um passado repleto de conflitos em processo de resolução, o passado da nossa América.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE ROJAS, C. A. *La historiografía en el siglo XX*. Historia e historiadores entre 1848 y ¿2025?. Barcelona: Montesinos, 2004.

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, n. 240. p. 82-85. México, 1991.

AÍNSA, F. La reescritura de la historia en la nueva narrativa latinoamericana. *Cuadernos Americanos* v. 4 n. 28. p. 13-31. Madrid, 1991.

ALBUQUERQUE, A. de B. de; FLECK, G. F. *Canudos: conflitos além da guerra – entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)*. Curitiba: CRV, 2015.

AMORTEGUI, D. A. S. Los Simón Bolívar de Fernando González y Evelio Rosero: del mito cósmico al caudillo genocida en la novela histórica. 2017. *Dissertação de mestrado*. Universidad Andina Simón Bolívar, Quito, Ecuador.

ANNINO, A.; ROJAS, R. *La independencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2018.

AQUINO, I. C. *Construções narrativas*. Literatura e história. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. [recurso eletrônico].

BAUZÁ, H. F. *El mito del héroe: morfología y semántica de la figura heroica*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2007.

BAKHTIN, M. *Problemas de la poética de Dostoievski*. Trad. Tatiana Bubnova. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

BLANCO, E. *Venezuela heroica*. México: Editorial Diana, 1952 [1881-1883].

BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BELTRÁN SALMÓN, L. R. *El gran comunicador Simón Bolívar*. La Paz, Bolivia: Plural, 1998.

BETANCUR, B. Las grandes tareas inconclusas del pensamiento de Bolívar. In: USECHE RAMÍREZ, R. A. *Simón Bolívar Palacios*. Bogotá, 1983. p. 11-20.

BOURDÉ, G. & MARTIN, H. *As escolas históricas*. Trad. Ana Rabaça. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

CARRERA DAMAS, G. *El culto a Bolívar: Esbozo para un estudio de la historia de las ideas en Venezuela*. Caracas: Alfadil Ediciones, 2003.

CASALINO SEN, C. A. *Los héroes patrios y la construcción del Estado-nación en el Perú (siglos XIX y XX)*. Tese (Doutorado) – Unidad de Postgrado, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú, 2008.

CHALHOUB, S. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHIBÁN, A. (org) & ALTUNA, E (org). *En torno a Bolívar: imágenes, imágenes*. Salta, Argentina: Gofica Editora, 1999.

COBO BORDA, J.G. Los nuevos Bolívares. *Cuadernos Hispanoamericanos*, 472, p. 7-25. Madrid, 1989.

COLMENARES, G. *Las convenciones contra la cultura*. Ensayos sobre la historiografía hispanoamericana del siglo XIX. Colômbia: TM Editores, 1997.

CONTRERAS, D. Fernando González, educador latinoamericano: pensamiento y rebeldía. *Nómadas*, n. 33, p. 199-210. Bogotá, 2010.

COSTA MILTON, H. *As histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo*. 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

CRUZ KRONFLY, F. *La ceniza del Libertador*. Bogotá: Planeta Editores, 1987.

CUADRIELLO, J. Una nación santa: de héroes a profetas. *Historias*, n. 79, p. 69-78. México, 2011.

CUERVO RAMÍREZ, A. C. *Los panidas: una historia de la lectura en Medellín (1913-1915)*. 2015. *Trabalho de conclusão de Curso*. Universidade de Antioquia, Colômbia.

DÍAZ POMAR, P. E. *La imagen de Bolívar en la literatura andina*. Dissertação (Mestrado) – Universidad Andina Simón Bolívar, Ecuador, 2008.

DORELLA, P. R. *Silvio Julio de Albuquerque Lima: Um precursor dos estudos acadêmicos sobre a América Hispânica no Brasil*. (Dissertações de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. La verdad de la autobiografía. *Revista de Occidente*, n. 154, p. 116-130. Madrid, 1994.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. 2. ed. Navarra: Universidad de Navarra, 2003.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo - releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FREITAS, M. T. *Literatura e história*. São Paulo: Atual, 1986.

FRYE, N. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2014.

GALVEZ, J. D. *La figura histórica de Simón Bolívar en la literatura colombiana: De la humanización a su desmitificación*. Editorial Académica Española (ONLINE), 2018.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *El general en su laberinto*. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 1989.

GAY, P. *Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONZÁLEZ OCHOA, F. *Mi Simón Bolívar*. Manizales: Editorial Cervantes, 2002 [1930].

GIL GONZÁLEZ, A. J. *Teoría y crítica de la metaficción en la novela española contemporánea*. (Tesis) Universidad de Salamanca, Salamanca: 2001.

GIL GONZÁLEZ, A. J. *Proceso de investigación y análisis – metaliteratura y metaficción – percepción intelectual del tema*. *Revista Antropos – Huellas del Conocimiento*, n. 208, p. 9-28. Barcelona, 2005.

GINZBURG, C. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOÑI, F. *Los sueños de un Libertador*. Barcelona: Roca Editorial, 2009.

GOÑI, F. *Todo llevara su nombre*. Barcelona: Roca Editorial, 2014.

GUADARRAMA, P. G. *José Martí y el humanismo en América Latina*. Bogotá, Colômbia: Convenio Andrés Bello, 2003.

GUTIÉRREZ ARDILA, D. 'En busca de Bolívar' de William Ospina. *Revista Universidad de Antioquia*, n. 303, p. 101-104. Medellín, 2011.

HARWICH, N. *Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía Iberoamericana*, Alemania, v. 3, n. 10, p. 7-22, 2003.

HESHMAT KASEM, N. *Desmitificación del personaje del Libertador en "La visita de Bolívar" de Herbert Morote*. 2018. Disponível em: <<https://www.herbertmorote.com/visita-bolivar/critica-nozad-heshmat.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

HOYOS, A. *Conviene a los felices permanecer en casa*. Bogotá: Altamir, 1992.

HURTADO, J. L. J. Las ideas positivistas en la América Latina del Siglo XIX. *Via Iuris*, nº 5, p. 91-102. Colômbia, 2008.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IBARRA, J. M. Ideas políticas de Bolívar. In: *Organización de los estados americanos: Bolívar*. Bogotá: Tercer Mundo, 1980. p. 249-264.

INOSTRA, J. *Bajo las banderas del libertador (Simón, hijo de América)*. Chile: Zigzag, 1970.

KEY AYALA, S. *Vida ejemplar de Simón Bolívar*. Caracas, Venezuela: Fundación editorial El Perro y la Rana, 2017.

KEY AYALA, S. *Eduardo Blanco y la genesis de 'Venezuela heroica'*. Caracas, Venezuela: Tipografía Americana, 1920.

KOHAN, M. La humanización de San Martín, notas sobre un malentendido. *Revista Iberoamericana*. nº 213, p. 1083-1096. Estados Unidos, 2005.

KOHAN, M. *Simón Bolívar y nuestra independencia: una lectura latinoamericana*. Buenos Aires: Editorial Yulca, 2013.

LANGUE, F. La Independencia de Venezuela, una historia mitificada y un paradigma heroico. *Anuario de Estudios Americanos*. v. 66, n. 2, p. 245-276. Sevilla, España, 2009.

LARRAZABAL, F. *Vida del Libertador Simón Bolívar*. Madrid, España: Editorial América, 1938. [1865].

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. 3. ed. México: Era, 1977.

LANDER, M. F. Sujeto nacional y biógrafo extranjero: la primera biografía en inglés sobre Manuela Sáenz. *Confluencia*, v. 31, n. 2, p. 153-167. Estados Unidos, 2016.

LARIOS, M. A. Espejo de dos rostros. Modernidad y postmodernidad en el tratamiento de la historia. In: KOHUT, K. (Ed.). *La invención del pasado: la novela histórica en el marco de la posmodernidad*. Frankfurt; Madrid: Vervuert, 1997. p. 130-136.

LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (Org). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998.

MAJLUF, N. De cómo reemplazar a un rey: retrato, visualidad y poder en la crisis de la independencia (1808-1830). *Histórica*, v. 37, n. 1, p. 73-108. Lima, 2013.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. Evolución y alcances del concepto de novela histórica. *Historia y ficción en la novela venezolana*, p. 15-54. Caracas, 1991.

- MARTÍ, J. *Obras completas*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1975.
- MARTÍNEZ HERRERA, O. F. Colombia, el paradigma de la transformación política de 1930 a 1946. *Revista colombiana de Ciencias Sociales*. v. 4, n° 2, p. 336-347. Colômbia, 2013.
- MARX, K. *Bolívar y ponte*. Trad. Carola Tognetti. E-book: 2019 [recurso eletrônico]. [1858].
- MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MIGNOLO, W. D. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Trad. Silvia Jawerbaum; Julieta Barba. Barcelona, España: Editorial Gedisa, 2007.
- MIRANDA, A. *La risa del cuervo*. Bogotá: Tomas de Quincey, 1992.
- MORA, C. d. *En breve: estudios sobre el cuento hispanoamericano contemporáneo*. Sevilla, España: Universidad de Sevilla, 2000.
- MOROTE, H. *La visita de Bolívar*. Lima, Perú: Biblioteca Nacional del Perú, 2018.
- MOROTE, H. *Bolívar, libertador y enemigo no. 1 del Perú*. Lima, Perú: Campodónico Editor, 2007.
- NAHÓN SERFATY, I. et al. *Detrás del Mito: La independencia de Venezuela 200 años después*. Caracas, Venezuela: La Galaxia, 2010.
- NUNES, Benedito. *Narrativa histórica e narrativa ficcional*. In: RIEDEL, Dirce Cortes (org.). *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 9-35.
- OBANDO ACOSTA, P. Destacado intelectual Nariñense, José Rafael Sañudo, es “El personaje 10 del día”. *Página 10*, 21 ago. 2018. Disponible em: <<https://pagina10.com/web/destacado-intelectual-narinense-jose-rafael-sanudo-es-el-personaje-10-del-dia>>. Acceso em: 21 jul. 2020
- OLIVEIRA, P. *Entre mulheres, uma história: um olhar literário à colonização brasileira em A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*. 2019. 104 f. Dissertação - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.
- OLMEDO, J. J. *La visita de Junín*. California: Prensa Católica, 1919.
- OSPINA, W. *En busca de Bolívar*. Bogotá: Norma Editores, 2010.
- OTÁLVARO, A; ZEUSKE, M. La construcción de Colombeia: Francisco de Miranda y su paso por el Sacro Imperio Romano Germánico, 1785-1789. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, v. 44, n.1, p. 177-198. Colombia, 2017.

- OVIEDO, J. M. García Márquez en el laberinto de la soledad. *Anthropos: Huellas del conocimiento*, 187, p. 68-74. Barcelona, 1999.
- OVIEDO, R. R. *Simón Bolívar como personaje literario y su transformación a partir de los tejidos de la verosimilitud en la novela y otras ficciones colombianas*. Bogotá: Manuvo, 2015.
- PALTI, E. J. La Historia de Belgrano de Mitre y la problemática concepción de un pasado nacional. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani"*, v.3, n. 21, p. 75-98. Buenos Aires, 2000.
- PINEDA, A. *El insondable*. Medellín: Fondo Editorial Eafit, 2004.
- PONS, M. C. *Memorias del olvido: la novela histórica de fines del siglo XX*. México; España: Siglo XXI, 1996.
- REYES CÁRDENAS, C. Balance y perspectivas de la historiografía sobre Independencia en Colombia. *Historia y espacio*, v. 5, n. 33, p. 15-40. Colombia, 2009.
- RICOEUR, P. *Tiempo y Narración*. Trad. Agustín Neira. Argentina; México: Siglo XXI, 2004.
- RÍOS, A. *Nacionalismo banales: el culto a Bolívar*. Pittsburgh: Nuevo Siglo, 2013.
- ROJAS, R. R. Un campo de batalla sin sangre. La heroicidad vicaria de Eduardo Blanco. *British Journal of Hispanic Studies*, v. 84, n. 1, p. 59-65. Liverpool: 2002.
- ROMERO, D. *La esposa del Dr. Thorne*. Barcelona: Tusquets, 1988.
- ROSETO, E. *La carroza de Bolívar*. Barcelona: Tusquets Editores, 2012.
- RUMAZO GONZÁLEZ, A. *Simón Rodríguez. Maestro de América*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2005.
- SALAZAR RAMOS, R. El positivismo Latinoamericano. In: *La filosofía en América Latina*. Bogotá: El Búho, 1993.
- SAÑUDO, J. R. *Estudios sobre la vida de Bolívar*. Pasto, Colombia: Editorial de Díaz Castillo y Cia. Pasto, 1925.
- SARDI, J. N. *Sesenta días con su Excelencia: novelización del diario de Bucaramanga*. Merida: Universidad de los Andes, 1964. [1944]
- SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992. p. 39-63.
- SILVIO JULIO. A. L. *Cérebro e Coração de Bolívar*. Rio de Janeiro: Alba, 1931.
- SOMMER, D. *Ficciones fundacionales: las novelas nacionales de América Latina*. Trad. José Leandro Urbina; Ángela Pérez. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2004.

SOTO, D. P. El pensamiento político de Fernando González Ochoa: del rastacuerismo a la autoexpresión del individuo. *Ciencia Política*, v. 10, n. 20, p. 151-175. Bogotá, 2015.

TORRE, M. *Literatura, história e memória em Gabriel García Márquez: Cem anos de solidão, O general em seu labirinto e O outono do patriarca*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2017.

TORRES CAICEDO, J. M. *Unión latinoamericana - Pensamiento de Bolívar para formar una liga americana*. Paris, Francia: Librería de Rosa Bouret, 1865.

UZCÁTEGUI, A. El adeudo abolicionista de Bolívar con Pétion visto desde el prisma historiográfico y epistolar. *Revista de Historia de América*, n. 151, p. 33-55. México, 2015.

USLAR PIETRI, A. Tiempo de Indias. IN: *Cuarenta Ensayos*. Caracas, Venezuela: Monte Avila Editores, 1990.

USLAR PIETRI, A. El rescate del pasado. IN: *Cuarenta Ensayos*. Caracas, Venezuela: Monte Avila Editores, 1990.

USLAR PIETRI, A. *Las lanzas coloradas*. Navarra, España: Salvat Editores, 1970. [1931].

VALENCIA SOLANILLA, C. Simón Bolívar en la novela colombiana contemporánea. *Monográficos SinoELE*, n. 17, p. 817-823. España, 2016.

VARGAS LLOSA, M. *La verdad de las mentiras*. Madrid: Punto de Lectura, 2007.

VARGAS LINARES, M. *Ahí le dejo la gloria*. Bogotá: Planeta Colombia, 2013.

VON HAGEN, V. W. *Las cuatro estaciones de Manuela*. México: Editorial Hermes, 1953.

WASSERMAN, C. A primeira fase da historiografia latino-americana e a construção da identidade das novas nações. *História da historiografia*, 7, p. 94-115. Ouro Preto, 2011.

WASSERMAN, F.; MALERBA, J. Teoría de la Historia e Historia de la Historiografía en América Latina y el Caribe. *História da Historiografia*, nº 27, p. 12-19. Ouro Preto, Brasil, 2018.

WHITE, H. *Metahistoria. La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX*. Trad. Stella Mastrangelo. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ZEA, L. *América como conciencia*. México: UNAM, 1972.